

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23236

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUARTA-FEIRA 9 MAIO 60\$00

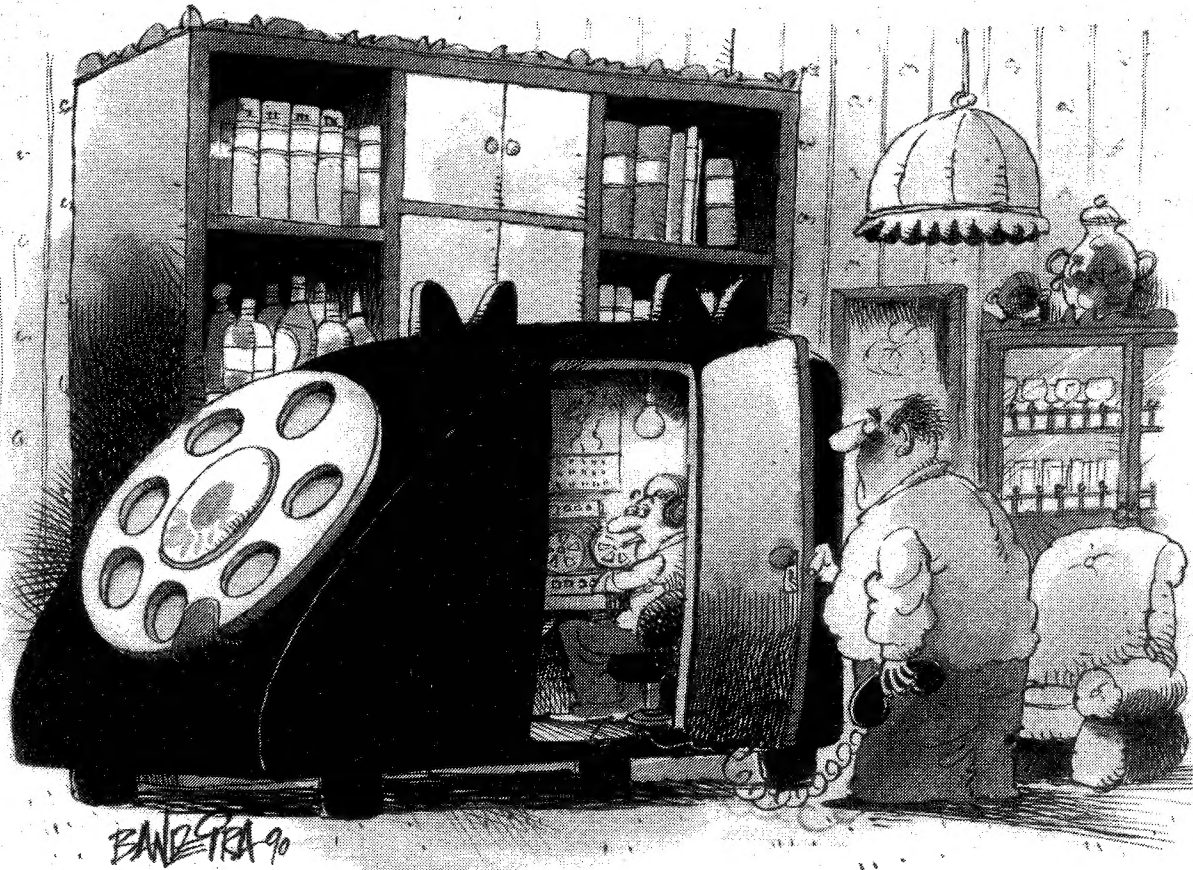
PS: reacção violenta contra a reforma eleitoral

O Partido Socialista negou ontem, terminantemente, os votos dos seus deputados à formação da maioria qualificada de que o primeiro-ministro carece para fazer passar a proposta de alterações à lei eleitoral. A recusa foi protagonizada por António Guterres e fundamentada no facto de o Governo pretender, segundo disse, «aliciar o PS a uma tentativa de esmagamento dos outros partidos».

«Conosco não contem», afirmou, no que foi entendido (e aplaudido) pela Oposição como um compromisso irreversível dos socialistas perante o Parlamento e a opinião pública.

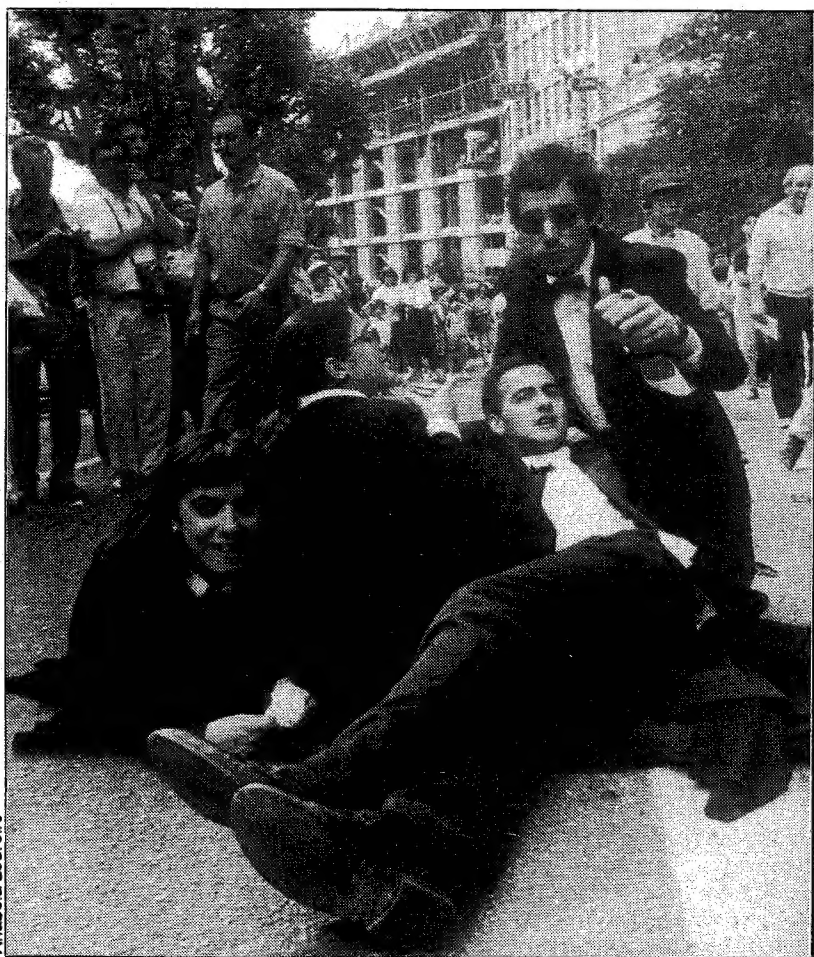
Pág. 7

Estado escuta sem controlo



As escutas telefónicas estão na ordem dos medos de todos os dias, povoam imaginários e revelam que, também nesse capítulo, é notório o nosso atraso. Sem as espionites agudas que dão fios para todas as mangas, o «DL» quis saber como e por que motivos se fazem escutas em Portugal, com reiterado respeito pelas leis pátrias. E verificou que a privacidade está à margem de práticas em nome do Código de Processo Penal recente, do senso comum e dos pareceres de juristas. Como na lenda do miúdo que escavou um buraco para desabafar um segredo, pareceria que o vento a soprar nos canaviais garantiria que o Rei Midas tem orelhas de burro. Sejam do que forem as orelhas, há uma legislação e uma falta de regras que se mantêm. A começar pelas orelhas, desde que ouçam tudo, até o que não interessaria ao mérito de autos em que afinal as escutas requeridas não aparecem; e também as regras, porque a desatenção cívica é muita.

Págs. 2, 3 e 4



Anabela Loureiro

Estudantes em festa A paródia tomou ontem conta de Coimbra, numa mistura de gentes que reviveram a praxe sem se renderem ao convencionalismo. Aos caloíros, de coroa de flores na cabeça, e quintanistas, de cartola e bengala, juntaram-se os familiares e a população, imprimindo grande animação à cidade. A cerveja e o vinho, como é de hábito, correram a rodos, mas nada há a assinalar por via disso. Também o Porto viveu ontem a festa da queima das fitas e, pela primeira vez, com a presença do chefe de Estado.

Págs. 16 e 17

Coreia do Norte quer apressar unificação

A Coreia do Norte deseja apressar a reunificação da península com base no princípio «um Estado, dois regimes», disse ontem em Lisboa o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Chon In Chol. O ministro, que termina hoje esta sua «visita de trabalho» ao nosso país, reafirmou, num encontro com jornalistas, a proposta da constituição de um Estado confederado que unifique as duas Coreias, mantendo um regime socialista a norte e outro capitalista a sul. Chol também manifestou a disposição do presidente Kim Il Sung em desencadear um novo processo de conversações bilaterais ou tripartidas com os EUA, visando a retirada de todos os efectivos norte-americanos da península.

Pág. 11

Valentim de Carvalho muda-se para o Rossio

As obras já se iniciaram e a inauguração está prevista para Outubro. É a primeira mudança para melhor, de quantas, nos últimos anos, tomaram conta dos quarteirões ocidentais do Rossio.

A EMI/Valentim de Carvalho que, antes do incêndio do Chiado, estava

na Rua Nova do Almada, muda-se para a praça nobre de Lisboa, no espaço até há poucos anos ocupado pela antiga lei-taria O Passo e pelo ex-Café Portugal. Deste último é mantida a fachada, concebida em 1938 por Cristino da Silva.

Pág. 20



Pedro Roseta formaliza candidatura ao PSD/Lisboa
Pág. 5

Governo dá bónus para combater o desemprego
Pág. 10

Praias poluídas de Sines até Santo André
Pág. 15

Dia da Europa festejado em Lisboa
Pág. 15

Porto e Sporting fintados em Paris
Pág. 25

Apesar das mais recentes versões subjames bondescas sobre escutas telefónicas, tecnologicamente à disposição em qualquer «free-shop» de aeroportos grandes da nossa CEE, há em Portugal uma forma de ouvir tudo e todos dentro da estrita legalidade. A Justiça desta Pátria é cega, como na estátua, mas vinga-se com duas e mais orelhas de ter apenas uma boca, a do «Diário da República». E é por essa boca que morre a nossa privacidade, desde que o fio seja adequado

Escutas legais sem controlo nem amor à privacidade

GRANDE ANGULAR

Imagine o leitor quarentão que recebe uma chamada do António, ex-colega, para o convocar para uma jantarada de malta fixe que frequentou o liceu lá da terra, todos no mesmo 5º ano. Há décadas que não estão em contacto, nem sabem se se reconhecerão, tanto tempo depois de abandonarem as berças.

Entendem-se, todavia, porque evocam de passagem aventuras adolescentes de namoradas, ou riem com partidas pregadas a professores já falecidos ou reformados.

Antes de ter desencantado o paradeiro do leitor, o António fôra telefonicamente abordado pelo Bento, do tal 5º ano, que em conversa do mesmo estilo entrara na cadeia da camardagem de outros tempos por via do Carlos.

O Carlos tinha o telefone vigiado pela Polícia Judiciária, com autorização do juiz de Instrução Criminal, por suspeita de envolvimento em actividades pouco ortodoxas. E o telefone do leitor passa a estar vigiado, como já sucedia com os do António e do Bento, porque todos estiveram em contacto, ainda que distante, com o Carlos (e isso bastaria), usando ainda por cima uma linguagem

críptica, retirada em directo da memória viva do tempo dos adolescentes que foram.

Aqui, parou a fábula. Porque a intimidade do seu larear a privacidade da sua mulher, da prole e também a sua, foi colocada entre parêntesis, à luz de um Código de Processo Penal recente e de uma prática policial tolerada, até justificada, em nome do interesse público.

Por haver ou para haver processo?

Fontes policiais e judiciais confirmaram ao «DL» a possibilidade de uma cadeia de escutas legais como a descrita na fábula (?), pedindo para não serem citadas.

Quanto à decisão de mandar colocar uma escuta telefónica, o Código de Processo Penal impõe a autorização prévia de um juiz de Instrução Criminal que acredite existirem «razões para crer que a diligência se revelará de grande interesse para a descoberta da verdade ou para a prova» de crimes tipificados nas cinco alíneas do nº1, do art. 187º, do Código aludido:

- a) Puníveis com pena de prisão superior, no seu máximo, a três anos;
- b) Relativos ao tráfico de estupefacientes;
- c) Relativos a armas, engen-

hos, matérias explosivas e análogas;

- d) De contrabando; ou
- e) De injúrias, de ameaças, de coacção e de intromissão na vida privada, quando cometidos através do telefone.

Fontes ligadas à investigação criminal não hesitam em afirmar que a autorização judicial de escutas pode ser facilitada, caso a polícia carregue um tanto as

cores e os tons da fundamentação do pedido.

Mas quando perguntámos a Manuel Carvalho, presidente da Associação Sindical dos Funcionários de Investigação Criminal da Polícia Judiciária (ASFIC) se as escutas eram solicitadas para haver um processo em curso ou por causa de estar em curso um processo, a resposta foi lacónica: «A es-

cuta é feita no âmbito de um inquérito».

Inquérito que, note-se, tem características muito especiais dado que, nos termos do presidente da ASFIC, apenas é solicitado «em processos complexos, como bombismo, terrorismo e tráfico de estupefacientes». Ao salientar que é pouco usual o pedido de escutas telefónicas aos magistrados,

por parte da PJ, Manuel Carvalho conclui que «neste momento, em Portugal, não existem fenómenos criminais que justifiquem um aumento de escutas».

E chama a atenção para o facto de ser bem mais fácil obter a autorização de um magistrado para a instalação de escutas quando se trata de dar cumprimento a um mandato de captura emitido



Controlo técnico e letra da Lei atraem iras de magistrados e advogados



António Cluny: «Em termos técnicos, é possível gerar-se uma cadeia de escutas»

«Em termos técnicos, é possível gerar-se uma cadeia de escutas», confirmou ao «DL» António Cluny, presidente do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público.

A seguir, considerou que «não deveria ser delegada essa operação técnica em qualquer autoridade policial, sem o acompanhamento efectivo por parte do magistrado que autorizou a escuta, de modo a evitar o uso e abuso do fim a que ela se destinava».

Mais preocupado com tentativas avulsas de «criação de um inquérito prévio ao inquérito judicial», à margem do Ministério Público e do juiz de Instrução Criminal, António Cluny lamenta que não exista «possibilidade de controlo por parte da magistratura judicial ou do Ministério Público, em termos técnicos», salientando que esse controlo se mantém inexistente «sobre o que é entregue ao processo».

As questões técnicas tornam-se políticas porque o domínio tecnológico dá a fonte de poder, mesmo judicial, nas sociedades humanas, desde sempre, se bem que agora com maior intensidade.

Na letra do nº 3, do art. 187º, do Código de Processo Penal, «é proibida a interceptação e gravação de conversações entre o arguido e o seu defensor, salvo se o juiz tiver fundadas razões para crer que elas constituem objecto ou elemento de crime». Fontes da Polícia Judiciária declararam ao «DL» que os advogados são tão cidadãos como os outros e, portanto, podem ser visados por escutas telefónicas como as outras, desde que se revelem úteis à investigação.

A advogada Ana Merelo acha que o Código em causa permitiu que entrasse pela janela o que os juristas portugueses tinham corrido pela porta, quando se discutiu a Lei de Segurança Interna.

Depois de resumir as «fundadas razões» da Lei ao mero «arbitrio do juiz», Ana Merelo pergunta, um tanto na linha de pensamento dos magistrados que querem seguir de perto esta diligência processual: «Que tipo de elementos chegam ao juiz para que ele tenha essas fundadas razões?»

As perguntas não terminam aqui. «Como é que nós, advogados, não nos

insurgimos contra isto?», questiona Ana Merelo, em cuja opinião toda a classe devia ter «protestado de forma pública contra a forma de se ter conseguido de forma insidiosa, por via do novo Código de Processo Penal, o que a Lei da Segurança Interna não consagrou, como um cavalo de Tróia».

Porque, na indignação de Ana Merelo, «isto é muito mais que a violação do dever profissional de sigilo. É a violação do que há de mais sagrado para o advogado, que é a sua relação com o constituinte. No geral, é inadmissível a escuta do advogado enquanto profissional e por causa da sua profissão, ainda que o princípio esteja escamoteado sob a forma de excepção».

Mais: como está, a legislação põe em causa o próprio direito à defesa. Porque responde mal a uma pergunta com que Ana Merelo rematou as suas declarações ao «DL»: «Do ponto de vista do arguido, é a insegurança total. Se não pode ter confiança no diálogo com o seu defensor, em quem é que afinal pode confiar?»

J.J.



Como as bruxas no dizer de Sancho Pança, ninguém oficialmente acredita nas escutas telefônicas, «pero que las hay, hay»

«durante o inquérito ou após julgamento» que nos casos em que apenas se pretende «uma clarificação de situações». Entre estes, assinala crimes económicos como os que levaram à investigação sobre o trajecto de dinheiros provenientes do Fundo Social Europeu, por exemplo, «atendendo a que esse tipo de crime se sofisticou e aumentou em quantidade».

Numa comunicação apresentada ao V Encontro Internacional de Magistrados, o Procurador-Geral Adjunto e ex-Director-Adjunto da Polícia Judiciária, Henrique Pereira Teotónio, verificou neste ponto «uma aparente violação das regras da competência territorial», para a seguir justificar a redacção do preceito da seguinte maneira: «Com efeito, a PJ exerce funções em todo o território nacional e é apenas a esta polícia que estão cometidas as tarefas de proceder às escutas».

E o assunto pode tornar-se perfeitamente tórrido na hipótese de serem baseadas em fundadas suspeitas as escutas feitas a políticos. Porque, se foram autorizadas, é sinal de que há muito mouro na costa, para usarmos a expressão mais branda.

A vontade do freguês?

Provocou alguma polémica a abertura dada pelo novo Código de Processo Penal à ordem ou autorização de escutas emitida quer pelo «juiz dos lugares onde eventualmente se puder efectivar a conversação ou comunicação telefónica», quer pela «sede da entidade competente para a investigação criminal». Dir-se-ia que, dessa forma, poderia um investigador menos atento à protecção da privacidade de cada cidadão tentar por mais de uma vez e por mais que uma via obter a escuta. A vontade do freguez, enfim.

Bastaria alegar que se estava, nos termos da Lei, perante «terrorismo, criminalidade violenta ou altamente organizada» ou face a sus-

peitas tão diversas como as de associação criminosa, tentativa de crimes contra a paz e a humanidade, ou a segurança do Estado, e ainda, para além da produção e tráfico de estupefacientes, delitos como falsificação de moeda e pirataria aérea ou marítima.

Numa comunicação apresentada ao V Encontro Internacional de Magistrados, o Procurador-Geral Adjunto e ex-Director-Adjunto da Polícia Judiciária, Henrique Pereira Teotónio, verificou neste ponto «uma aparente violação das regras da competência territorial», para a seguir justificar a redacção do preceito da seguinte maneira: «Com efeito, a PJ exerce funções em todo o território nacional e é apenas a esta polícia que estão cometidas as tarefas de proceder às escutas».

Já no capítulo das formalidades, o assunto mereceu ao jurista citado um ataque às «lacunas e incongruências», no capítulo da execução das escutas. «Desde logo porque não indica concretamente quem as efectua, não se nos oferecendo dúvidas que, devendo sê-lo, como se disse, pela PJ, tal tarefa compete somente aos funcionários da classe de *investigação criminal* e, de entre estes, somente àquele(s) a quem o processo foi distribuído», considerou Henrique Pereira Teotónio, antes de referir: «Não tem qualquer apoio legal que funcionários técnico-administrativos, até porque não vinculados pelo dever de segredo de justiça e porque não lhes é vedado legalmente o exercício remunerado de outras funções, públicas ou privadas, desde que autorizadas (art. 14º e 85º da Lei Orgânica da Polícia Judiciária), possam, na prática, não só proceder a actos conexos com a interceptação e gravação de conversações ou de comunicações telefónicas ou simi-

lares, como ainda de hierarquizar as respectivas prioridades, à completa revelia» de quem de direito.

Dentro e fora do contexto

Segundo o magistrado aludido, há uma outra razão para que a delicadeza desta operação não fique cometida a qualquer elemento da PJ. «Depois, porque se silencia o que verdadeiramente deve ser transmitido para o processo. Sendo em muitos casos praticamente impossível ou sem interesse probatório reproduzir tudo quanto foi interceptado e/ou gravado, há que conceder também aqui uma relativa margem de manobra aos respectivos funcionários de investigação», sendo a preocupação fundamental obstar à destruição da prova «na fase inicial do processo», medida que «pode vir a comprometer irremediavelmente a descoberta da verdade e a realização da justiça», afirmou Henrique Pereira Teotónio.

«O respeito pelos direitos do indivíduo, por um lado, e o interesse da justiça, por outro, ficariam igualmente ou melhor garantidos mediante o recurso a gravação em suportes, a serem selados, ficando depositados na entidade que procedeu às operações até ao arquivamento definitivo» ditado por despacho do Ministério Público ou por decisão judicial transitada. Surge aqui um conjunto de questões que muito têm a ver com os direitos de um acusado num Estado de Direito. Em primeiro lugar, e depois de tudo o que se disse sobre a forma como é encarada a interceptação, há que averiguar se a transcrição de conversas telefónicas para os autos, com a selecção dos elementos tidos como interessantes para o processo, não exprime uma confiança excessiva na subjectividade do autor material da transcrição. Em segundo lugar, e sabendo-se em que condi-

ções de tempo e de espaço funciona a justiça portuguesa, cabe perguntar se algum juiz terá disponibilidade para ouvir a gravação integral obtida por meio de escutas.

Ou, dito de outra maneira: se um sujeito é detido, está no pleníssimo direito de prestar ou não declarações. Sob escuta telefónica, presta declarações como monsieur Jourdain: sem saber.

Uma confissão assim obtida poderá ser considerada «raíña das provas», como a tradição romana e os tratos inquisitoriais ensinaram a sucessivas gerações de juristas em botão?

Se se dirigir à polícia para prestar declarações, o que fica registado está contextualizado e a assinatura garante a autenticidade da autoria. Nos casos de envio de telexes ou de comunicação entre dois computadores, processos susceptíveis de interceptação legal, como as chamadas telefónicas, nem a semelhança de voz pode garantir a autoria da mensagem incriminadora.

Nem que, repita-se, ela não tenha sido truncada, por inadvertência, por exemplo.

Num texto sobre escutas enviado recentemente à Assembleia da República pelo titular da pasta da Justiça, Laborinho Lúcio, descrevem-se de uma forma diferente a interceptação e a gravação, ao nível das formalidades, com uma síntese do art. 188º do Código de Processo Penal.

«Lavra-se auto da operação, a que são juntas as fitas gravadas ou elementos análogos, que é imediatamente apresentado ao juiz, para conhecimento deste.

- O juiz ordena a inserção no processo dos elementos recolhidos que considera como interesse para a prova. Caso contrário, ordena a sua destruição.

João Isidro

Cont. na página 4

COMENTÁRIO

O regabofe da devassa

No debate acerca das fronteiras da legalidade, o interesse público, a realização da Justiça, a punição do crime são argumentos atordoados, perante os quais todos os outros envergonhadamente cedem, mesmo que respeitabilíssimos e acaso superiores, ou demonstrativos de que os primeiros podem muito bem virar-se contra si próprios.

As escutas, que, na meninice, nos ensinaram a considerar prática indecente, foram redimidas enquanto instrumento legal de devassa da intimidade, em situações específicas, nas quais esse feio exercício possa concorrer para um melhor conhecimento dos factos em curso de investigação. O Código de Processo Penal tipifica as circunstâncias em que são admissíveis, por alvedrio de um juiz de Instrução Criminal solicitado a autorizá-las, mediante pedido fundamentado da polícia. As restrições do articulado inculcam uma relativa tranquilidade que a prática conhecida ou suspeitada não favorece: há lugar generoso à facilitação dos pedidos, é ilegalmente vasto o número de funcionários policiais competentes para efectuar escutas, é descomedida a confiança na subjectividade de quem selecciona o material escutado a transcrever para os autos. Acima de tudo, o sistema possui a capacidade de replicação dos tumores malignos: a escuta do telefone do presumível criminoso arrasta a escuta de quem com ele contactar pelo mais inocente motivo. Incluindo a das conversas com o seu advogado constituído. A devassa generaliza-se, sem objecto. Eis como a alegada defesa do interesse público procede à rasoira dos Direitos do Homem, alegadamente imperantes no nosso Estado. De Direito.

Isto quanto às escutas feitas com beneplácito legal, lacunoso e incongruente, mas legal. Porque há outras. Há mesmo, já, um pavor da escuta, porventura excessivo, que não foi gerado *ex abrupto*: nasce da suspeita fundada de que, além das polícias, outras entidades violam a privacidade dos cidadãos, alguns deles ocupando posições institucionais de relevo. Os jornalistas convivem frequentemente com a precavida discrição telefónica de interlocutores atentos aos *clicks* inopinados; não tardará, persistindo esta desbragada conduta invasiva, que um cidadão se acoite em cenário conspirativo para satisfazer a curiosidade da Imprensa quanto ao liceu que frequentou: pode ter sido colega de carteira de um primo em quarto grau de um arguido no processo das FP-25.

Anuncia-se legislação regulamentadora das empresas de segurança, o que é bom, mas não se sabe se o Governo abandonou o entendimento restritivo dos poderes do Conselho de Fiscalização dos Serviços de Informações, de que se queixavam, em 1988, os seus membros — o que é inquietante. Lidamos aqui com as escutas fora da

alçada do ministro da Justiça, mas fazendo parte do sistema de Estado; fora deste sistema, o melhor que Laborinho Lúcio tem a oferecer é a confissão de que, por entre os dedos do cego braço da Justiça, se escapulem escutas desprovidas da cobertura legal, já de si tão controversa. Desejamos que a tão estimável acto de coragem suceda actuação em conformidade, para que se não confunda franqueza com impotência.



João Paulo de Oliveira

**GRANDE
ANGULAR**

«Quem escuta de si ouve»

As escutas com política no bico surgem nestas páginas por razões alheias à leitura apaixonada de John Le Carré e à modernização acelerada do País. Há mais de dez anos, as notícias sobre uma nova arte branca nos Estados Unidos (primeira desde a invenção do *strip-tease*) davam conta da venda livre de engenhocas capazes de satisfazer a curiosidade de americanos tranquilos quanto aos variados sucessos das vidas dos vizinhos, por cá apenas pressentidos por via da falta de isolamento à altura nas construções recentes em propriedade horizontal. Apontar uma mini-parábólica às vibrações da janela em frente, como «plantar» um microfone durante a civilidade do pedido de um raminho de salsa, tudo estava por cá a milhas marítimas da nossa coscuvilhice honrada. Para quê, agora, este berreiro de políticos contra o silêncio atento das escutas? Ou não sabem eles, como as empregadas domésticas que há anos eram criadas e frequentadoras de fechaduras amplas de portas velhas, que «quem escuta de si ouve»?

João Isidro

O tímpano indiscreto

Cont. da página 3

- O arguido e o assistente, bem como as pessoas cujas conversações foram escutadas, podem examinar o auto, a fim de se inteirarem da conformidade das gravações, bem como podem obter, à sua custa, cópia dos elementos respectivos.

Esta faculdade só lhes será negada pelo juiz se este tiver razões para crer que o conhecimento do auto ou das gravações em inquérito ou em instrução poderia prejudicar as finalidades do processo».

Aqui, a destruição das gravações surge antes do arquivamento do processo ou do proferir da sentença. Ora a manutenção dos elementos «em bruto» evitaria a descontextualização referida, dando decerto maiores meios à defesa, mais força à acusação e reforçadas garantias a terceiros que, como na fábula (?) acima contada, foram envolvidos num assunto que lhes era estranho, para que, «à sua custa», e na eventualidade de saberem da indiscrição legal, queressem saber o que tinham dito, na desconstrução de uma conversa a milhas de qualquer cambalacho sinistro.

Mesmo que o magistrado só aproveite uma ou outra parte das gravações, as que interessam, já ouviu outras coisas que podem não abonar a favor do réu, no plano estritamente pessoal e não criminal.

Na mais cordata das hipóteses, todos pressentem, como Grunwald referiu, que «o juiz adquiriu o saber proibido e é uma evidência que já não pode apagar da sua cabeça» (citado por Costa



Os equipamentos terminais são a face mais simpática de novas tecnologias que, para além do design, também contam com a intercepção

Andrade na «Colectânea de Jurisprudência», ano VI, tomo I).

Regresso à fábula

O leitor quarentão do início desta prosa poderá ser surpreendido ao saber que teve o telefone sob escuta. Depois, pode querer saber o que é que as autoridades ouviram, couraçadas num Código de Processo Penal que, como na

altura foi dito, mas pouco ouvido, ultrapassou nas suas disposições o próprio conteúdo da autorização legislativa concedida pelo Parlamento.

Mas mesmo que as escutas tenham sido feitas sem os requisitos e condições referidos nos arts. 187º e 188º do CPP, a nulidade com que seriam cominados os seus resultados é «dependente de

arguição, pois não está abrangida na enumeração taxativa do Art. 119º, ficando assim sob alçada do art. 120º e sanada se não for arguida a tempo», como sustenta Maia Gonçalves.

Por causa destas nulidades dependentes e outros feitos é que houve quem sustentasse, com algum cinismo, que o novo Código de Processo Penal se tinha limitado a cobrir

com o manto diáfano da legalidade a nudez crua de práticas policiais menos atentas aos direitos de todos, arguidos ou não. Há outra interpretação quanto a este assunto, a da aplicação às novas tecnologias de uma máxima evangélica: «Quem tem ouvidos para ouvir, ouça» (Marcos, 4,9).

J.I.

Governo estuda nova legislação

Ouvidos do sistema de Estado e de empresas de segurança

«Finalmente, estuda o Governo nova legislação que regule a actividade de empresas privadas de segurança, também aí criando mecanismos de prevenção no domínio da utilização de novas tecnologias, nomeadamente nas que se prendem com a questão das escutas telefónicas», escreveu à Assembleia da República o ministro Laborinho Lúcio.

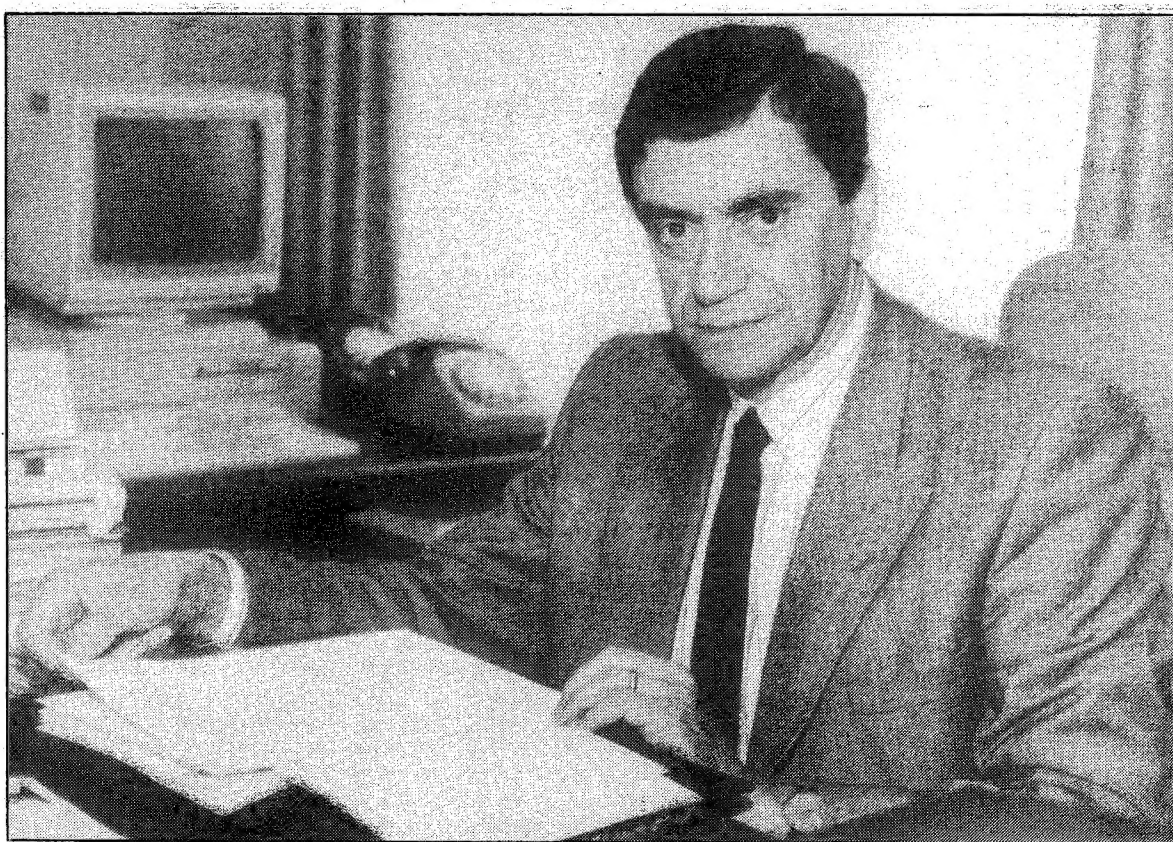
Ainda que as fontes das «empresas privadas de segurança» estejam incapazes de se comprometerem publicamente nestes feitos, como Pilatos no Credo ou detectives particulares em anúncios de consultas que nem sempre resultam, publicados nalguns jornais, é ainda o próprio titular da pasta da Justiça que, em declarações ao «Expresso» do último sábado, apenas se «permite calcular que haja a possibilidade de se fazerem escutas telefónicas fora do sistema de Estado. Assim, não se pode seriamente afirmar que elas não existam».

Valha-nos a franqueza.

Porque não são da competência do Ministro da Justiça algumas escutas do «sistema de Estado» que,

possivelmente, serão feitas por organismos pouco vistosos mas dedicados à chamada segurança nacional. O caso dos GAL e o recrutamento em Portugal de candidatos a homicidas de membros da ETA basca residentes em França descobriu há coisa de dois anos uma ponta do véu sobre os serviços de informações militares, quando um relatório do Conselho de Fiscalização dos Serviços de Informações, publicado em 22 de Julho de 1988, concluía que «por parte do Governo parecia haver um entendimento restritivo sobre os poderes» do dito Conselho.

Subscrito por Montalvão Machado (PSD), José Luís Nunes (PS) e Marques Júnior (PRD), este documento constata por duas vezes a falta de um serviço de informações devida à extinção da PIDE/DGS e por duas vezes alude à concentração nas instâncias militares das competências e das capacidades expeditas dos membros de uma organização extinta pela mesma liberdade que levou os três cidadãos referidos ao Parlamento que hoje integram.



Laborinho Lúcio e os magistrados apenas controlam uma parte do «sistema de Estado»

J.I.

POLÍTICA

Distrital de Lisboa do PSD

Pedro Roseta formalizou candidatura

Pedro Roseta anunciou ontem, formalmente, a sua candidatura à presidência da distrital de Lisboa do PSD. Em declarações à Lusa, adiantou que «conta já com o apoio explícito de cerca de vinte secções residenciais do PSD e de grande número de delegados da JSD e dos TSD». As eleições realizam-se no próximo dia 25, soube o «DL» de fonte social-democrata. A proposta vai ser apresentada ainda esta semana ao presidente da mesa da assembleia, embora reuna à partida o consenso de todos os interessados.

O deputado social-democrata está outra vez em Estrasburgo e pelo que o «DL» apurou, na última reunião com dez secções Pedro Roseta não deu uma indicação clara sobre a sua disponibilidade para entrar na luta pela sucessão de Pinto Leite.

Fonte do PSD revelou ao «Diário de Lisboa» que das secções presentes na reunião apenas se pronunciaram seis, quatro das quais a desfavor de Pedro Roseta.



Pedro Roseta decidiu finalmente candidatar-se, apesar dos fortes apoios de que dispõe Pedro Pinto

Aliás, o desinteresse manifestado pelo deputado em relação às eleições para a distrital, chegando a afirmar que «são as secções que me têm de convencer» e a ida para Estrasburgo, foram considerados factores desmobilizadores para os potenciais apoiantes da candidatura.

vernador de Lisboa, Machado Lourenço, os dois vice-presidentes da distrital Jorge Ferraz e Victor Gonçalves. O candidato conta ainda com o apoio quase unânime da Comissão Permanente.

M.J.R.

Televisão privada marca passo

A Comissão dos Direitos Liberdades e Garantias reúne hoje para analisar questões relativas à atribuição da Televisão a entidades privadas e à Igreja. Os deputados do PSD vão propor que o assunto passe em definitivo para a sub-comissão da Comunicação Social. Os sociais-democratas querem acelerar o processo de forma a que tudo esteja concluído até ao final da legislatura.

Na reunião deverá ficar também definida a metodologia a adoptar, nomeadamente no que respeita à audiência das entidades interessadas (privados, Igreja e a Radiotelevisão) e de técnicos especializados.

O PSD aguarda a recuperação do negociador da Igreja, Magalhães Crespo, para continuar as negociações. O administrador da Rádio Renascença deverá voltar ao activo na próxima segunda-feira. Até ao momento, os representantes da Igreja discordam das propostas apresentadas pelo PSD, enquanto o partido da maioria afirma que não são ainda definitivas e apela para a flexibilidade da hierarquia eclesiástica.

Redacção «DL»

PRD apresenta moções

Eanes fica à espera da IV Convenção

Eanes dominou ontem a apresentação das moções globais para IV Convenção do PRD marcada para Junho, num hotel de Lisboa. Ausente ou presente, é evidente que os renovadores têm sérias dificuldades em desprenderem-se da figura do ex-Presidente da República. De tal modo, que nomearam uma comissão para o sondar sobre o que pensa fazer, e sobretudo saber se nos seus planos está deixar, e quando, o PRD.

Ao que o «DL» apurou, Eanes deverá clarificar o seu relacionamento com o partido em documento escrito a apresentar à Convenção Nacional. O papel que desempenhou no lançamento e ao serviço do PRD, tornaram-se numa referência histórica inevitável. Sobre ele se falou ontem, mais que sobre o conteúdo das três moções globais a discutir na reunião magna do Partido Renovador Democrático.

As duas moções globais ontem divulgadas - uma subscrita por Jorge Larsen, outra por Cândido Igrejas - citam Eanes, no primeiro caso como exemplo, nos segundo como hipótese a potenciar pelo PRD na «corrida» a Belém. Ficamos agora à espera da apresentação do texto de Ivo Pinho, que Hermínio



Eanes

Martinho já anunciou apoiar.

Para já sabe que a moção de Jorge Larsen privilegia a classe média em que o PRD se deve ver como «partido central», ao qual compete um papel «regulador da bipolarização portuguesa».

Larsen quer apoio de Canavarro

Larsen aguarda que Canavarro também venha a terreiro declarar o seu apoio à sua moção, por ser - segundo ele - «o homem ideal

para liderar os renovadores democráticos no espaço da social democracia de raiz nacional» que esta linha do PRD defende.

«A minha moção propõe-se revitalizar e relançar o PRD no espaço da social democracia e do socialismo democrático», acentuou Ivo Pinho que, na sua apresentação à comunicação social, por vezes se confrontou com as propostas de Larsen e de Cândido Igrejas.

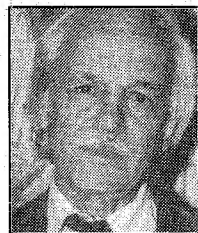
Duas moções sectoriais animarão também a reunião magna do PRD, assim como uma proposta de alteração aos estatutos subscrita por Azevedo Mota, que pretende o uso do voto secreto e a eliminação do abuso das listas «ad hoc», à revelia dos órgãos regionais e nacionais representativos.

J.R.

Atribuído Prémio Mário Soares

Francisco Pablo da Silva Torres foi o jovem investigador distinguido com o Prémio Mário Soares, no valor de 500 contos, relativo a 1990. «Portugal, o sistema monetário europeu e 1992, estabilização e liberalização» é o tema do trabalho elaborado por este economista de 31 anos que prepara actualmente o doutoramento no Instituto de Estudos Europeus, em Florença. O trabalho premiado analisa as implicações da participação de Portugal no sistema monetário europeu. O Prémio Mário Soares foi instituído em 1988 pelo actual chefe de Estado que, após ter sido galardoado um ano antes com o Prémio Schumann, decidiu criar com a verba correspondente um fundo para atribuição anual de uma distinção para jovens investigadores portugueses.

Julio Resende padrinho «honoris causa»



O Presidente da República convidou ontem o pintor Júlio Resende para ser seu padrinho no doutoramento «honoris causa» que vai receber na Universidade do Porto, em data a determinar. Mário Soares termina hoje a sua visita àquela cidade com contactando várias instituições culturais, casos da Régie Sinfonia e do Museu de Serralves.

Ex-presos das FP 25 apelam ao Presidente

A amnistia política para os implicados no «caso FUP/FP-25» acaba de ser uma vez mais reivindicada por ex-presos do processo, familiares e pela Comissão Pró-Amnistia, que ontem enviaram a Mário Soares um documento apelando à resolução da questão por essa via. Nele se chama a atenção para as «contradições e vicissitudes» do processo que, na óptica dos signatários, inviabilizam qualquer outra solução.

Conceição e Silva na Bélgica



O Chefe de Estado-Maior da Força Aérea parte hoje para a Bélgica, onde permanecerá até 13 de Maio a convite do seu homólogo daquele país. Conceição e Silva vai visitar unidades militares e indústrias civis ligadas à aeronáutica. Entretanto, o general José Alvarenga de Sousa Santos foi ontem empossado em Monsanto no cargo de comandante operacional da Força Aérea.

Portugal e Índia: acordo cultural

Portugal e a Índia assinaram em Março um programa de cooperação cultural a aplicar entre o presente ano e 1992 - anunciou ontem o Ministério dos Negócios Estrangeiros. O programa envolve, entre outras questões, a criação de dois centros culturais portugueses naquele país - em Goa e Nova Deli - e a possibilidade de abertura de mais dois leitorados em universidades indianas.

Autarca de Anadia passa a independente

O presidente da Câmara de Anadia, que na semana passada anunciara a intenção de se demitir por discordar da nomeação de Gilberto Madail para o cargo de governador civil de Aveiro, decidiu manter-se no cargo, na qualidade de independente. Silvio Cerveira apresentou na segunda-feira a sua demissão do PSD, perante a Comissão Política Concelhia e comunicou a sua decisão ao executivo municipal, em reunião extraordinária realizada ontem. Segundo apurou o «DL», vai explicar-se perante os sociais-democratas anadienses em plenário convocado para o próximo sábado.

MRPP queixa-se de discriminação

O MRPP anunciou a realização, na tarde de amanhã, de uma conferência de Imprensa em Lisboa destinada a divulgar «novos dados» sobre a sede nacional. Em nota distribuída à Comunicação Social, queixa-se de discriminação da parte da Câmara e do Governo, por não lhe ter sido assegurado um local para funcionamento da sua sede, na sequência da demolição do prédio em que estava instalada.

Deus Pinheiro «presta contas» ao Conselho da Europa

No final do mandato na presidência da organização, o ministro dos Estrangeiros recebe em Estrasburgo líderes do Leste

O ministro dos Negócios Estrangeiros apresenta hoje em Estrasburgo, perante a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, o relatório da presidência portuguesa da organização, marcada pelos imperativos da abertura a Leste.

João de Deus Pinheiro, que amanhã recebe a medalha de ouro da Assembleia Parlamentar, passa assim a «pasta» a São Marino, que ocupará a presidência no próximo semestre. Na 86ª sessão do Comité de Ministros, que ontem começou naquela cidade francesa, o ministro reúne com os presidentes checo, Vaclav Havel, jugoslavo, Janez Drnovsek e finlandês, Mauno Koivisto.

Os dois principais órgãos do CE estão a analisar as incidências das transformações no Leste, perspectivando o estreitamento de relações da organização com aqueles países, tendo a chamada «nova arquitectura europeia» como pano de fundo.

Esta foi a principal aposta da presidência portuguesa, iniciada em Novembro passado. Para a concretizar, Deus Pinheiro insistiu junto dos seus pares no sentido de ser aumentado substancialmente o orçamento do CE. Conseguiu uma «meia vitória»: um crescimento de cinco por cento em termos reais, que considerou insuficiente para as novas tarefas do Conselho mas que, ainda assim, constituiu o primeiro aumento orçamental em dez anos.

Díálogo Norte-Sul passou a segundo plano

Impelida pela necessidade de corresponder ao desejo de diversos países de Leste de aderir ao Conselho da Europa - entendido como uma espécie de «sala de espera» da CEE - a presidência portuguesa relegou para segundo plano a questão do diálogo Norte-Sul.

Em entrevista concedida ao «DL», em Março passado, o próprio ministro dos Estrangeiros assumiu que aquela deixou de ser uma prioridade, muita embora o Centro Norte-Sul, criado sob os auspícios do CE no seguimento de uma sugestão de Cavaco Silva, tenha, entretanto, aberto portas em Lisboa, em instalações provisórias do MNE.

Deus Pinheiro defendeu, enquanto presidente do Comité de Ministros, a assumpção, pelo CE, de um

papel de crescente importância numa Europa cuja geografia política está profundamente alterada, chamando a si a chamada «dimensão humana» do processo de (re)construção do Velho Continente. A componente de segurança, segundo esta tese, deve manter-se no âmbito da CSCE (Conferência de Segurança e Cooperação Europeia), cabendo a económica à CEE, ela própria a carecer de reformas internas que a adaptem aos novos ventos políticos.

A Europa em Lisboa

Foi com o objectivo de concretizar esta estratégia que Deus Pinheiro organizou em Lisboa, em finais de Março, uma reunião extraordinária do Conselho da Europa, classificada como «histórica», já que contou com a presença de diversos representantes de países de Leste. O encontro dos 23 com os seus futuros parceiros que já não se ocultam atrás do Muro de Berlim permitiu dar passos significativos no complexo processo de abertura ao Leste.

Muitos desses países já participavam como convidados na Assembleia Parlamentar; grande parte solicitou, formalmente, a adesão ao Conselho. A Checoslováquia, por exemplo, assina amanhã em Estrasburgo a Convenção Cultural Europeia.

Antes da reunião de Lisboa, Deus Pinheiro e a secretária-geral do CE, Catherine Lalumière, encetaram um périplo por oito países do Centro e Leste da Europa, auscultando as preocupações da nova classe política emergente. Terá ficado confirmado o desejo de participarem activamente na «nova arquitectura europeia», embora o ritmo das reformas seja diferenciado de país para país.

Fazendo a «agulha», assumidamente, para o Leste, a presidência portuguesa criou, no início do ano, uma Comissão Para a Democracia Através do Direito, com sede em Veneza, vocacionada para o apoio jurídico. Paralelamente, no entanto, o nosso País procurou envolver nas actividades do Conselho da Europa os Estados Unidos e o Canadá. Esta questão está, aliás, de novo em agenda nesta 86ª sessão do Comité de Ministros.

Redacção «DL»



João de Deus Pinheiro recebe amanhã a medalha de ouro da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa e passa o testemunho a São Marino

Guerra junta ex-combatentes

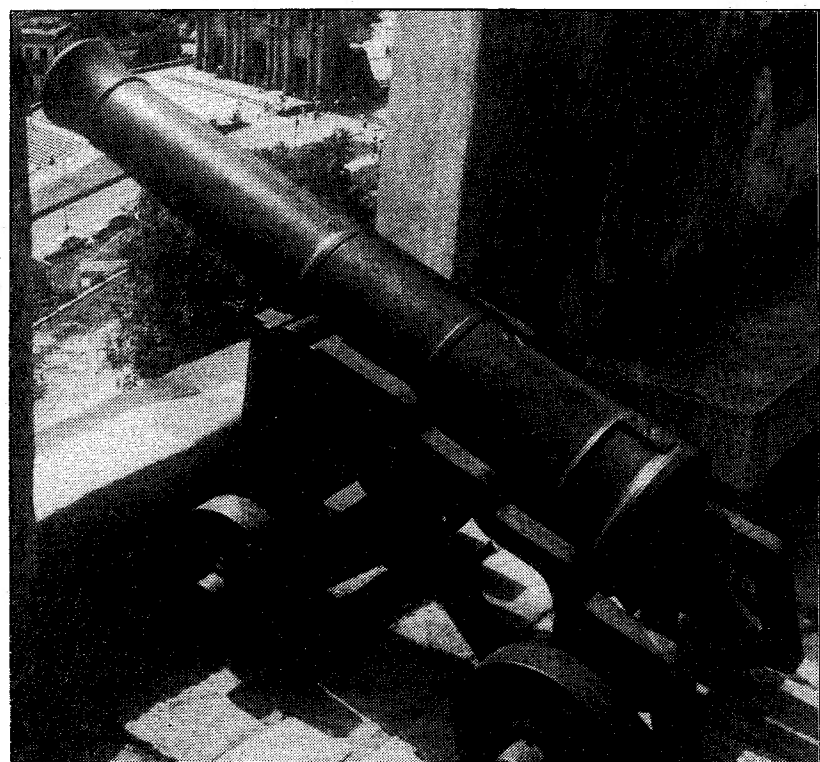
Antigos combatentes da guerra colonial - portugueses e africanos - vão reunir-se em Lisboa no próximo dia 19. Mário Soares presidirá à abertura da Primeira Conferência Mundial de Antigos Combatentes Coloniais. Cavaco Silva estará presente no encerramento, no dia 23.

Portugal patrocina este encontro

«sem qualquer papel paternalista», afirmou o presidente da Associação Portuguesa dos Deficientes das Forças Armadas-ADFA, entidade que organiza a conferência em que participarão representantes de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

É a primeira vez que a nível

mundial se realiza um encontro desta natureza, juntando antigos combatentes de trincheiras antagónicas na discussão de quatro temas: legislação, reabilitação, cooperação e federação mundial. Outra nota saliente é o facto de ser patrocinado, como dissemos, pelo antigo país colonizador.



Lei da nacionalidade

Declarações de Lu Ping geram confusão em Macau

As recentes declarações de Lu Ping, secretário-geral da Comissão de Redacção da Lei Básica de Macau e sub-director do Gabinete para os Assuntos de Hong Kong e Macau, segundo as quais os futuros dirigentes de Macau, após a transferência de soberania, em 1999, terão que ser de nacionalidade chinesa, criaram alguma confusão e poderão vir a ser analisados pelo Grupo de Ligação Luso-Chinês.

Uma das funções deste órgão é efectuar consultas sobre a aplicação da Declaração Conjunta. Nos casos em que exista desacordo, como poderá decorrer destas declarações de Lu Ping, os assuntos serão remetidos aos dois Governos.

As declarações de Lu Ping têm sido interpretadas no sentido de que, ao falar de chineses ele refere-se aos chineses da China, o que excluiria os chineses de Macau de ocuparem os cargos dirigentes.

Um memorando anexo à Declaração conjunta, assinada em 1987, clarifica que «os habitantes de Macau, abrangidos pelas disposições da lei da nacionalidade da República Popular da China têm a cidadania chinesa, independentemente do facto de serem ou não possuidores de documentos de viagem ou de identidade portugueses».

O mesmo memorando refere também que, considerando «o pano de fundo histórico e as circunstâncias actuais de Macau», a RPC permitirá aos cidadãos chineses de Macau que possuam previamente documentos de viagem portugueses, continuar a usar esses documentos para viajar por outros países e regiões.

O que eles não podem é gozar de protecção consular portuguesa na futura Região Administrativa Especial de Macau e nas outras Regiões da RPC. Isto porque, segundo Lu Ping, em cada país é apenas permitida a vigência de uma só lei de nacionalidade e Macau, obviamente, não poderá ter a sua «própria» lei de nacionalidade.

A dupla nacionalidade

A tese defendida por Lu Ping é a de que a Lei Básica não definirá a nacionalidade do cidadão e que o problema será equacionado nessa lei de forma a definir o estatuto dos «residentes permanentes» e dos «não-permanentes».

Este responsável chinês afirma também que a questão da nacionalidade dos «residentes permanentes» transcende a Lei Básica e reger-se-á nos termos da lei da nacionalidade da China, pois o seu país «jamais reconhecerá a dupla nacionalidade».

Quanto a este assunto, Lu Ping recordou que a RPC agiu, de certo modo, com alguma flexibilidade para com Macau, ao permitir, tal como se encontra escrito no memorando assinado pela RPC, anexo à Declaração Conjunta, a utilização de passaportes portugueses como documentos de viagem por indivíduos que, aos olhos da China, são considerados chineses.

No que respeita à comunidade macaense, Lu Ping sublinhou que, rigorosamente, os indivíduos nascidos do cruzamento de sangue português com sangue chinês, serão considerados «obviamente», chineses, desde que um dos progenitores reúna condições de cidadania chinesa.

O secretário-geral da Comissão de Redacção da Lei Básica, disse não excluir a hipótese de o problema poder vir também a ser equacionado e analisado com alguma flexibilidade nas discussões futuras, tendo em conta de que se está perante uma especificidade do território.

O que para Lu Ping é um dado adquirido é que «a cidadania portuguesa não pode resultar da ligação à cultura portuguesa, através do ensino e/ou dos costumes», mas terá de haver uma ligação sanguínea.

Nas suas declarações aos jornalistas, aquele responsável chinês esclareceu que a China considerará «residentes permanentes» de Macau, os indivíduos nascidos e/ou residentes há mais de sete anos, antes de 1999 e seus descendentes directos, os estrangeiros residentes há mais de sete anos e que optem pela fixação permanente em Macau e os portugueses nascidos em Macau e que optem pela fixação permanente no território.

Entretanto, um elemento da Associação de Educação Chinesa de Macau, comentando esta questão, considerou que o tema da nacionalidade é demasiado sensível e que não se deveriam formular declarações prematuras, antes de se chegar a uma decisão, para não criar confusão e instabilidade.

Redacção «DL»

POLÍTICA

Socialistas recusam-se a colaborar no esmagamento de outros partidos

A proposta do governo para alterar a lei eleitoral recebeu ontem, na Assembleia da República, a resposta peremptória de António Guterres, líder parlamentar do PS

«Com o PS, o PSD não conte para fazer batota em matéria de engenharia eleitoral: não estamos interessados em ganhar eleições na secretaria e não alinhámos no aniquilamento de outros partidos representativos de correntes políticas relevantes na sociedade portuguesa.»

A afirmação é de António Guterres, líder parlamentar do Partido Socialista, e sintetiza a resposta dada na Assembleia da República, quer à proposta de alterações à lei eleitoral formulada por Cavaco Silva, quer ao vice-presidente do PSD, Pacheco Pereira, que a defendeu ontem no Parlamento e a considerou como «iniciativa de grande alcance político e um ponto de viragem na história do sistema político e eleitoral português.»

O discurso de Pacheco Pereira - uma sistematização bem elaborada das justificações do PSD para alterar esta lei - provocou um verdadeiro terramoto no plenário despertando reacções apaixonadas de todas as bancadas da Oposição, com relevo para as do PS e do PCP, e em que estiveram subjacentes as informações avançadas na véspera, pelo «Diário de Lisboa», sobre os tratos de polé a que a geografia eleitoral tem sido submetida, nos últimos seis meses, no gabinete do primeiro-ministro.

Da discussão que então se travou apurou-se um saldo: a recusa do PS contribuir com os seus votos para a formação da maioria qualificada de dois terços, sem a qual as intenções do primeiro-ministro e presidente do PSD não passam no crivo parlamentar.

O PS em situação de não retorno

Independentemente da evolução que o caso possa vir a ter no próximo futuro, Guterres avançou de tal modo nas garantias dadas aos outros partidos da Oposição que colocou o Partido Socialista



«Conosco não contem», respondeu António Guterres às tentativas de alijamento formuladas por Pacheco Pereira



numa posição de não retorno, sob pena de perder a face aos olhos do Parlamento.

O presidente do Grupo Parlamentar Socialista disse pretender o primeiro-ministro uma de duas coisas: ou aliciar o PS para uma tentativa de esmagamento dos outros partidos, ou atacar o PS na base da sua recusa em alinhar nesta «pretensão modernização do sistema eleitoral». E respondeu à alternativa com uma resposta só: para este negócio, o PSD não conte com os votos dos deputados socialistas.

Ficou no entanto uma dúvida, a de saber se o Partido Socialista, para além de aceitar a redução do número de deputados, determinada pela última revisão constitucional, se dispõe a discutir a criação de um círculo eleitoral nacional, mas formado pelo o conjunto dos votos

desaproveitados nos círculos regionais. Esta ideia, já anteriormente defendida por alguns dos seus constituintes, foi também afluída pela bancada do PS na esgrima de argumentos com o vice-presidente da bancada social-democrata, o deputado Pacheco Pereira.

A perversão de soluções que tiveram o seu tempo

Enquadrado por toda a direcção do seu Grupo Parlamentar e pelos principais tenores da Maioria - coisa rara de ver em situações normais na Assembleia da República - o deputado Pacheco Pereira disse na sua declaração política que a iniciativa do primeiro-ministro traduz «não só uma crescente exigência do sentimento popular, face ao sistema político, como uma resposta às críticas feitas em todas as áreas

da opinião pública, indiferentemente dos sectores partidários».

As soluções do sistema de representação, que tem caracterizado a vida política desde 25 de Abril, «tiveram o seu tempo», segundo Pacheco Pereira, e hoje «estão desfasadas em relação a novas realidades». Nomeadamente, disse ele, tais soluções foram «essenciais para consolidar a democracia e contrariar a acção revolucionária do PCP, criar condições para fortalecer rapidamente os partidos democráticos e dar-lhes na sociedade portuguesa uma capacidade de intervenção que superasse as suas frágeis e recentes estruturas e a sua inferioridade organizacional face ao aparelho comunista.»

As «novas realidades» seriam, ainda no entender do deputado do PSD, uma

democracia estabilizada, a maturidade das instituições criadas pelo 25 de Abril, a erradicação do caciquismo, que o sistema eleitoral pretendeu esvaziar, e os erros da I República dados por afastados. Logo, comentou Pacheco Pereira, é tempo de apostar no reforço da estabilidade governativa e na adopção de mecanismos que eliminem a instabilidade anterior traduzida em 15 governos em 13 anos, até 1987.

«E se há partido que tem legitimidade para propor mudanças na lei eleitoral, esse partido é o PSD», concluiu o vice-presidente da bancada da Maioria, apontando várias provas da sua afirmação, a mais relevante das quais foi a proposta de revisão constitucional que apresentou sobre esta matéria e com a qual «o PSD viu reforçada a sua posição».

Operações de corte e costura

Foi justamente na proposta de revisão constitucional do PSD que o deputado comunista João Amaral colheu a explicação das al-

terações que o partido maioritário pretende agora introduzir na lei eleitoral.

«O PSD não está a cumprir a revisão constitucional», disse João Amaral, «nem é isso que quer, porque a revisão não obrigou à criação do círculo eleitoral, apenas o permite, e muito menos obriga a manipular os círculos eleitorais, através de operações de corte e costura que quer, naturalmente, à sua medida.»

Amaral admitiu que o PSD, ao falar da revisão constitucional, «esteja a falar do seu próprio projecto de revisão» adiantando porque admite tal: era o PSD e só o PSD que propunha o círculo nacional obrigatório, era o PSD que propunha 180 a 200 deputados na Assembleia da República.

«O facto é que, sem os 30 do círculo nacional, para distribuir pelos círculos territoriais ficam 200 deputados», lembrou o deputado comunista, para concluir que «a proposta do PSD de lei eleitoral está à medida da proposta do PSD de revisão constitucional.»

Daniel Reis

Desenha-se a possibilidade de um inquérito à RTP

Estão a desenhar-se, na Assembleia da República, as condições para ser levantado um inquérito parlamentar à administração da RTP, sabendo-se já que o PRD disponibiliza as assinaturas dos seus deputados se for possível reunir, no conjunto da Oposição, as 50 que tornam o inquérito vinculativo.

O pontapé de saída foi dado numa intervenção da depu-

tada Isabel Espada, antes da ordem do dia, na sessão de ontem, a pretexto da ordem de serviço da RTP que exige fidelidade absoluta aos seus funcionários. Essa ordem já teve como consequência o envio de notas de culpa, com intenção de despedimento, a quatro jornalistas - Diana Andringa, Maria Elisa, Margarida Marante e Maria Antónia Palla - enquanto

vários outros se encontram, segundo a deputada renovadora, sob a pressão do medo e da censura e em risco de também virem a ser despedidos. Seria este o caso das dezenas de tarefeiros que asseguram grande parte da Informação, enquanto jornalistas profissionais, menos dóceis a pressões e menos maleáveis, estão na prateleira não são aproveitados ou são

ameaçados de despedimento.

Isabel Espada recordou que, ainda na sexta-feira passada, o PSD fez aprovar alterações à lei das incompatibilidades que permitiram ao próprio Coelho Ribeiro, presidente do Conselho de Administração, acumular as suas funções com a advocacia, enquanto tenta proibir aos jornalistas o exercício de quaisquer funções fora da televisão.

BOCA DE CENA

O que o PS tem é medo de 91

«O problema do Partido Socialista não é o de assumir uma posição de fundo sobre esta lei, que até lhe convém», disse Pacheco Pereira em réplica genérica às reacções que o seu discurso provocara nas bancadas oposicionistas. «O PS não aceita a fórmula simplesmente porque sabe que não vai ganhar as eleições de 91 e por isso tem medo de mudar a lei».

Um terceiro chamado Pacheco Pereira

Tréplica de António Guterres: «Nós, de eleições, o que sabemos é o resultado das últimas. E nessas, o primeiro foi o PS, o segundo o PSD e o terceiro o deputado Pacheco Pereira, nas eleições para a Câmara de Loures».

A recusa do poder por um saco de lentilhas

«Com esta lei, os senhores mostram a cara e dão-nos razão quando dizemos estar o CDS mais próximo do PS que do PSD», falou Basílio Horta, na hora do fogo generalizado sobre o discurso de Pacheco Pereira. «Isto porque o PS não está disposto a vender toda uma vida de luta partidária por um saco de lentilhas do poder».

Os votos rascas vão para o lixo

Finalmente, a reacção do Partido Comunista, ns síntese irónica de João Amaral: «Tendencialmente, a filosofia desta lei é a seguinte: só é bom, só eficaz, o voto dado aos partidos A e B, aos dois polos: o resto são votos rascas, para o lixo. Dito de outra forma, o que o PSD quer é uma bipolarização construída de tal modo que, sendo os dois polos iguais, um seja mais igual que o outro».

FORUM

Diário
de LisboaFundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.Presidente do Conselho
de Administração: António Ruella
Ramos.Administradores: Maria
do Carmo Ruella Ramos, João
Manuel Ruella Ramos, António Brás
Monteiro e António Gomes
da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana AndringaExerceram anteriormente
a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella
Ramos (1967/1989)Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David,
Rodrigues da Silva e Rui CamachoRedactor principal
João Paulo de OliveiraCoordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico
Vasconcelos, João Galamba
de Oliveira, José Luís Feronha,
Maria Gulomar Lima, Neves
de Sousa e Vítor LeitãoRepórter-coordenador:
Adelino CardosoRedactor-paginador
António Ribeiro FerreiraRedacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves
Henriques, Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Carlos Camponoz, Céu Neves,
Daniel Reis, Dina Soares, Duarte
Calvão, Elsa Andrade, Emília
Trindade, Ernesto Sampaio,
Fernando Brederode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas),
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra
Botinas, Lurdes Féria, Maria
Antónia Martinho, Maria João
Martins, Maria João Rocha, Maria
José Belo Marques, Marina Tadeu,
Marina Tavares Dias, Paulo Martins,
Pedro Alvim, Pereira de Almeida,
Rodrigues Borges, Rui Eduardo
Paes, Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui PachecoColaboradores permanentes
da Redacção: Alessandra Balsamo,
Daniel Oliveira, Francisco Paraíso,
Isabel Joyce, Jorge Fallorca
e Roby Amorim.Cartoonistas: António Alfredo
e José BandeiraGráfitas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo
e Luís TenreiroPaginadores:
Paniolleta Teixeira, José António
Carvalho, Jorge Santos,
Pedro Pessoa, Oscar Figueiredo
e Ricardo MagalhãesSecretária de Direcção
Maria Eduarda SoutelloSecretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima e Maria
Helena MatosChefe de Publicidade
Luísa ValadasGestor de Informática
Luís CanteiroRedacção, Administração, Publicidade
e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano,
44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 -
Telegramas DIBOA - Telex 12363
DIAROP
- Telefax 3467134. Impresso
na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.
Distribuído por Interpress - Rua do
Norte, 115-1ª - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Depósito legal nº 1426/82. Preço do
jornal: no Continente, 60\$00; na
Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.PORTE
PAGO

AVARIAS

O Presidente da República foi a Roma e viu o Papa. Em nome de todos os Portugueses, pediu um 2.º cardeal que nos fazia falta, o da Coroa.

Regressado de Roma, foi à AR prometer que os cravos não murchariam e vaticinar/propor o «regresso a África». Registe-se: agora em melhores condições.

Como o segredo é a alma do negócio, e a paz não se faz «na praça pública» e só a política de sigilo permite os descobrimentos, o congresso de Quadros Angolanos foi precedido por encontro secreto em terras alentejanas, onde Durão Barroso e Santana Lopes têm propriedades e onde há um repositório de Universidades. Terá estado o PM, mas não terá estado o PR. O *Jornal* foi o primeiro a «descobrir». O *Independente* e o *Público* foram, também, os primeiros.

Também o Hipermercado Ibérico foi «o primeiro a chegar». Quem o diz são os seus «trabal-

hadores», autores do texto publicitário da empresa. Além de se afirmarem «cachos de uma mesma latada», «planta e flor num mesmo jardim à beira-mar plantado», de «chorarem e cantarem um fado igual», lembram que são Portugal e que estão fartos de «farsas, ironias e cinismos chauvinistas e megalómanos». Comparam-se «tal e qual» às «caravelas que há quinhentos anos levaram para lá do mar os sonhos e as esperanças». «Navegamos com confiança em Deus e nas marés do amanhã» — asseguram. E fazem-nos poupar.

Roberto Carneiro está na onda do Ibérico: compara orgulhosamente (só?) a tarefa de organização do Mundial de Futebol de 98, no centenário da Viagem de Vasco da Gama, com a própria tarefa dos Descobrimentos. Isto, como Chefe de Família que vai a Roma, acompanhado pela presidente da União Internacional das Organizações Familiares Católicas, e vê o Papa. Lamentaram em conjunto divórcios, abortos e «famílias homossexuais».

O Papa também se mostrou preocupado com os angolanos. O

ministro aproveitou para se avisar com o provável cardeal da Coroa, que é secretário da Congregação para a Educação Católica. Uma escola superior para formação de professores de Religião e Moral é urgente em Viana do Castelo.

É verdade que há sempre o recurso ao «ensino à distância»: o canal da Igreja pode ser acelerado. O «há ir e voltar» da Alta Autoridade para a Comunicação Social prova que a burocracia não é tão lenta como isso e que o progresso vai em alta velocidade.

É só saber fazer contas e apostar: cinco faixas para a ponte e quatro (ou três) meses para o SMO.

De segredo em segredo e de descoberta em descoberta, enquanto o por enquanto único cardeal inaugurado, na Casa dos Bicos, a exposição da descoberta de Colombo que não cabia em Madrid, o Governo faz outras contas: se arrumar os cidadãos de outra maneira, se reduzir o número de representantes do Povo e fizer

como na Alemanha próxima-mente unida, uma maioria é maioria sem o ser. Estas coisas fazem-me lembrar os telefones avariados: o assinante não consegue apanhar a rede ou só ouve conversas cruzadas. Telefona para as «avarias».

Espera pelo «senhor da Companhia», que vem ou não vem. Se vem, arranja ou não arranja. Mas, em caso algum, o assinante pode meter mãos à obra, mesmo que saiba. Está no contrato, ele assinou.

Entretanto, o ministro socialista-democrático de Cavaco, o da Justiça, descobriu que qualquer cidadão tem o direito de fumar o seu «charro», pode é ser punido por isso. O direito ninguém lhe tira.

Também qualquer cidadão, se pagar, tem direito a falar ao telefone. O telefone é que pode não funcionar. E, ainda por cima, a um País, é raro alguém lembrar-se de pôr o letreiro «Avariado», como o senhor da letitória.



Eduarda Dionísio

Ponte de vista internacional de Pedro Palma



"QUANTOS MIRAGE É QUE DISSE, PELOS REFÊNS P... MMMMMM... OK! NEGÓCIO FECHADO! ... MAS AGORA DÊ-ME LICENÇA. TENHO CLIENTES AMERICANOS NO OUTRO TELEFONE..."

FORUM

Tempos diferentes (1)

MITOS DO SALAZARISMO

Alguns diplomatas e antigos ministros de Salazar saudosistas do anterior regime empenham-se em recordar a figura do antigo chefe. De certo modo, fica-lhes bem, a fidelidade é uma qualidade a louvar e não sou eu quem me indigne ou ouvi-os falar, nem sequer ao verificar o talvez excessivo realce que a Comunicação Social dá aos seus colóquios. Agrade-me mesmo que falem; às vezes, até os oiço: falam de um tempo que foi parte da minha vida e, nalguns pontos (não em muitos) até lhes dou razão.

Mas, antes de continuar este texto, devo dizer o que sinto quando os vejo manifestarem-se; olho para eles e digo para comigo: estes senhores são hóspedes de democracia portuguesa. O regime que defenderam e de que agora falam foi o regime do medo e da censura, em que o País era silenciado e aos adversários não era dado o direito à palavra. O Portugal que dizem ter dignificado era também o Portugal da humilhação e desprezo pelo homem português. Nesse regime se sentiram bem. Hoje, em democracia, têm direito à palavra, mas que isso conte para honra da democracia e não deles, que têm a alma noutro regime.

Os países nunca enjeitam períodos do seu passado. Depois de períodos particularmente traumatizantes há intervalos durante os quais ninguém deles fala. Eu vivia em Paris em 1960, às vezes pensava: há 20 anos esta cidade esteve ocupada pelos alemães e, no entanto, não encontro ninguém que fale disso. Por volta de 1980, a situação inverteu-se e a França passou a dar particular atenção ao período da guerra.

É, pois, inteiramente natural que estejam a surgir textos e que haja colóquios sobre o salazarismo. O importante é que se não fale só de Salazar, mas, também, do País em que mandava. É esse País que temos de descobrir sob os mitos dos salazaristas e das afirmações igualmente estereotipadas dos oposicionistas de então. Há, talvez, agora, um espaço para as recordações dos que viveram a época, enquanto o assunto não entra no domínio reservado dos especialistas e das teses universitárias.

Como era o Portugal dos anos 50?

Qual a principal diferença em relação ao Portugal de agora? Procurando recordar, acho que era o medo.

Sabem os jovens de agora o que era o medo de ter no bolso um «Avante!» ou um simples papel do MUD Juvenil passado por um amigo? Esse medo foi uma das componentes dos meus 20 anos. Não era um medo muito grande (é perfeitamente ridículo falar em execuções frequentes feitas pelo regime, como falou há dias uma personagem num colóquio), mas era um medo absolutamente generalizado. Era, de resto, muito pequeno, o número dos que tinham acesso à Imprensa clandestina. Havia pessoas que entravam em pânico à simples ideia de lhe passarem para as mãos um papel ilegal. A maioria das famílias educava os filhos a nunca se meterem em política, e meter-se em política significava, na altura, emitir opiniões discordantes, por mais insignificantes que fossem. Viamos «pides» por todos os lados. Havia colegas nas escolas que suspeitávamos serem da PIDE, sem nunca termos a certeza, com quem tínhamos anos a fio conversas inteiramente falsas para não revelarmos o que pensávamos. Tínhamos medo de que uma conversa havida anos atrás nos viesse a fechar as portas dos empregos, quando acabássemos os cursos.

Era assim o Portugal de Salazar de que os antigos ministros agora falam. No topo, o poder de Salazar era absoluto. Os salazaristas, no entanto, eram poucos e envergonhados. Nas escolas superiores eram quase inexistentes. Só nas manifestações mais íntimas do regime apareciam uns sujeitos a gritar: «Salazar, Salazar, Salazar», mas esses sujeitos não se viam no dia-a-dia. Os salazaristas não defendiam ideias, diziam só que o homem era excelente e que o País não podia viver sem ele. Era um País inferior que recebia a dádiva de um salvador. O discurso típico salazarista, quase codificado, era o de uns sujeitos com ar provinciano que se levantavam nas sessões solenes e começavam: «Eu estaria de mal com a minha consciência se não viesse aqui...», e seguiam-se os elogios e agradecimentos. Os textos eram publicados nos jor-

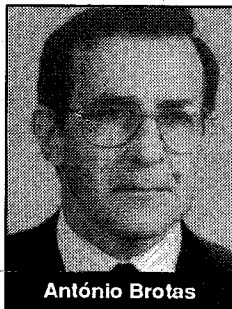
nais mas ninguém os lia. O que o salazarismo criava era o silêncio, o vazio e o medo. Curiosamente, os antigos ministros têm agora tempo para se dedicarem à defesa ideológica do regime, o que não chegaram a fazer quando ele existia.

Este testemunho é, naturalmente, o de quem nasceu numa classe privilegiada, na burguesia elevada, que cultural e socialmente se sentia no topo da sociedade, que frequentava os cafés do centro das cidades (onde até ao início da guerra colonial os soldados não eram autorizados a entrar), que mandava os filhos para a Universidade, que tinha bibliotecas em casa, que conservava alguns valores liberais e republicanos e, em maioria, apoiara os aliados durante a guerra (mas não soubera tomar o Poder a seguir), que se permitia olhar para salazaristas com alguma superioridade e, às vezes, desdém.

Mas, em baixo, era pior - e o salto era grande porque o português médio era uma noção que quase não existia (nasci num bairro de Lisboa e quando fui à inspeção militar, eu estava na Universidade, outro tinha o 2.º ano do liceu, e os outros, tinham andado na instrução primária ou eram analfabetos). Os salazaristas sabiam bem mostrar a pata aos que buscavam empregos modestos. Esses tinham de sofrer a humilhação de estar calados e dizer sim, de entrar para a Legião para continuarem funcionários dos Correios.

E, em baixo, era pior. Há 4 ou 5 anos, numa passagem por Beja, perguntei a um homem da minha idade - tínhamos referências comuns: «Como esta a situação aqui no Alentejo?» Ele respondeu: «A Guarda voltou a arrear porrada.» Numa só frase disse sobre o passado, sobre o intervalo que se seguia, sobre o que estava a voltar a acontecer, embora com carácter episódico - reconheceu.

A pobreza, a miséria, a fome, o submeter-se e estar calado ou levar porrada, faziam parte da condição dos camponeses portugueses nos anos 50. Nalguns casos, a situação era tão difícil que nós, nas cidades, nem compreendíamos como eles conseguiam sobreviver.



António Brotas

CARTAS NA MESA

Mário Soares e o PSD

Ouvi no rádio as declarações de uma militante do PSD que vociferava contra o apoio daquele partido ao dr. Mário Soares a Presidente no caso de uma eventual recandidatura sua. Perguntava aquela senhora se não haveria ninguém da estatura de Mário Soares no PSD, se era preciso mais uma vez irem a reboque de um candidato que não lhes pertence?

Para lá dos aspectos partidários em questão, queria dizer que efectivamente não existe ninguém no PSD à altura do dr. Mário Soares. O facto de a militante fazer a pergunta com um certo tom de indignação, como quem diz: há tantos e vocês

não os vêem — é bem significativo da falta de sensibilidade histórica daquele partido. Como se alguns dos figurantes que aparecem a público pudessem chegar aos calcanhares do dr. Mário Soares. Como se alguém naquele partido tivesse «currículo» político que desse para se comparar com alguém que lutou toda a vida pela democracia e pela liberdade. Estes políticos de agora são a infância da arte e nem sequer têm noção disso. Confesso que acho este «apoio» de Aníbal Cavaco Silva a Mário Soares um presente envenenado. Se fosse comigo fazia-lhe um gesto bem português e que não ofende.

Manuel Marinho, leitor de Lisboa

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

De um editorial:

O projecto de lei que visa alterar alguns artigos da Lei 9/90 de 1 de Março deste ano, sobre «incompatibilidades de cargos políticos e altos cargos públicos», animou, como seria de esperar, alguma polémica dos partidos da oposição na Assembleia da República (...)

Não deixa de suscitar alguma estranheza que só posteriormente se tenha observado que, dados os vários contextos, se alguém iria perder, neste confronto de interesses, seria o Estado. Houve, de facto, precipitação ao elaborarem-se alguns artigos da lei, sendo de esperar que as alterações a introduzir pelo PSD fiquem bem definidas e que não se perca o carácter moralizador do diploma.

Registe-se que, nesta e em outras matérias de igual importância e ressonância, não se pode agir de ânimo leve, legislando agora para, logo a seguir, se alterar parte substancial do que foi feito.

De tudo isto se conclui que o Estado terá de compensar devidamente aqueles que o servem, e pôr de parte um certo miserabilismo que acaba por suscitar situações como estas. Porque a verdade é que, com a solução suplementar a que o PSD se viu forçado, o Estado, que o mesmo é dizer os interesses do País, continua a ser prejudicado, ao ver repartirem o seu esforço entre ele e o sector privado aqueles que o deviam servir exclusivamente.

Mas, para isso, seria necessário que uma situação de injustiça fosse desfeita por ele, Estado, e não, como vai continuar a acontecer, por aqueles que o deviam servir exclusivamente.

8.Mai.90

Comércio do Porto

De um artigo de Pedro Savane:

(...) No seio do ANC parece haver divergências entre dirigentes moderados e pragmáticos, a um lado, e extremista, do outro lado, que preconizam, de imediato, a nacionalização das empresas estratégicas e a instauração também imediata de um governo de maioria negra.

De Klerk, no seu último discurso, ainda não anunciou a promulgação das derradeiras leis que ainda legitimam o que resta do 'apartheid'. Pressionado pelo ANC, de um lado, pelo Partido Conservador, do outro, defrontando também as divergências entre os dirigentes dos bantustões, receando que a condução política nacional perca autoridade e provoque uma debandada da população branca, o Presidente encontra-se numa situação difícil e as suas movimentações deverão ser profundamente meditadas, pelo que não irá, por certo, ceder às urgências e pressões. (...)

8.Mai.90

CAPITAL

De um artigo de António Sales:

(...) Os sinais quotidianos do nosso cepticismo são imensos: dizemos mal das nossas estruturas, das nossas iniciativas, dos nossos produtos, dos nossos governantes, da nossa economia e, quando já nada mais resta, dizemos mal do País, ou seja, de nós próprios, dos portugueses em geral. (...)

Isto não significa que o português não goste de rir e de se divertir. Claro que gosta, claro que prefere viver a morrer, claro que também tem alegria. Mas significa que carrega o quotidiano como se fosse um fardo, pintando-o de cinzento que é de amargura sem ser amargurada, entristecida sem ser triste. (...)

8.Mai.90

PÚBLICO

De um editorial de Vicente Jorge Silva:

(...) O chauvinismo dos profetas da 'Grande Israel' e o anti-semitismo são a cara e a coroa da mesma moeda cunhada pela intolerância e pela recusa da diferença do 'outro'. Somos todos judeus na medida em que nos reconhecemos na humanidade que o holocausto devastou. Essa humanidade de que os judeus não podem excluir-se, mesmo quando alguns deles persistem em fazer da 'Terra Prometida' uma ilha de eleitos isolados do mundo (...)

9.Mai.90

ECONOMIA

Investimento e consumo vão baixar em 1990

O Conselho Nacional do Plano prevê para 1990 uma forte contracção do consumo privado, do investimento e da procura interna. Por outro lado, as suas estimativas apontam para uma quase duplicação do aumento das exportações e uma ligeira descida nas importações. A taxa de inflação é apontada para os 12 por cento.

Na análise da conjuntura económica, o Conselho Nacional do Plano estima que o consumo privado tenha um acréscimo (taxa de variação real) de apenas três por cento em 1990, contra 5,5 em 1989. Em 1988 o aumento havia sido de 6,5 por cento, em 87 de 6 e em 86 de 6,8 por cento. No que se refere ao consumo público é prevista para este ano uma taxa de 1,25 por cento, contra dois por cento em 88 e 5,3 em 87, enquanto que em 1987 foi de 4,7 por cento. Por seu turno, o investimento deverá situar-se nos nove por cento, contra 16 em 1989 e 15,2 em 88, tendo-se situado em 15,1 em 1987.

A procura interna, prevê o CNP, deverá baixar quase para metade da verificada em 1988 (passando para 4,25 por cento, contra oito por cento em 89 e 8,2 em 88).

Melhores perspectivas tem o comércio externo, para o qual o CNP prevê para o corrente ano um aumento das exportações de 9,4 por cento, contra 5,8 em 89. A taxa deste ano só deverá ser ultrapassada pelas de 88 (9,5) e de 87 (10).

Quanto às importações, prevê um aumento de nove por cento, o que significa um decréscimo ligeiro relativamente a 1989 (9,8 por cento), mas uma forte diminuição relativamente a 1988 (18), a 87 (24,1) e a 86 (17,5).

No que se relaciona com o mundo laboral, o CNP estima que o taxa de desemprego se deverá manter nos 5,2 por cento, enquanto que os salários nominais deverão ter um aumento de 11 por cento, contra 12 em 1988.

Esta instituição considera que a situação económica portuguesa «tem conhecido, nos últimos anos, uma evolução fortemente positiva», a qual levou mesmo Portugal a ser classificado como país desenvolvido.

Segundo ela, o crescimento real do Produto Interno Bruto atinge os 4,5 por cento em 1989 - a população activa tem crescimento quase nulo, pelo que o PIB per capita cresceu a mais de 4 por cento - e prevê-se o mesmo ritmo para 1990.

Redacção «DL»

Governo dá bónus às empresas para combate ao desemprego

Do nosso correspondente em Bruxelas

As empresas portuguesas vão beneficiar de incentivos, nomeadamente de 12 salários mínimos nacionais e de 24 meses de isenção das contribuições para a Segurança Social, cada vez que derem trabalho a um desempregado de longa duração. Um diploma nesse sentido vai ser prorrogado, no âmbito dos estímulos e apoios à contratação.

Em Bruxelas, onde decorreu a reunião do Comité Permanente do Emprego da CEE, subordinada ao tema Desemprego de Longa Duração, Portugal teve oportunidade de mostrar que ocupa o segundo lugar na tabela classificativa dos países com menos problemas neste domínio, logo a seguir ao Luxemburgo. A taxa média de desemprego de longa duração na comunidade é de 8,6 por cento e em Portugal de apenas 4,9.

O secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional participou no encontro, destinado a debater a questão do desemprego e revelou a intenção do governo de que faz parte de incentivar os estímulos, quer através de medidas que beneficiem directamente as empresas, quer dinamizando a formação profissional. Bagão Félix referiu-se às verbas de que Portugal beneficiou no quadro de apoio comunitário e destinadas a cinco programas operacionais de apoio aos desempregados de longa duração: 35,9 milhões de contos para o período 90-93, dos quais 21,6 milhões através do Fundo Social Europeu. Estes programas visam um universo de 70 mil pessoas.

Para além dos citados apoios destinados às empresas, a estratégia portuguesa aponta para medidas similares que visem a criação de empregos estáveis «criados de novo», empregos em actividades independentes e desenvolvimento de acções de formação profissional.

Os mais afectados

Em Portugal, o acentuado decréscimo da taxa de desemprego que tem vindo a ocorrer desde 1986 - de 9,3 para 4,9 por cento no ano passado segundo Bagão Félix - tem vindo, a reflectir-se positivamente, na diminuição absoluta e relativa dos desempregados de longa duração. Estes representavam 182.900 em 1986 e são agora 85.500. Verifica-se, porém, que o grupo etário mais atingido por aquele tipo de desemprego continua a ser o dos 25 aos 49 anos (cerca de 52 por cento do total), como igualmente se constata que



Bagão Félix: «Governo val combater emprego de longa duração»

esta situação abrange maioritariamente as mulheres: 69 por cento do total.

O secretário de Estado considerou que o desemprego de longa duração é um fenómeno complexo, com causas nem sempre homogénea e de consequências múltiplas quer de ordem humana, quer familiar, social e profissional.

Esforços

Na perspectiva portuguesa, devem ser canalizados esforços para acções que sirvam de prevenção para situações de longa duração do desemprego. Tem de se concentrar recursos para a requalificação ou reconversão dos trabalhadores que, a prazo, poderiam cair em situações de falta de trabalho, quer por efeitos de reestruturação sectorial, quer pela evolução das tecnologias ou ainda por motivos de organização de trabalho.

«Foi, aliás, dentro desta preocupação - disse Bagão Félix - que apresentamos um programa operacional, incluído no quadro comunitário do apoio, denominado Programa de Formação de Activos Não-Qualificados. Esta operação irá abranger 150 mil pessoas e pretende elevar a qualificação profissional dos activos, através de um sistema que englobe e articule entre si a formação geral de base com a formação profissional específica.

Embora se tivesse con-

statado uma nítida melhoria da situação, a presidência da reunião de ontem não deixou de recordar que mais de sete milhões de pessoas se encontram desempregadas há mais de um ano na comunidade.

O problema assume maior dramatismo quando se sabe que o desemprego de longa duração atinge sobretudo as camadas mais desfavorecidas das populações, particularmente os jovens com um nível escolar baixo, os trabalhadores mais idosos e com qualificações ultrapassadas, os emigrantes e as mulheres sem preparação profissional ou analfabetas.

A prevenção assume particular acuidade na luta contra o desemprego, pelo que, neste contexto, se deve acelerar e incentivar a formação entre aqueles que actualmente exercem uma profissão.

Segundo um documento da Comissão Europeia, a luta contra o desemprego de longa duração constitui um dos cinco objectivos fixados para a reforma dos Fundos Estruturais, com a finalidade de reforçar a coesão económica e social. O Fundo Social Europeu (FSE) é o principal veículo para alcançar estes objectivos. Tem por missão apoiar toda a comunidade as acções de formação profissional, acompanhadas, se necessário, de acções de orientação profissional e/ou de ajudas à contratação em empregos de natureza estável, criados de novo, e a criação

de actividades de independentes. A sua contribuição é reservada a acções destinadas a lutar contra o desemprego de longa duração, através da inserção profissional de pessoas com mais de 25 anos e há mais de um ano desempregadas.

Desgaste

Por outro lado, também se verifica que na maioria dos Estados-membros os dispositivos instituídos apenas experimentaram, durante os últimos anos, pequenas reformulações. Algumas inovações referem-se à tomada de consciência da vida quotidiana dos desempregados e à importância das orientações. As operações isoladas, como as ajudas à contratação, embora com um carácter positivo, não são suficientes se não forem acompanhadas de outros dispositivos.

A Comissão constata que, perante a ausência de novas respostas, as acções tendem a perder eficácia. Os programas públicos, por outro lado, nem sempre tem encontrado por parte das empresas a correspondência necessária à inserção dos mais fragilizados.

Actividades

Durante o ano em curso, a Comissão preconiza três tipos de actividades: nacionais, transnacionais e europeias.

Nas primeiras inserem-se as iniciativas nacionais, parcialmente financiadas pelo programa ERGO, destinado a «promover experiências positivas susceptíveis de contribuir para a minimização do desemprego e com a participação dos Estados-membros da Comunidade e de países da OCDE»; nas segundas, quatro a cinco países reúnem-se para partilhar experiências; e finalmente as europeias são caracterizadas por reuniões destinadas a encontrar soluções e a debater realizações. Nestas últimas, destacam-se uma conferência sobre a integração de delinquentes, que se realizará no final do corrente ano.

José Rui Cunha

COTAÇÕES



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44\$65	50\$65
ALEMANHA FED. (marco)	87\$45	88\$65
ÁUSTRIA (xelim)	12\$45	12\$65
BÉLGICA (franco)	4\$054	4\$304
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123\$60	126\$10
(notas de 5 a 1000)	124\$10	126\$60
DINAMARCA (coroa)	23\$05	23\$45
ESPAÑA (peseta)	1\$362	1\$482
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	144\$00	147\$50
(notas de 5 a 1000)	144\$50	148\$00
FINLÂNDIA (marka)	36\$90	37\$50
FRANÇA (franco)	26\$05	26\$75
HOLANDA (florim)	77\$80	78\$90
IRLÂNDIA (libra)	23\$85	23\$85
ITÁLIA (lira)	\$108	\$123
JAPÃO (iene)	\$878	\$933
NORUEGA (coroa)	22\$50	23\$00
REINO UNIDO (libra)	243\$25	247\$75
SUÉCIA (coroa)	24\$00	24\$50
SUÍÇA (franco)	101\$15	102\$65
VENEZUELA (bolívar)	2\$624	3\$424

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Nove anos de escolaridade a partir de 1995

Interrogado pelo «Diário de Lisboa» sobre a possibilidade de algumas empresas começarem a dar preferência a trabalhadores mais idosos, até reformados, com base na sua experiência profissional - uma situação já abordada pela Comunidade Europeia - o secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional disse:

«Há em termos demográficos um aumento da esperança de vida. Não haverá, em termos comunitários, condições para uma diminuição da idade da reforma em termos legais, mas há condições para a instituição de esquemas de flexibilidade, para que nesse extracto não aumente significativamente a procura de trabalho.

Por outro lado, pode-se encarar o fenómeno pelo lado dos jovens, em Portugal, particu-

larmente o aumento da escolaridade obrigatória para nove anos, com incidência absoluta e total a partir de 1995. Com o aumento de capacidade de disponibilidade para o desenvolvimento de acções de formação profissional e com o próprio decréscimo da taxa da natalidade que neste momento é também evidente em Portugal, contrabalançam-se as duas tendências. Creio que as pessoas mais velhas tenderão a encontrar novas formas de participação na sociedade, até, por exemplo, no capítulo da formação.

«Aliás, ao nível de algumas profissões, temos a ideia de aproveitar os mais velhos para incentivar formação de formadores.»

J.R.C.

INTERNACIONAL

Ministro de Kim Il Sung em Portugal aborda reunificação coreana

Coreia do Norte preconiza «um Estado dois regimes»

A Coreia do Norte quer acelerar a reunificação da península, com base no princípio «um Estado, dois regimes», disse ontem em Lisboa, o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Chon In Chol. O ministro reafirmou, num encontro com jornalistas, a proposta da constituição de um Estado confederado que unificasse as duas Coreias, mantendo um regime socialista a norte e outro capitalista a sul. Para tal seria necessário «destruir o muro de betão a sul da linha de demarcação dos territórios e permitir a livre circulação de pessoas e bens», disse Chon In Chol, evocando o paralelismo da cisão coreana com o Muro de Berlim.

O ministro manifestou igualmente a disposição do regime de Kim Il Sung em desencadear um novo processo de conversações bilaterais ou tripartidas com os EUA, visando a retirada de todos os efectivos norte-americanos da península, sob a «supervisão de tropas de países neutrais».

Para isso, «as duas Coreias devem chegar a um acordo sobre o ingresso nas Nações Unidas, já que a adesão unilateral dificultará ainda mais o desejado processo de reunificação», afirmou Chon.

Sobre a abertura política dos países do Leste europeu, Chon Chol considerou que tal processo é «bastante complexo e que compete exclusivamente aos respectivos povos resolver a questão».

Referindo-se à situação política do seu país, o minis-

tro elogiou com fervor a «sábia direcção do grande líder Kim Il Sung e de seu filho, o querido camarada Kim Jong Il», acrescentando que «o povo norte-coreano está verdadeiramente empenhado no acelerar da construção do socialismo, que nada tem a ver com os processos dos outros países». Para Chon, as acusações feitas pelos detractores do regime de Kim Il Sung - culto da personalidade, ditadura oligárquica e inexistência de democracia e de eleições livres - «são uma visão ocidental que, de maneira nenhuma, é partilhada pelos norte-coreanos».

O ministro recordou ainda que, tanto Kim Il Sung como o seu filho, Kim Jong Il, foram eleitos deputados nas eleições de 22 de Abril e que, este mês, se reunirá pela primeira vez a nova Assembleia Suprema Popular para designar o próximo Governo.

O vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da Coreia do Norte termina hoje esta sua «visita de trabalho» a Portugal, durante a qual debateu com responsáveis portugueses questões que preferiu não revelar, relacionadas com a situação na península coreana, a construção do socialismo, o processo de reunificação e a situação internacional. Depois de Lisboa, Chon visitará a Noruega e a Dinamarca.

Estudantes protestam em Seul

Na Coreia do Sul, mais de 500 estudantes da Universidade Nacional de Seul atacaram ontem à pedrada a polícia, em sinal de protesto



Polícias sul-coreanos usam os seus próprios escudos para remover as pedras lançadas por estudantes

contra o Congresso do Partido Democrático Liberal (PDL), no Poder, que tem hoje início.

Os confrontos foram acompanhados por um ajuntamento de três mil estudantes no pátio da Universidade, onde um caixão inscrito com o nome do partido dirigente foi queimado. À entrada do estabelecimento, os estudantes lançavam pedras e bombas incendiárias sobre a polícia que lhes ripostava com bombas de gás lacrimogéneo.

Episódios idênticos foram igualmente registados noutras cidades do país, como Kwangju, a sudoeste, onde meio milhar de estudantes da Universidade Chunnam lutaram durante uma hora com a polícia.

O PDL foi fundado no passado Fevereiro, na sequência da coligação do Partido Democrático da Justiça - do presidente Roh Tae-Woo - com dois partidos conservadores da oposição. Esta

aliança protagonizada por Tae-Woo visou acabar com a dominação oposicionista na Assembleia Nacional.

Entretanto, a Comissão Europeia anunciou ontem a abertura de um inquérito anti-«dumping» contra 14 empresas sul-coreanas acusadas de vender auto-rádios a preços inferiores aos da CEE, provocando assim prejuízos e o encerramento de fábricas aos industriais europeus. É a segunda ofensiva anti-«dumping» da CEE contra a Coreia do Sul em quinze dias. A Comissão Europeia abriu este inquérito após um protesto da ALARM, associação que agrupa as principais multinacionais europeias do sector - entre as quais a Philips, a Grundig e a Blaupunkt - que produzem 70 por cento do total comunitário. Segundo a ALARM, as empresas sul-coreanas praticam «uniformemente» preços inferiores aos dos produtores europeus.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Segundo o secretário norte-americano da Defesa

NATO tem de manter opção nuclear

O secretário de Estado norte-americano da Defesa, Richard Cheney, afirmou que a NATO não pode abandonar a opção do lançamento em primeiro lugar de armas nucleares em defesa da Europa Ocidental.

Cheney falava aos jornalistas em Kananaskis, no Canadá, onde hoje se inicia uma reunião de dois dias dos ministros da Defesa dos países membros da NATO.

O responsável pela pasta norte-americana da Defesa realçou que, para já, não vê qualquer necessidade de se mudar a estratégia defensiva básica de resposta flexível pela Aliança Atlântica a um ataque soviético contra a Europa Ocidental.

Richard Cheney indicou que os Estados Unidos estão

a pressionar para o desenvolvimento do míssil nuclear ar-terra «TAFM», a ser colocado na Europa em meados da década de 90.

Desmentindo especulações de que os Estados Unidos tenham anulado o desenvolvimento do «TAFM», o secretário norte-americano da Defesa referiu que «não aconteceu nada nas últimas semanas que tenha de qualquer forma diminuído ou mudado» os planos referentes àquele míssil.

«O garante da paz e da liberdade»

O vice-Presidente norte-americano, Dan Quayle, por seu turno, defendeu ontem em Londres que a NATO vai sobreviver como «o garante da paz e da liberdade» na

Europa em mudança. «Não há substituto para a NATO», disse Quayle em entrevista à radiotelevisão britânica (BBC), após se ter reunido com a primeira-ministra Margaret Thatcher, durante uma visita de 24 horas a Londres.

Dan Quayle referiu ainda que a Aliança Atlântica tem de se adaptar às mudanças democráticas no Leste europeu para uma Europa una e livre e reafirmou, por outro lado, o desejo dos Estados Unidos de que a Alemanha unificada seja membro da NATO.

Advogou ainda que a Aliança deveria cooperar com a Comunidade Económica Europeia, a Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa e outras organizações, para garantir a segurança no

velho continente.

O vice-Presidente dos Estados Unidos chegou a Londres proveniente de Roma e partiu para Paris, terceira e última etapa de uma visita que efectuou pela Europa, em comemoração do centenário do nascimento de Dwight Eisenhower, antigo Presidente norte-americano e comandante supremo das forças aliadas na Segunda Guerra Mundial.

Sublinhando que a visão de Eisenhower se tornou hoje em realidade, Dan Quayle elogiou Margaret Thatcher e os Presidentes George Bush e Ronald Reagan por terem alcançado «o objectivo de paz e liberdade na Europa, desejado por Eisenhower».

Redacção DL/Lusa/AFP

B R E V E S

EUA optimistas com redução de armas químicas

O departamento de Estado norte-americano disse ontem sentir-se optimista quanto à conclusão das negociações com a URSS sobre armas químicas antes da próxima cimeira Bush-Gorbachev, que vai realizar-se de 30 de Maio a 3 de Junho em Washington. As negociações visam a obtenção de um acordo bilateral para a redução dos arsenais de armas químicas, em antecipação a uma proibição global daquele tipo de armamento. O secretário de Estado norte-americano, James Baker, e o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, vão analisar a questão para a semana em conversações a efectuar em Moscovo de 16 a 18 de Maio.

Cuba denuncia «ensaio de golpe» norte-americano

O Governo cubano denunciou ontem a incursão de bombardeiros norte-americanos no espaço aéreo da ilha, com o propósito de obter informações militares. O Governo de Havana afirmou que, na manhã de 5 de Maio, «a aviação de exploração estratégica norte-americana cumpriu missões no norte de Cuba para obter informações e maior precisão com os seus bombardeiros». A versão oficial de Havana refere que a acção constituiu um «ensaio de golpe».

Mubarak apoia cimeira árabe em Bagdad

O presidente Hosni Mubarak disse que o Egipto apoia a realização de uma cimeira árabe de emergência, apesar das divergências quanto à proposta de que a capital iraquiana seja o local da reunião. Décadas de animosidade entre o Iraque e a Síria ameaçam os planos para esta cimeira que deveria decorrer ainda este mês em Bagdad, antes da cimeira Bush-Gorbachev. Pelo menos 15 dos 22 membros da Liga Árabe apoiam a realização desta cimeira que prevê discutir o influxo maciço de judeus israelitas e a alegada campanha ocidental contra o Iraque.

Hussein exhibe detonadores nucleares «made in Iraque»

O presidente iraquiano, Saddam Hussein, admitiu ontem que o Iraque já está a fabricar os seus próprios detonadores nucleares com base numa amostra de um engenho que adquiriu aos EUA. A Grã-Bretanha e os EUA tinham apreendido em Março, no aeroporto de Heathrow, em Londres, um carregamento destinado ao Iraque, que continha detonadores norte-americanos considerados altamente secretos. Na altura, o Iraque negou acusações de que estaria a fabricar armas nucleares. Ontem, o presidente Hussein, exibindo, perante dirigentes políticos locais e jornalistas, dois detonadores fabricados no seu país e um terceiro de fabrico norte-americano, alterou o enunciado do problema e ironizou a situação, exclamando: «Poderá este dispositivo servir como uma bomba atómica? Nunca vi uma bomba atómica... mas este é um dos tais detonadores de que tanto se falou, e cujo carregamento não apreenderam totalmente».

Aoun prepara batalha decisiva em Beirute

Pelo menos 10 pessoas morreram e 20 ficaram feridas durante uma batalha, ontem, entre forças cristãs rivais libanesas que afirmam «preparar a batalha decisiva» pelo controlo da zona Este de Beirute. Entre os mortos, conta-se um coronel das forças do general Michel Aoun, que lutam há anos pelo controlo de Beirute Oriental contra milícias das forças libanesas, consideradas pró-sírias. Na segunda-feira morreram 21 pessoas durante um ataque que se prolongou durante seis horas.

Congresso do PC jugoslavo retoma a 26 de Maio

O XI Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, interrompido em Janeiro por divergências várias, prossegue no próximo dia 26, anunciou a agência «Tanjug». Numa reunião do seu Comité Central, na qual estiveram ausentes os representantes da Eslovénia e da Croácia - que rejeitaram recentemente o comunismo em eleições locais - o PC da Jugoslávia determinou que, no fim de Junho, fará ainda outro congresso destinado a constituir um partido comunista reformado.

CARTA DE MOSCOVO

Os radicais ao leme de Moscovo

A sorte dos radicais de esquerda na sociedade soviética, vai em muito depender do êxito ou não do Governo da maior cidade da União Soviética, Moscovo, a capital.

Até agora, os radicais soviéticos tinham a sua intervenção na vida pública soviética limitada às tribunas do Parlamento, às páginas dos jornais e aos comícios e reuniões.

Foi uma situação que se alterou, quando a 20 de Abril, o Soviété de Moscovo, saído das eleições para os órgãos de poder local de 18 de Março último, escolheu como seu 18º Presidente Gavril Popov, de 53 anos, um economista de origem grega, membro do Grupo Inter-Regional de Deputados, o principal grupo de oposição no Soviété Supremo da URSS.

Popov foi escolhido para aquele cargo pelos deputados eleitos nas listas do bloco «Rússia Democrática», que conta com 290 assentos dos 463 mandatos do Soviété da capital. Os outros deputados pertencem ao grupo «Moskva», ligado ao Comité de Moscovo do Partido Comunista, ao grupo nacional-patriótico (direita nacionalista), e ao grupo independente. Trata-se da primeira experiência de poder dos radicais soviéticos, que também ganharam eleições em algumas outras grandes cidades como Leninegrado, Sverdlovsk, nos Urais, e Lvov, na Ucrânia.

Antigo professor da Universidade de Moscovo e actual director da revista «Questões de economia», Popov é um defensor da economia de mercado, e tudo indica que a pretende aplicar para solucionar os problemas da megalópole de nove milhões de habitantes. Moscovo defronta-se com a deterioração das suas ruas e prédios, a falta de habitação, o mau funcionamento dos transportes urbanos e a poluição. Para os resolver, os radicais só têm o seu entusiasmo e o desejo de refazer tudo, já que não têm praticamente qualquer experiência de administração. Mas o principal problema que terão que vencer é a resistência de muitos departamentos governamentais que ignoram as directrizes do Soviété urbano e também dos próprios funcionários dos seus serviços, que exigem aumentos salariais, tendo já ameaçado com greves.

Os Ministérios que continuam de facto a controlar tudo, ameaçados na sua existência pela reforma económica, não vão resistir certamente à tentação de meter uns pausinhos nas rodas do carro dos radicais. O novo Presidente e os seus assessores consideram que a «glasnost» (transparência informativa) e uma ampla utilização da Imprensa são capazes de facilitar as tarefas a que vão meter ombros. Tencionam mesmo criar uma emissora de rádio para a região de Moscovo e um sistema regional de televisão por cabo.

Uma outra aposta será certamente na maior liberdade de iniciativa económica que o novo Soviété na capital vai criar. Quando entrou em vigor a lei sobre as cooperativas, grande latitude de poderes foi deixada



Gavril Popov (sentado) na assembleia da Câmara Municipal de Moscovo (retrato «amigável» de V. Tchiljkov, da revista «Cultura Soviética»)

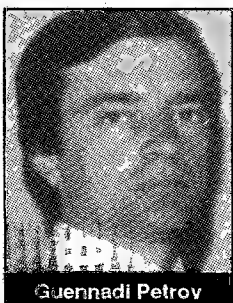
aos soviéticos locais na regulamentação concreta das suas actividades. Isso serviu aos aparelhos conservadores locais para lhes criar dificuldades de toda a ordem. Agora em Moscovo e noutras cidades governadas pelos radicais surge a possibilidade de iniciativa económica dos cidadãos se espalhar livremente.

Serguei Stankevitch, como Popov deputado no Soviété Supremo e no Soviété de Moscovo, e um dos dirigentes do bloco «Rússia Democrática», afirma que se pretende em primeiro lugar tomar decisões referentes à protecção das zonas verdes e transferir uma série de edifícios, que pertencem a diversas instituições que não as utilizam adequadamente, para a saúde pública e centros de infância. O Soviété de Moscovo quer também abrir ao público várias policlínicas pertencentes a departamentos privilegiados, que se encontram bem equipadas, restabelecer a ordem na distribuição dos apartamentos e eliminar a implantação de novas indústrias nos arredores da cidade.

Uma «grandiosa operação» de redistribuição de mão de obra dos sectores industriais para os sectores de serviços, que na capital soviética se encontram em péssimo estado, sobretudo no comércio, é na opinião de Stankevitch um dos objectivos fundamentais e inadiáveis dos novos governantes da capital, que querem recorrer para isso à ajuda de firmas estrangeiras. Por si só, esta transferência resolveria muitos dos problemas ecológicos da cidade. Moscovo deixaria de ser um grande

centro industrial para se transformar num grande centro de serviços e indústrias de alta tecnologia, menos poluentes. A tarefa é imensa e o êxito não está, nem de longe, nem de perto, garantido; mas os radicais soviéticos aceitaram o desafio.

Resta ver os resultados.



Guennadi Petrov

Ligachev defende «medidas severas»

Deputados letões apelam a Gorbachev

Um grupo de deputados letões, opositores à tentativa de independência da república, pediu ao Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, para não impor sanções económicas, à semelhança do que fez com a Lituânia, noticiou a agência Tass.

O pedido surgiu numa altura em que a Estónia reforçou os seus desejos independentistas, mudando a sua designação e a bandeira, e proclamando solidariedade com a Letónia e Lituânia em relação às aspirações de independência.

Os parlamentares letões, membros do grupo «Igualdade», pediram também a criação de órgãos legislativos e executivos para defender os interesses dos eleitores que se opõem à independência, disse a agência noticiosa soviética.

Opositores pedem referendo

Os deputados letões que se opõem à independência pediram a Gorbachev para não impor as sanções contra a Letónia, alegando que iriam prejudicar muitos cidadãos leais à União Soviética.

O grupo solicitou a realização de um referendo sobre a independência.

A Letónia emitiu uma declaração de independência em 4 de Maio, mas não pediu o afastamento imediato de Moscovo, nem suspendeu a Constituição soviética.

Aguarda para ver se Gor-

bachev imporá sanções semelhantes às da Lituânia.

Sem ter declarado formalmente a independência, o Parlamento da Estónia re-instituiu ontem alguns parágrafos da sua Constituição de 1938.

Abandonou a designação «Socialista Soviética» para se tornar simplesmente «República da Estónia». Adoptou ainda a sua velha bandeira nacional tricolor.

O Parlamento afirmou que estes passos visavam mostrar solidariedade para com as repúblicas da Lituânia e da Letónia, que declararam a sua independência. Os três territórios eram independentes antes de anexados pela União Soviética.

Ligachev pede «medidas severas»

Entretanto o membro conservador do Bureau Político e Secretariado do Comité Central do PCUS, Igor Ligachev, criticou o partido, afirmando que este subestimou o perigo das tendências separatistas e nacionalistas, não mostrando determinação na luta contra elas. A participação de comunistas não só como membros, mas também como dirigentes de movimentos nacionalistas foi para ele considerada «inadmissível». Afirmou também que as autoridades soviéticas devem tomar «medidas severas», «com coerência e firmeza», para tirar a União Soviética da complexa situação

económica e social em que se encontra.

Numa entrevista à televisão soviética, Ligachev advogou um sistema de «mercado planeado» que suponha o reforço do planeamento, em que as relações monetário-mercantis funcionem como regularizador e o desemprego esteja excluído. «Nenhuns bens materiais poderão indemnizar as perdas causadas pelo desemprego», disse.

O dirigente soviético, que presidente à Comissão para a Agricultura do Comité Central do PCUS, assinalou a prioridade que, em seu entender, devem ter a propriedade estatal e cooperativa, as únicas praticamente existentes até agora, entre as diversas formas de propriedade permitidas pela nova lei da terra.

PCUS não pode ser um partido parlamentar

Expondo a sua opinião sobre a unidade no seio do PCUS, Ligachev sublinhou não poder o Partido Comunista, no contexto do pluripartidarismo, transformar-se num partido parlamentar, com liderança de facções e agrupamentos, com a sua disciplina interna.

A transformação do PC num partido parlamentar tem sido pedida pela «Plataforma Democrática», uma tendência constituída em Janeiro passado.

Redacção «DL»/Lusa/Novosti

Posição soviética incomoda RDA

A RDA opõe-se à posição soviética de permitir o avanço da unificação alemã sem devolver de imediato a plena soberania ao futuro Estado alemão. Esta posição foi revelada por um alto responsável de Berlim Oriental, que levantou também a hipótese do surgimento de um novo «complexo de Versaillais» na população alemã se as quatro potências vitoriosas da II Guerra Mundial não chegassem a acordo quando ao futuro sistema de alianças da Alemanha.

Este responsável alemão mostrou-se muito preocupado com a não resolução do estatuto internacional da Alemanha, opondo-se a que, durante o período de transição depois da unificação, as potências estrangeiras em território germânico mantinham os direitos e responsabilidades actuais.

No final na conferência «dois mais quatro», o fórum de discussão do estatuto externo da futura Alemanha unida, realizada no fim de semana passado em Bona, o chefe da diplomacia soviética, Eduard Chevardnadze, declarou que «a resolução dos aspectos internos e externos da unificação alemã não deveriam necessariamente intervir simultaneamente». Esta posição evitou no imediato uma confrontação com os EUA, que defendem a adesão da RDA à NATO, mas não resolveu o problema.

Segundo o mesmo responsável alemão oriental, a RDA está de acordo com os EUA cuja intenção é de devolver à RDA a plena soberania. Assim, responsáveis norte-americanos argumentam que a questão das alianças deve ser resolvida entre a NATO e a Alemanha.

Em Bona, o conselheiro de política externa de Helmut Kohl, Horst Teltschik, declarou que os aspectos internos e externos da unificação deveriam ser resolvidos «na medida do possível ao mesmo tempo».

Reacção «DL»/AFP

O fim da II Guerra Mundial

As cerimónias comemorativas do 45º aniversário do fim da II Guerra Mundial continuaram ontem a realizar-se um pouco por toda a parte.

Em Berlim Leste, a presidente da Câmara do Povo, declarou, numa sessão extraordinária, que a RDA, tal como a RFA, aceitava a sua responsabilidade pela morte de seis milhões de judeus, vítimas do regime hitleriano.

Em Praga, dezenas de milhares de pessoas invadiram ontem, a convite do Presidente Vaclav Havel, os salões do Castelo de Praga (residência oficial do Presidente). Entre os habitantes de Praga, simpatizantes do Fórum Cívico e diplomatas, a multidão visitou o palácio que antes do derrube do Governo comunista era reservado à nomenklatura comunista.

Em Berlim ocidental, várias centenas de pessoas manifestaram-se ontem contra a criação de uma grande Alemanha.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

INTERNACIONAL

Donativos para Moçambique inferiores aos esperados

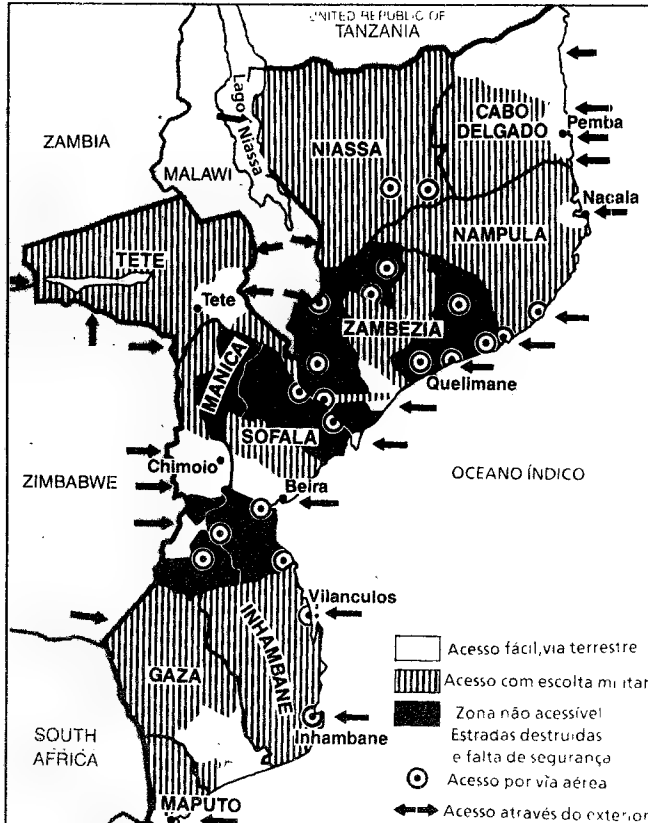
A falta de garantias de que as ajudas chegarão aos seus destinatários, devido à continuação do conflito interno, foi um dos motivos determinantes desse decréscimo

Do nosso correspondente em Washington

O governo de Moçambique obteve menos 30 milhões de dólares do que havia apelado à comunidade internacional, no âmbito de uma conferência organizada pelas Nações Unidas com o patrocínio do próprio secretário-geral, Javier Perez de Cuellar, visando socorrer cerca de milhão e meio de pessoas.

De acordo com o que foi, ontem, revelado pela ONU, as doações este ano recolhidas pelas autoridades de Maputo não ultrapassaram os 106 milhões de dólares de uma meta inicialmente estabelecida de 136. Portugal, ao contrário da Espanha, não se encontra entre os 16 países doadores, limitando a sua participação à oferta formulada no âmbito da Comunidade Económica Europeia. Entre os Estados comunitários que apresentaram donativos individuais conta-se a França, a Grã-Bretanha, a Itália e a Alemanha Federal. Fora do contexto europeu, destaque para a participação dos EUA, Coreia do Sul, Japão e Austrália.

A magreza do total agora angariado é realçada pelo facto do objectivo a priori definido por Moçambique ser significativamente menor do que nas três anteriores conferências. No ano passado, por exemplo, o alvo foi fixado nos 361 milhões de dólares, tendo sido colectados 213 milhões. Já em 1988, visou-se atingir os 338 milhões, qued-



ando-se os resultados nos 268 milhões de dólares. Apenas no primeiro ano, Maputo logrou ultrapassar os 244 milhões em vista com doações que atingiram os 337 milhões de dólares.

Dificuldades no terreno

Comentando para o «DL» o visível decréscimo da participação da comunidade internacional na ajuda humanitária a Moçambique um diplomata das Nações Unidas admitiu que se verifica um certo esgotamento perante a repetição do apelo, sem que as condições objectivas sejam

alteradas no terreno. A eventualidade de um acordo de paz entre o Governo e a Renamo será outro dos factores que colocaram os doadores numa situação de expectativa, sabendo-se de antemão que a pacificação da situação no país conduzirá forçosamente a um novo esforço financeiro internacional para fazer face às necessidades do pós-guerra. Isto foi admitido pelo próprio chefe da delegação moçambicana, o primeiro-ministro Mário Machungo.

Mas, no âmbito das Nações Unidas não falta também

quem pense que a falta de garantias de que os donativos cheguem às populações que deles necessitam seja um facto determinante. Com efeito, de acordo com um estudo realizado por uma missão na ONU que visitou Moçambique, «a falta de segurança continua a ser a principal dificuldade que afecta as actividades do programa de emergência», como se pode verificar pelo mapa elaborado por aquela organização internacional. Ainda de acordo com aquele documento, «o acesso a um determinado número de distritos deteriorou-se, não apenas devido a limitações de segurança, mas sobretudo devido à destruição das infra-estruturas rodoviárias que não têm sido reparadas». Actualmente, devido «à intensificação da actividade militar» nas províncias da Zambézia, Tete, Sofala, Manica, Maputo e Gaza são este ano ainda em menor número os distritos a que as autoridades poderão fazer chegar ajuda humanitária.

Segundo o relatório da ONU, «actualmente cinco distritos em Sofala e em Manica são inacessíveis às operações de socorro, quando no ano passado eram apenas dois». Por outro lado, «em Tete, na maior parte dos distritos são necessárias colunas militares para circular», enquanto que «no Niassa apenas seis por cento dos eventuais beneficiários poderão beneficiar da ajuda humanitária».

Filipe Vieira

Barroso defende apoio a Pretória

É importante que tanto De Klerk como Mandela sejam apoiados a prosseguir as reformas em curso na África do Sul, afirmou ontem, à RTP, o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, José Manuel Durão Barroso, em entrevista concedida ao programa «Primeira Página».

Num comentário à visita do Presidente De Klerk a Lisboa, que se inicia domingo, Durão Barroso afirmou que, apesar da condenação global e de princípios do regime do *apartheid*, o Governo português não pode deixar de encorajar as iniciativas de abertura em curso na África do Sul. Esta atitude tem definido a linha de conduta de Portugal junto dos países da Comunidade Económica Europeia no sentido destes adoptarem posições mais moderadas. Durão Barroso considerou ainda que o posicionamento de Lisboa em relação à África do Sul já não se encontra condicionada pela presença de uma importante comunidade portuguesa naquele país, a exemplo do que aconteceu há alguns anos atrás.

De Klerk em França a título particular

O Presidente Frederik De Klerk chegou ao fim desta manhã a Paris, para o início de uma viagem de 18 dias a nove países europeus. Na agenda diplomática um programa sobrecarregado: durante o périplo europeu, De Klerk tem previsto encontros com dois reis, sete presidentes e nove primeiros-ministros. Esta visita é considerada pelos observadores como o reconhecimento da nova «respeitabilidade» conseguida pelo Governo de Pretória com a aceleração das reformas no regime do *apartheid*.

Numa entrevista concedida à TF1 antes da sua partida para França, o Presidente sul-africano disse que durante a sua viagem à Europa estaria empenhado em fazer desaparecer as «falsas ideias e as teias de aranha» que ainda persistem acerca do seu país.

Referindo-se às sanções económicas impostas pela comunidade internacional à África do Sul, De Klerk afirmou: «conseguimos encontrar em nós próprios a força para gerir as sanções. Os efeitos negativos incidiram sobretudo num crescimento mais lento do que o necessário». Apesar da viagem do Presidente sul-africano a França ser efectuada a título «privado», ela está a ser acompanhada com bastante expectativa. Para já as atenções

estão voltadas para os encontros de De Klerk com o Presidente François Mitterrand e o primeiro-ministro Michel Rocard.

Algumas surpresas poderão também surgir dos encontros particulares com os empresários. A sociedade francesa Alstom, que participou na construção de uma central nuclear e várias centrais térmicas na África do Sul, oferece amanhã um almoço em honra do Presidente sul-africano.

A França, quinto parceiro económico da África do Sul, tem-se mostrado interessada em intensificar as relações comerciais com Pretória. Por isso, a atitude de De Klerk na aceleração das reformas do regime sul-africano, «embora ainda insuficientes», estão a ser acompanhadas a par e passo pelo Governo de Paris, segundo declarações feitas à Agência France Press por um alto responsável político. Segundo as mesmas declarações, as autoridades francesas consideram que tanto o Governo sul-africano como a Oposição devem controlar os extremistas, quer se trate de brancos ou negros. «Faremos passar esta mensagem também a Nelson Mandela», que visitará Paris em Junho, acrescentam ainda as mesmas fontes citadas pela AFP.

Redacção DL/AFP

VIAGENS FÉRIAS 1990

HOTÉIS SELECIONADOS • GUIAS EXPERIENTES

BIARRITZ • LOURDES • ANDORRA • MADRID
7 DIAS - PARTIDAS: 9 JUNHO • 8 E 22 JULHO • 1, 12 E 25 AGOSTO 2, 9 E 16 SETEMBRO • 1 OUTUBRO

PARIS • LOURDES • ANDORRA
11 DIAS - PARTIDAS: 6 JUNHO • 1 JULHO 5 E 19 AGOSTO • 2 SETEMBRO

CÔTE D'AZUR • MÓNACO • SAN REMO
10 DIAS - PARTIDAS: 9 JUNHO • 5 E 19 JULHO • 2 E 16 AGOSTO 4 E 18 SETEMBRO • 2 OUTUBRO

BENELUX • PARIS • VALE DO RENO
CRUZEIRO DE 4 HORAS NO RENO
PARTIDAS: 2 E 9 JUNHO • 14, 21 E 29 JULHO 4, 11, 18 E 25 AGOSTO • 1, 8, 15, 22 E 29 / 9

CIRCUITO ITALIANO
MARAVILHOSA VIAGEM DE UMA SEMANA
VISITANDO: VENEZA • PÁDUA • FLORENÇA • ASSIS • ROMA • PISA • MILÃO (AUDIÊNCIA PAPAL)
PARTIDAS: 7, 14, 21 E 28 JULHO • 4, 11, 18 E 25 AGOSTO 1 E 8 DE SETEMBRO

VIENA • BUDAPESTE • PRAGA
PARTIDAS: 2, 9, E 16 JUNHO • 7, 14, 21 E 28 JULHO 4, 11, 18 E 25 AGOSTO • 1, 8 E 15 SETEMBRO

SINFONIA CENTROEUROPEIA
VIENA • MUNIQUE • INNSBRUCK
KLAGENFURT • BUDAPESTE
PARTIDAS: 7, 14 E 28 JULHO • 4, 11 E 18 AGOSTO 1 SETEMBRO

DESCUBRA A ÁUSTRIA
VIENA • SALZBURGO • INNSBRUCK • KLAGENFURT
PARTIDAS ÀS 6.^{AS} FEIRAS DE 18 / 5 A 5 / 10

ÁUSTRIA • HUNGRIA • CHECOSLOVÁQUIA
AS 3 CAPITAIS IMPERIAIS
PARTIDAS ÀS 6.^{AS} FEIRAS DE 18 / 5 A 5 / 10

CIRCUITO DAS CIDADES IMPERIAIS
PARTIDAS AOS SÁBADOS DE MAIO A OUTUBRO

MARROCOS • CEUTA
CIRCUITO DAS CIDADES IMPERIAIS
PARTIDAS: 10 JUNHO • 1 E 15 JULHO • 5 E 19 AGOSTO 2 E 16 SETEMBRO

CIRCUITO EUROPEU N.º 1
SUÍÇA • FRANÇA • ALEMANHA • BÉLGICA
LUXÉMBURGO • HOLANDA • ESPANHA • ANDORRA
PARTIDAS: 1 E 15 JULHO • 5 E 19 AGOSTO 2 SETEMBRO

CIRCUITO EUROPEU N.º 2
SUÍÇA • ÁUSTRIA • ITÁLIA • FRANÇA
ESPANHA • ANDORRA • CÔTE D'AZUR
PARTIDAS: 14 JULHO • 1 AGOSTO • 1 SETEMBRO

PARIS • LONDRES • PAÍSES BAIXOS
CRUZEIRO NO RENO
PARTIDAS: 15 JULHO • 2 AGOSTO • 2 SETEMBRO

INGLATERRA • ESCÓCIA
VISITANDO: VALLADOLID • BORDEAUX • TOURS • PARIS • LONDRES • CHESTER • WINDERMERE • CARLISLE • GLASGOW • LOCH NESS • INVERNESS • PERTH • EDIMBURG • NEWCASTLE • YORK • ANDORRA • MADRID
PARTIDA: 8 AGOSTO

CAPITAIS DO LESTE
VISITANDO: BARCELONA • ZURICH • MUNICH • PRAGA • OSTRAVA • CRACÓVIA • VARSÓVIA • BERLIM • BASILEIA • ANDORRA • MADRID
PARTIDA: 2 DE AGOSTO

CAPITAIS DA ESCANDINÁVIA
DINAMARCA • SUÉCIA • NORUEGA • ESPANHA
FRANÇA • HOLANDA • ALEMANHA • SUÍÇA • BÉLGICA
PARTIDA: 4 DE AGOSTO

INFORMAÇÕES E RESERVAS

AVIC
Holidays
Tours

AV. 5 DE OUTUBRO, 53 • 1000 LISBOA
(METRO SALDANHA)
☎ 52 11 16 • 52 11 17 • 57 29 70
OU NA SUA HABITUAL AGÊNCIA DE VIAGENS

Na sequência do último encontro entre Mandela e De Klerk

Militantes do ANC desaprovam viragem

O ANC começou no passado domingo a executar os compromissos que subscreveu sexta-feira na cidade do Cabo, na sequência do seu encontro com o Poder, tentando preparar os seus militantes para a proximidade da suspensão oficial da «luta armada» e apelando à disciplina e ao fim da «intimidação». Mas o encontro que marcou a estreia desta campanha explicativa mostrou claramente a dificuldade dos líderes do movimento nacionalista negro em persuadir a sua base militante a aceitar uma nova linguagem política.

«O nosso maior desejo é que se criem condições suficientes para tornar o AK-47 numa peça de museu», declarou o secretário-geral do SACP (Partido Comunista Sul-africano, aliado ao ANC), Joe Slovo, referindo-se à célebre metralhadora que, no mundo inteiro, simboliza a guerrilha.

Slovo que, diante de 30 mil espectadores, proferiu o principal discurso na Soccer City, um estádio situado entre o Soweto e Joanesburgo, acrescentou: «No ANC e no SACP, faremos tudo o que pudermos para criar um clima propício a uma solução pacífica».

Após o acordo público, na passada sexta-feira, entre o presidente De Klerk e o líder do ANC, Nelson Mandela, os dois partidos deverão trabalhar para acabar com o clima de «violência e intimidação».

O acordo não refere, no entanto, a luta armada que o ANC enceta contra o regime desde 1961. Mas Mandela admitiu implicitamente que o ANC aceitou abrandar a resistência, em troca de concessões pela parte do Poder que passam por pontos tão sensíveis como a libertação de prisioneiros políticos, o regresso de exilados, a suspensão do estado de emergência e a revisão das leis de segurança.

Foi ainda Slovo que ficou encarregado de entregar a nova mensagem aos militantes do movimento. A escolha foi hábil, na medida em que, em 1987, foi chefe de Estado-maior da Umkhonto We Sizwe (a Lança da Nação), o exército do ANC. Slovo é ainda considerado um «duro» que rejeita concessões de qualquer espécie ao Poder.

Mesmo cessando de facto, a luta armada permanecerá um mito particularmente sagrado aos olhos dos jovens radicais que, durante três décadas, a têm visto glorificada pelos dirigentes do movimento.

Estes jovens militantes puros e duros do ANC, nascidos após 1961, exacerbam este clima e esta apologia da violência. A imagem que muitos retêm do ANC nem sempre é a de um movimento político, mas a de uma organização guerrilheira, uma espécie de «exército do povo».

A interpretação do acordo entre Mandela e De Klerk pelos militantes do movimento foi inequivocamente ilustrada por uma brochura que distribuíram em Soccer City no passado domingo. Assinada pelas «unidades clandestinas do ANC e do Umkhonto we Sizwe», no Soweto, o opúsculo escreve: «não temos outra opção senão continuar o combate, de punho cerrado» e apela aos jovens negros para transformar «cada canto do país num campo de batalha, cada rua numa barricada e cada casa numa base».

Isto prova que a adaptação ainda é difícil para certos militantes e que a viragem do ANC, pelo menos por enquanto, se encontra completamente desconcertada.

Christlan Chaise
«DL»/AFP

Com a nomeação de um «independente» para primeiro-ministro afegão

Najibullah tenta influenciar cimeira Bush-Gorbachev

Em vésperas da cimeira americano-soviética, o presidente afegão, Mohammed Najibullah, acabou de nomear um primeiro-ministro aparentemente desligado do partido do Poder e garantiu que, até ao fim do mês, uma assembleia composta por representantes de todas as províncias e etnias do território começará a introduzir um punhado de reformas políticas e económicas na Constituição pró-soviética do país. Quinze meses volvidos sobre a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão sem que os rebeldes Mujahedin, financiados pelos EUA, acessem às propostas de Cabul, o presidente afegão tenta provar que, desta vez, vai conseguir mesmo acabar com a guerra. Para as facções guerrilheiras assentes no Paquistão vizinho, Najibullah planeia, pelo contrário, continuar a «mexer os cordelinhos», e tal abertura não passa de uma maquiagem muito mal acabada para seduzir os líderes das duas superpotências.

A nomeação, na segunda-feira, para o cargo de primeiro-ministro, de Fazle Haq Khalikyar - antigo governador da província de Herat (a noroeste), que nunca integrou o Partido Democrático do Povo Afegão (PDPA), no Poder - parece não convencer numerosas fontes paquistanesas das boas intenções de Najibullah.

«O presidente tenta provar que vai acabar com o monopólio do Poder por parte do PDPA, mas esta nomeação não é suficiente para tal, porque o novo primeiro-ministro é perfeitamente manejável pelo partido», indicou à Agência France Presse um diplomata ocidental acreditado no Paquistão, que frisou ainda repartir uma opinião largamente partilhada em Cabul.

A popularidade de Khalikyar, ferido no passado dia 6 de Abril perto de Herat, no decurso de um cerimonial de rendição que degenerou num massacre, parece, além disso, favorecer a imagem do presidente Najibullah, o que perturba ainda mais os seus detractores.

Mas o verdadeiro teste à abertura do presidente afegão ocorrerá daqui a duas semanas, quando Khalikyar anunciar a composição do seu gabinete. A dosagem de membros do PDPA a integrar no novo executivo será o factor determinante para a credibilidade do presidente afegão.

Simultaneamente, um comité dirigido pelo vice-presidente, Abdul Rahim Hatif, que, como o novo primeiro-ministro, também não está directamente conotado com o partido, foi nomeado



Se as promessas de Najibullah forem cumpridas, os horizontes dos rebeldes afegãos vão mudar até ao fim do mês

para convocar uma Loya Jirga (grande assembleia), que deverá introduzir na Constituição do país reformas políticas e económicas «radicais».

Tentativas de consenso

Esta assembleia consensual, da qual farão parte representantes de todas as províncias, etnias e comunidades religiosas do país, deverá estar formada até 30 de Maio, a mesma data da cimeira Bush-Gorbachev.

Se realmente a questão captar as atenções das duas superpotências, será previsível que a União Soviética reitere a proposta que, em Fevereiro, o ministro dos Negócios Estrangeiros Eduard Shevardnadze, dirigiu aos EUA, Irão e Paquistão para a realização de uma conferência internacional entre os EUA, com vista a desmilitarizar o país.

Responsáveis do ministério dos Negócios Estrangeiros mostram-se, entretanto, optimistas quanto ao estabelecimento de uma nova Constituição até ao final do ano, sem contudo negar a possibilidade do surgimento de graves problemas se todas as partes envolvidas não forem consultadas.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Abdul Wakil, já afirmou recentemente que o PDPA tenciona, passo a passo, abandonar o seu monopólio do Poder e introduzir reformas de base visando permitir uma economia de mercado no país e o estímulo do investimento estrangeiro.

Entretanto, por via das dúvidas, Cabul permanece sob recolher obrigatório e o Palácio Presidencial acirradamente defendido, não vá ser Najibullah surpreendido com

uma tentativa golpista mais gravosa daquela que, em Março, o então ministro da Defesa, Shah Tanai, encabeçou.

Voluntário de ONG francesa abatido a tiro

Por outro lado os ânimos ocidentais já perderam a paciência com o conflito afegão e a morte de Frederic Galland, voluntário do departamento da Medicina Sem Fronteiras (MSF), mergulhou as ONG francesas estabelecidas no Paquistão numa profunda apreensão. Algumas delas estão mesmo a pensar suspender as ajudas humanitárias que vêm prestando às vítimas do conflito.

Trata-se da segunda morte violenta de um jovem expatriado francês em menos de um ano no Afeganistão, onde, logo após o início da guerra civil, as ONG francesas começaram a operar. Apesar da retirada das tropas soviéticas, em Fevereiro do ano passado, estas organizações humanitárias prosseguem o seu trabalho no território, em focos controlados pela resistência.

Mas, agora o enunciado do problema é outro: «Vou deixar de enviar pessoas para este ninho de vespas. A situação tornou-se definitivamente incontrolável», garantiu Bernard Chomilier, coordenador da MSF em Peshawar, uma cidade paquistanesa fronteiriça com o Afeganistão, que tem servido de ponto de partida para o interior às missões humanitárias da instituição.

A província de Badakhão, a noroeste do Afeganistão, onde Frederic Galland, de 27 anos, foi, no passado dia 28 de Abril, abatido a tiro por quatro homens armados não identificados, era, curiosa-

mente, «a última região onde poderia acontecer qualquer coisa», explicou Chomilier, aludindo à calma que até agora tem imperado nas zonas fronteiriças com a URSS.

Todas as organizações ocidentais baseadas em Peshawar notam com inquietude a multiplicação de incidentes relacionados com o prolongamento de combates, em determinadas regiões, entre forças governamentais pró-soviéticas e grupos de «mujahedins». Não apenas pela insegurança provocada com a recrudescência do banditismo, mas também pela manifesta hostilidade que certas facções fundamentalistas têm em relação aos ocidentais.

Já no passado dia 26 de Abril, data do fim do Ramadão, milhares de refugiados afegãos no Paquistão atacaram, correspondendo a um apelo de um dignitário religioso, as instalações da organização humanitária Shelter Now International (SNI), no campo de Nasir Bagh, perto de Peshawar, provocando mais de um milhão de dólares de prejuízos.

O objecto da cólera dos fundamentalistas prendia-se com a aplicação de programas para mulheres no campo de refugiados, que, segundo eles, são contra os «costumes islâmicos».

Com esta acumulação de desaires várias ONG, desistem, após quase 11 anos, de operar no conturbado território. «Já não acreditamos na reconstrução afegã», desabafa Jean-François Rubin, coordenador dos Veterinários Sem Fronteiras (VSF) que, como a MSF, congelou as suas operações no Afeganistão.

Marina Tadeu/AFP



ESPECIAL FÉRIAS/90 no HOTEL DO PARQUE



VIANA DO CASTELO COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		MAI.JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telex (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

QUOTIDIANO

Crude espesso atinge praias alentejanas

Apesar do vento ter empurrado a mancha para Sul, a Marinha promete uma limpeza simples e rápida

As praias de Melides e Santo André foram atingidas por crude espesso, proveniente do derrame do petroleiro cipriota Theogenitor. O porta-voz da Armada, Monteiro Coelho, disse ao DL que «a situação dentro do porto de Sines já está completamente controlada. Foram colocadas barreiras de protecção e até ao fim desta manhã já foram recolhidas 40 toneladas de crude».

Quanto às praias onde o produto deu à costa, Monteiro Coelho garante que «o processo de limpeza é simples e rápido e não vai prejudicar a época balnear. Resta agora recolher esse crude das praias e colocá-lo nas lixeiras».

Investigações feitas ao produto que alastra desde sábado, a partir do Porto de Sines, permitiram chegar à conclusão que se trata de

lastro, uma mistura de crude, fuel e outros resíduos.

Porém, Monteiro Coelho não acredita muito nessa conclusão. «A mancha que se vê junto à costa de Sines só pode ser crude. É provável que exista alguma quantidade de lastro, mas a transfeção foi do produto bruto, ou seja, crude», disse o comandante.

Segundo Adriano Rocha Carapeto, da Administração do Porto de Sines, «a mancha gordurosa, que se dividiu em duas partes, já começou a dar à costa, a Norte de Melides».

Monteiro Coelho salientou que «apesar do vento de Nordeste empurrar a mancha para Sul, esta poderá ser localmente controlada com o equipamento da capitania de Sines. Se isso não for suficiente, teremos de recorrer aos serviços de combate à poluição, com sede em Lis-

boa». A mancha descontinua instalada ao largo de Sines tinha, ontem à tarde, cerca de 270 quilómetros quadrados de área, com uma extensão aproximada de 27 quilómetros no sentido norte-sul e de 18 para oeste.

Monteiro Coelho disse ao DL que «durante os próximos dias vão ser feitos voos diários e constantes observações da costa para acompanhar a evolução da situação».

A causa do acidente reside numa falha humana. «O processo de transfeção para a tubagem do navio é feito através de mangueiras que ligam directamente ao terminal».

Era necessário accionar um botão para sugar o crude. Em vez disso foi accionado um outro botão que fez o líquido transbordar para o porão e,

consequentemente, para o mar», explicou Monteiro Coelho.

Entretanto, a Associação de Municípios do Litoral Alentejano (AMLA) protestou já junto do primeiro-ministro, do ministro da Defesa e do secretário de Estado de Ambiente contra o derramamento de crude em Sines.

Segundo o telex enviado àqueles membros do Governo «a costa alentejana está a ser afectada, negativamente, em termos turísticos, e as populações continuam a viver sob a ameaça desta situação».

Para a AMLA, a «reincidência destes incidentes exige que se proceda com urgência a uma inspecção rigorosa ao sistema de funcionamento de cargas e descargas do porto de Sines», para defesa do ambiente e qualidade de vida cuidadosa.



Dia da Europa O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Jorge Sampaio, afirmou esta manhã o seu empenhamento na construção duma Lisboa «identificada com os princípios da Europa comunitária». Sampaio hasteou, na varanda dos Paços do Concelho, a bandeira das Comunidades, ao som do Hino da Alegria. Na capital, as comemorações do Dia da Europa prosseguem durante a tarde com a final do Jogo do Dia da Europa, que decorrerá na galeria central do centro comercial das Amoreiras, contando com a presença do secretário de Estado da Juventude, Miguel Macedo

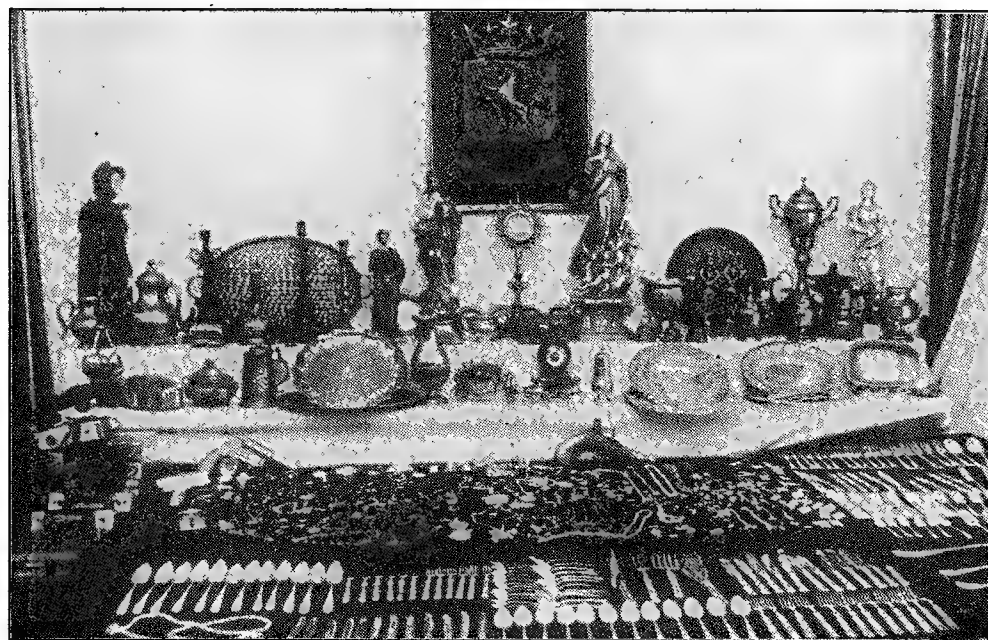
Cemitério-jardim de Cascais não tem jazigos

O concelho de Cascais vai dispor de um cemitério-jardim que, segundo anunciou hoje o vereador Carlos Sota, não disporá de jazigos. O projecto compreende a construção de edifícios para floristas, administrativos, guarda e uma capela. A sua conclusão foi anunciada para o próximo mês de Junho.

Com 43,6 mil metros quadrados, o empreendimento tem capacidade para 3500 enumerações e 800 ossários,

envolvendo um investimento de 483 mil contos. É o segundo cemitério deste tipo a construir em Portugal, depois do de Almada.

A razão para a nova construção, cujo custo será suportado pela autarquia, radica na inexistência de cemitérios nas freguesias de Carcavelos e Parede, bem como a situação de ruptura nos de Alcábaldeche, Cascais, S. Domingos de Rana e Estoril — referiu Carlos Sota.



Parte dos valores apreendidos ao receptor: arte sacra, jóias e serviços de prata, entre outros

Receptor de arte sacra preso em Lisboa

A 3ª divisão da Polícia de Segurança de Lisboa deteve, na última semana, um destacado receptor e apreendeu-lhe cerca de 40 mil contos de artigos provenientes de subtrações, desde arte sacra a peças de vestuário, passando por ouro, pratas, material de som e relógios (cerca de 700).

As investigações, que já se processavam há cerca de um ano, tiveram agora o seu remate com a prisão em flagrante de um indivíduo ao furtar o rádio de um automóvel. Esta captura permitiria aos serviços de investigação daquela divisão policial a obtenção dos mandados judiciais para as buscas e apreensões, na residência do suspeito, no seu es-

tabelecimento situado na Praça de Espanha e, bem assim, no armazém onde guardava a maior parte dos valores ilicitamente adquiridos.

O receptor, indivíduo com 43 anos, viu a sua captura confirmada e mantida sem admissão de caução pelo juiz de Instrução Criminal.

Quanto ao gatuno, detido em flagrante, continua preso. Trata-se de um toxicodependente que permitiu a identificação de mais três outros, também dependentes da droga, os quais, para manterem o vício, se dedicavam ao furto e roubo, vendendo ao receptor o fruto da sua actividade.

A MARGEM

Tipo fenêtr

Um jornalista e um secretário de Estado, homens viajados por países diversos, juntaram-se à conversa em programa televisivo, ambos utilizando um português (?) só acessível a quem conheça línguas de outras paragens.

O jornalista interrogava porque é que o nosso país tem intervenido pouco, para afirmar quase de seguida que Portugal parece desconexado. Sossegava-o o governante: é preferível manter um perfil baixo.

Vá lá a gente admirar-se que os emigrantes construam casas com janelas tipo fenêtr!

O jornalista também afirmou, dirigindo-se ao ministro angolano Loy, ser ele a coisa que conhecia mais próxima dos EUA (salvo erro, porque cito de memória e ainda atordoado). Mas isso foi diferente: foi dito, infelizmente, em bom português.

José Leite Pereira

VISITE A URSS EM 1990

AS PRINCIPAIS CIDADES

De 11 a 20 de Julho

Moscovo/Leningrado/Kiev

Hotel de Classe Turística

AS CAPITAIS

DE 13 a 23 de Junho

Moscovo/Leningrado/Kiev

Hotel de 1.ª Categoria

SIBÉRIA E ÁSIA CENTRAL

de 16 a 30 de Julho

Moscovo/Bratsk/Irkutsk

Alma-Ata/Tachkent

Hotel de 1.ª Categoria

DESCONTOS PARA ASSOCIADOS

Informações e inscrições no Departamento de Turismo da

ASSOCIAÇÃO

PORTUGAL URSS

R. S. Caetano, 30/1200 Lisboa
Tels. 60 11 99 - 60 10 99

AGITURISMO

Agiturismo/R. da Glória, 43
1200 Lisboa/Tel. 37 31 10/1

quem me avista
meu amigo é



PRV

A enorme festa de família que é a Queima das Fitas sobreviveu, com êxito, a factos recentes que colocaram a reputação dos estudantes africanos ao mais baixo nível

Coimbra outra vez em festa apesar da sida e do racismo

«Sei quem ele é, ele é bom rapaz, um pouco tímido até» e... mal deu tempo para não sermos logo abraçados por duas estudantes, na festa da Queima das Fitas que fez de Coimbra, ontem, a terra mais divertida de Portugal. Estávamos a levar o assunto demasiado a sério.

Os estudantes escolhem uma semana para fugir da linha e dar azo a tudo o que gostariam de ter feito durante o ano lectivo. Rendem a cidade ao seu peso e dão às suas gentes um ar menos convencional. Mesmo que para isso recorram a praxes que andarão perto do medieval, se quisermos ser directos, ou castiças se tivermos paciência para acompanhar um ritual tão complexo como uma missa.

Mas é uma paródia valente, este ano ensombrada por rumores de corrupção, sida e racismo.

Mário do pessoal

José Manuel entrou pela casa de Mário, o alfaiate, como se estivesse a entrar num autocarro. «Senhor Mário desculpe lá, mas precisava que me fizesse o nó da gravata. De capa e batina, a rigor, procurou o homem que há mais de 40 anos veste os estudantes da cidade de

acordo com as regras. Mário Pereira Sousa é uma figura pública de Coimbra. Alfaiate desde os dez anos, fez a primeira batina quando tinha 20 anos, antes de se fazer oficial. A sua casa, na escada do Quebra Costas, tem as portas sempre abertas. Ele é reservado quando lhe falamos em pontos sensíveis, como sejam, os «políticos que já vestiu de capa e batina» ou o significado da praxe.

Mário, que recebe pedidos para trajar estudantes de todas as partes do País, leva 35 contos por uma capa e batina e faz questão de dizer que não está nem acima, nem abaixo dos preços praticados no comércio da cidade. Trabalho não lhe falta, mesmo depois dos 70 anos e, em sua casa, não há lugar para ferros de engomar eléctricos. «O carvão ainda acaba por ficar mais barato», assegura.

Mário vive com e para os estudantes. Em tempo de festa faz até questão de comungar dos horários da juventude. Fica na conversa até de madrugada e levanta-se tarde. Como todo o homem de Coimbra de raiz, não é da Académica mas sim do União, que é «o clube da cidade». O outro «é o grupo dos estudantes». Pese o car-



Sorrisos para o «passarinho»...

inho e as solicitações dos jovens, Mário Sousa - convidado vitalício para o jantar da última sexta-feira de todos os meses, na República dos Cágados - cuida da sua imagem. Foi difícil levá-lo a admitir que «o fascismo usou a Queima das Fitas para fins políticos mas fácil

registrar uma frase autorizada. «Não sei da Universidade mais do que o reitor, mas ando cá há mais anos que ele.»

Emídio discreto e influente

Emídio Guerreiro, o presidente da Associação Ac-

adémica de Coimbra desiludiu-nos, apesar de constar em toda a cidade que ele deu um murro da mesa e fez saber que, houvesse ou não corrupção na Comissão Central da Queima das Fitas, isso era um assunto para depois, as festas é que não podiam correr o risco de

deixar de fazer-se. O Conselho de Veteranos consentiu que os responsáveis das festividades levassem o seu mandato até ao fim e a verdade é que Coimbra, viveu, ontem, o dia mais alegre do ano.

Dizíamos que o dirigente estudantil nos enganou.



Amores de estudantes



Mário Pereira de Sousa, o alfaiate: «Não sei da Universidade mais do que o reitor, mas ando cá há mais anos do que ele»



Africanos Integrados, apesar de tudo o que se disse



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



Queimar as fitas: uma tradição que as famílias apreciam

Emídio Guerreiro foi-nos apresentado de *jeans* gastas e camisa de Verão, absolutamente distante do ritual da época e das suas «obrigações». O jovem, finalista de Psicologia e membro da Juventude Social Democrata, é pela modernização da praxe e está consciente de envolver a nossa, penso que a Queima das Fitas tem para a cidade. «A Universidade é a grande vitima da Coimbra, não há nenhuma em Coimbra, Portugal com mais sapateiros, mercearias e fotocopiadoras que a nossa, penso que isso resulta da ligação do estudante com a sociedade civil que é muito profunda aqui.» Pragmático à vista desarmada, o novo líder da Associação Académica defende que a organização que dirige tem de dar maior importância ao apoio pedagógico aos universitários. Acredita que a grande ajuda é muito grande e faz disso cavalo de batalha da sua gestão.

Saudades de Coimbra

Faustino Filipe está no segundo ano de Electrotecnia e veio de Angola para se formar em Coimbra. É negro como os outros estudantes das ex-colónias e faz parte, agora, da comissão encarregue de investigar os factos que estiveram na origem da notícia sobre a existência de sida na universidade. Conversou connosco na presença de outros estudantes africanos, como

por exemplo João Silva, que também é angolano e tem sempre «saudades de Coimbra» quando vai de férias a Angola.

A polémica suscitada em torno da questão do rastreio da sida, que como afirmam os próprios, «coloca os estudantes negros ao mais baixo nível, ao nível dos dependentes da droga» é um assunto para esquecer. Os estudantes africanos, embora sintam um certo racismo quando procuram alugar quartos ou participar em diversas actividades sociais, reconhecem que o convívio com os colegas portugueses é perfeitamente sadio, a começar pela própria partilha de quartos e apartamentos em que se hospedam. Da sida e da sua eventual associação aos «grupos de maior risco», passada a exaltação dos primeiros momentos, têm agora uma visão bem descontraída, para não dizer divertida. Estão muito mais preocupados em recuperar o atraso de formação que a maioria traz de África por causa de um ensino secundário precário. Em relação às festas e a uma eventual não participação, como se chegou a falar, nem pensar, foram todos curti-los, um pouco por todo o lado, a embebedar-se como os portugueses, ou até a namorar com colegas da lusa pátria,

não fosse Coimbra uma cidade romântica.

Em clima do acontecimento

Rui Alarcão, o reitor da Universidade de Coimbra parecia quase um modelo fotográfico quando o abordámos, na tribuna, durante o cortejo. Ninguém o deixava em paz, todos os estudantes queriam ser fotografados junto dele. O professor tinha razão para estar feliz. Como nos disse, duvidou de que a suspensão da Queima das Fitas sobressaia muitos anos, porque as suas raízes «têm origem na universidade e na cidade». Na sua opinião «a tradição não tem de ser combatida em nome do progressismo». E acrescenta: «O facto de ser dada à cultura maior importância, de ano para ano, representa bem a evolução desta festa.»

O mais alto responsável da Universidade também se sentiu «tocado» pelo caso sida/africanos como já é conhecida a notícia, largamente divulgada há dias, segundo a qual um rastreio entre estudantes das diferentes faculdades tinha fornecido dados alarmantes. Rui Alarcão procurou uma linguagem jornalística para sublinhar a atenção que seguiu o caso. «Sobre o acontecimento», estabeleceu contactos com a Associação Académica, os representantes dos estudantes africanos e os médicos para procurar



Anabela Loureiro

Um cortejo que animou a cidade

saber o que se estaria a passar. Aguarda, com o mesmo interesse que o nosso, a conclusão da investigação que foi mandada fazer sobre o assunto. «Duvido dos resultados positivos que se possam apurar», acrescenta.

Rui Alarcão estava em família. Estava a viver a festa, quanto mais não fosse para confirmar a opinião que deu há alguns anos, quando as comemorações foram interrompidas. «A paragem não podia durar muito tempo», disse-nos.

Se fosse na Inglaterra ou na China

Ana Maria Ramos tem 12 anos e nasceu na Sertã. Ninguém diria, porque é mulata de cor e feitio. Vive há quatro anos na Casa da Infância Doutor Elysio de Moura - que acolhe crianças desprotegidas - e conseguiu vender-nos uma pasta, azul escura, porque quer seguir Letras, na volta que andou a fazer pela cidade com as finalistas dos diferentes cursos. Explicaram-nos que, de acordo com a praxe, só as senhoras doutoras podem andar na venda das pastas, porque isso corresponde, também, à regra da própria Queima das Fitas, a que só os estudantes do quinto ano têm direito. Quemano o «grelo» no penico - um enorme tacho negro montado no largo da Sé Nova. Os partidantes podem, então, a partir desse momento abrir as pastas e exhibir as fitas do

último ano.

Tudo isto se faz de forma muito serena, antes de começar o cortejo que atravessa a cidade e proporciona uma bebedeira monumental que é deliberada e consentida. Mistura-se todo o mundo - os caloires de coroa de flores na cabeça e os quintanhistas, de cartola e bengala - numa paródia que diverte Coimbra e lhe dá mais vida, embora a deixe num estado lastimoso do ponto de vista de higiene pública. Mas está tudo suficientemente organizado. As ambulâncias dos bombeiros e hospitais não têm mãos a medir a partir do meio da tarde, tão numerosas são as chamadas para socorrer estudantes indispostos para não escrever em coma alcoólico. Só ontem foram distribuídos 100 mil litros de cerveja pelos carros do cortejo.

A Queima das Fitas é, para além disso, uma enorme festa de família. Chega a ser comovente as imagens que as dezenas de fotografos privados tiram a pais e filhos,

irmãos e irmãs, que celebram o dia de ontem quase como um baptismo. Não cabia mais ninguém em Coimbra porque realmente foi gente de todo o País viver com os irmãos/filhos/primos, uma data que voltou a ser importante, como que um pré-casamento para o futuro. O dia em que os meninos(as) queimam o grelo e passam a ser senhoras doutoras.

Podiam é fazê-lo sem tantas peneiras e com um pouquinho menos de cerveja. Só que o pessoal já sabe que a brigada de limpeza da Câmara vem atrás do último carro - e este ano foram 60 - com todos os meios para repor Coimbra na linha, higiénica. E não era possível fechar a reportagem sem falar da polícia. Discreta, não teve sequer de ter nenhuma intervenção importante. Os nossos jovens são os mais queridos do globo. Mesmo bêbados não partem montra nenhuma. Se fosse na Inglaterra ou na China...

Pereira de Almeida



As cartolas e bengalas fazem parte da festa



Lusa

Porto também festejou Uma multidão entusiástica associou-se à alegria dos estudantes universitários que ontem desfilaram no Porto, num coro estridente de assobios, toques de buzina e baques surdos. O cortejo alegórico da Academia portuense desfilou num total de 23 ruas, avenidas e praças da cidade, tendo a primeira vez, com a presença do Presidente Mário Soares, que assistiu às praxes, na tribuna de honra, ladeado pelo reitor da Universidade e pelo presidente da Câmara

B R E V E S

Terras algarvias estreiam Carta Arqueológica

Quatro localidades do Algarve são as primeiras constantes da edição da Carta Arqueológica de Portugal, agora editada, com vista a reunir «estudos de integração do património histórico urbanístico para a reabilitação urbana». Este primeiro volume de cartas topográficas contempla as áreas de Aljezur, Vila do Bispo, Monchique e Lagos. O estudo tem por base cartográfica, segundo uma fonte da Secretaria de Estado da Administração Local, os serviços cartográficos do Exército à escala 1/25 mil, onde se cartografaram os elementos arqueológicos e factos urbanos.

Janelas, ruas e tronos entram em competição

A Câmara Municipal de Lisboa anunciou a atribuição de prémios, no âmbito de um concurso destinado a evidenciar as janelas, ruas e tronos mais bem ornamentados de alguns bairros da cidade. A iniciativa insere-se nas festas da cidade, que se efectuarão no próximo mês de Junho, contemplando concorrentes situados nas zonas de Alfama, Castelo, Mouraria, Bairro Alto, Bica, Madragoa e Olivais Velho. A rua e o trono mais bem ornamentados serão premiados com cem mil escudos cada e a janela com 25 mil escudos. O concurso está aberto a moradores, colectividades de cultura e recreio, paróquias, associações e outras instituições privadas sem fins lucrativos.

Águas do Tejo recolhidas para análises químicas

Várias centenas de litros de água, colhidas a jusante de Vila Franca de Xira, vão ser analisadas por laboratórios da Comissão das Comunidades Europeias, com vista ao estabelecimento de padrões na realização de análises químicas. Participam cientistas da Holanda, responsável pelo projecto, da República Federal da Alemanha e de Portugal. A iniciativa tem o apoio logístico e laboratorial do Instituto Hidrográfico, a participação da lancha hidrográfica «Auriga» e as colheitas de amostras decorrem já desde a semana passada.

Federação quer desacreditar relatório de Braga da Cruz

A Federação Nacional dos Sindicatos da Educação vai apresentar, em Junho, um relatório, feito por especialistas nacionais e estrangeiros na área da educação e da estatística, que pretende «desacreditar o relatório de Braga da Cruz», foi anunciado no Porto. A Federação vai solicitar ao ministro Roberto Carneiro, que encomendou o «relatório Braga da Cruz», o fornecimento do material utilizado, nomeadamente, estatísticos e amostra estratificada por regiões e graus de ensino, disse Manuela Teixeira, da FNSE.

Maus transportes causam agressividade nos alunos

As associações de pais da Região Autónoma dos Açores consideraram, em Angra do Heroísmo, que a agressividade verificada nas escolas açorianas está relacionada com a má qualidade dos transportes utilizados pelos alunos. Para evitar esta situação os pais preconizam, em comunicado, a utilização de acompanhantes nas viagens mais longas e que movimentam maior número de alunos, bem como a inspecção periódica das viaturas utilizadas.

Estudantes em Famalicão administram empresa

Uma mini-empresa escolar inteiramente gerida por estudantes vai ser criada amanhã, em Famalicão, através da assinatura de um protocolo entre representantes da Escola Secundária D. Sancho I e a Câmara local. A iniciativa visa promover uma melhor preparação e inserção dos jovens na vida activa. Segundo uma fonte da Câmara de Famalicão, a empresa juvenil vai dedicar-se ao sector das reparações eléctricas e electrónicas, contando com o apoio de uma empresa de electrodomésticos da cidade e do Banco Português do Atlântico.

Santa Casa anuncia prémio de jornalismo

A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa instituiu um prémio de mil contos para o melhor trabalho jornalístico sobre jogos sociais (totoloto, totobola e lotaria). A Santa Casa está a elaborar o respectivo regulamento, sendo a primeira vez que vai atribuir um prémio para o melhor trabalho jornalístico.

Vinho Verde vai ter festa

Em Braga, durante quatro dias, vai repensar-se o futuro do vinho de Entre-Douro-e-Minho

Há pouco mais de dois séculos e meio, os ingleses não importavam vinho do Porto, mas vinho Verde. Maus anos de navegação na barra de Viana, guerra entre ingleses e franceses, determinaram a escolha de um substituto para o Verde.

No entanto, o prestígio do Verde nunca se perdeu. Pelo contrário, tem crescido largamente nas últimas dezenas de anos e representa hoje um dos maiores cartazes publicitários portugueses no estrangeiro.

Durante a segunda metade desta semana, espera-se que uns 5 mil agricultores se desloquem a Braga para se aperceberem dos problemas e dos novos desafios que se apresentam aquele vinho, leve, frutoso e refrescante, para não perder os seus novos mercados em perspectiva.

A «Festa do Vinho -- Salão do Vinho Verde» vai decorrer, de quinta-feira a domingo, no Parque de Exposições de Braga e pretende, segundo os organizadores, «divulgar as técnicas vitivinícolas modernas mais adequadas à região, bem como apoiar a reestruturação vitícola do Entre-Douro-e-Minho».

O secretário de Estado da Alimentação inaugurará o certame, que o ministro da Agricultura visitará no último dia.

Verde quer dizer fresco

Os portugueses mal informados acreditam, de uma maneira geral, que Verde, neste caso do vinho, significa imaturo. Trata-se apenas de um lamentável desconhecimento da própria língua. Verde, aqui, significa apenas fresco, como, por extensão, se pode constatar com um talho de carnes verdes, a querer dizer que a carne é fresca e não passou pelo frigorífico.

Mas muito mudou nestes últimos 20 ou 30 anos, desde o agricultor que produzia a sua meia dúzia de pipas no lagar próprio e agora entrega a uva a adega cooperativa, das técnicas que permitem, pela pasteurização, fazer com que o Verde aguarde alguns anos, quando anteriormente não passava de uma



A época do vinho artesanal, do bom vinho do lavrador (como o da imagem), já lá vai. A ciência e a técnica prometem melhores vinhos, melhor qualidade e um futuro mais promissor para o Verde, o sustentáculo económico do Entre-Douro-e-Minho

época.

Agricultores dispersos, com propriedades que, em média não atingem sequer os 2 hectares, desde sempre voltados para uma agricultura de subsistência, os minhotos começam a compreender que o Verde é a sua grande abertura para uma economia que ofereça ao agricultor uma nova dignidade e uma nova intervenção dinâmica na economia nacional.

Para além do Porto, nenhuma outra região vinícola está em condições de competir nos mercados internacionais como a dos Vinhos Verdes.

Mercados jovens

O vinho, de uma maneira geral, é olhado como um acompanhamento da refeição. E os pesados repastos dos séculos passados exigiam vinhos densos, de alto grau alcoólico. Hoje come-se uma refeição em pé, sempre acompanhada por uma bebida leve, lugar que está a ser ganho

por produtos industriais, de confeção totalmente química.

Os vinhos do futuro, reconhece-se generalizadamente, terão que acompanhar esta nova ideia da cozinha, as novas formas das refeições. E aí é que reside a importância e o futuro promissor do Vinho Verde.

A substituir as colas e produtos quejandos, as jovens gerações optarão mais facilmente por um Verde do que por um vinho denso da região da Viseu ou os alentejanos, excelentes para acompanhar uma feijoada ou um guizado com todos os temperos que as modernas gerações (marido e mulher a trabalharem) quase já não têm tempo para confeccionar.

Promover o futuro

Sensibilizar e incentivar os agentes económicos, desde o produtor ao consumidor, para a aposta definitiva na qualidade, incrementar as trocas comerciais com os mercados

externos, dar a conhecer as novas tecnologias ligadas ao sector e promover debates técnicos especializados são outros dos objectivos da «Festa do Vinho», que vai contar com 92 expositores, como foi anunciado em conferência de imprensa.

Dos produtos ou equipamentos que estarão presentes no certame, destacuem-se as aguardentes, cubas, fertilizantes, filtros, rolhas e outros produtos enológicos.

Com um carácter essencialmente técnico, o festival terá, ainda, um cartaz festivo, pois, como acentua a organização, «o Vinho Verde também é festa não só no decurso do ciclo da vinha e do fabrico do vinho, mas também nos momentos mais importantes da vida social do homem de Entre-Douro-e-Minho».

Roby Amorim /
Lusa

CGTP denuncia inconstitucionalidade

Pensões de sobrevivência não beneficiam viúvos

A CGTP anunciou ontem a intenção de solicitar a declaração de inconstitucionalidade do regulamento das pensões de sobrevivência, segundo o qual os viúvos não têm direito a este tipo de pensão.

Num comunicado em que assinala a passagem do Dia da Segurança Social, ontem comemorado, a Intersindical considerou que aquela disposição legal é «discriminatória, prejudica directamente o homem e, por via disso,

todo o agregado familiar, e não tem, hoje, qualquer sentido face à crescente participação da mulher na vida activa».

No documento, a central sindical reivindica também o aumento da pensão mínima para 20 mil escudos e a alteração da base de cálculo das pensões acima da mínima.

Sobre este último aspecto, a CGTP propõe o aumento do coeficiente de ponderação de 2,2 para 2,3 por cento e

pretende ainda que seja considerada a média dos três melhores salários dos últimos cinco anos de desconto.

O comunicado da Intersindical defende também a subida do valor base do abono de família para 2.500 escudos, a fixação de valores de abono mais elevados para famílias de menores rendimentos e o alargamento até aos 16 anos da idade limite para a concessão do abono.

QUOTIDIANO

*À imagem do que aconteceu em Grândola,
o projecto de instalação de processos
de condicionamento de resíduos industriais
perigosos levantou polémica*

Autarcas de Sines contra estação de tratamento

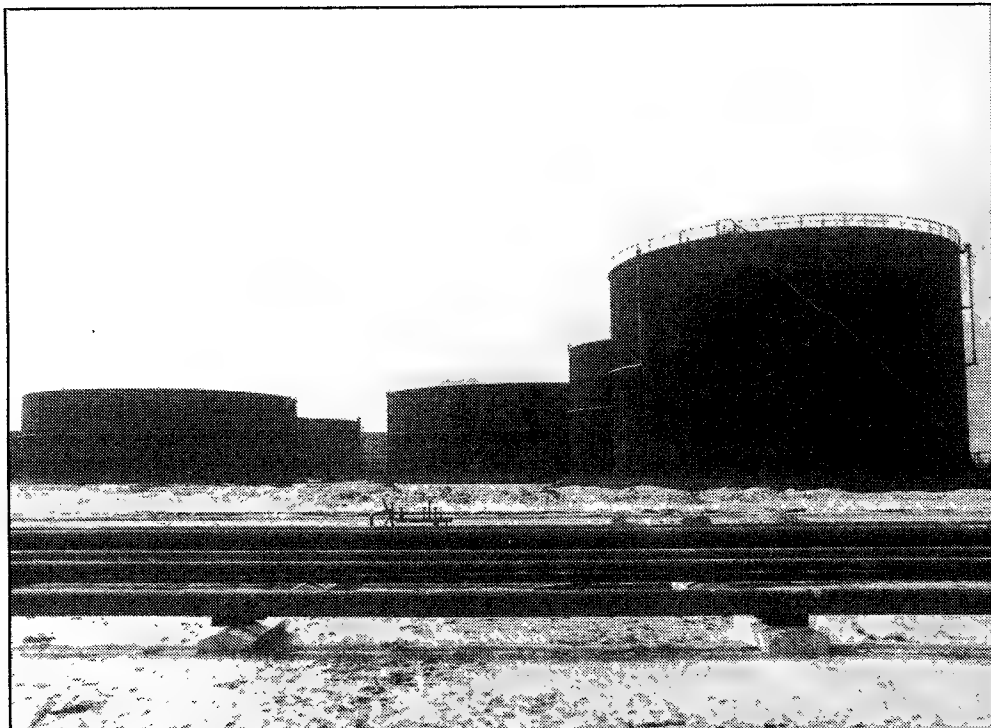
A possível instalação de uma estação de tratamentos de resíduos tóxicos em Sines está a ser alvo de contestações por parte de diversos deputados municipais deste concelho.

Manuel Coelho, representante da CDU na Assembleia Municipal de Sines, disse ontem ao DL que «à excepção do PSD, todos os restantes deputados municipais estão contra a instalação desta estação de tratamento».

O caderno de encargos, que está agora nas mãos do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e ao Investimento (IAPMEI), referia que Sines é o local «mais vantajoso» para ser instalada a estação de incineração e tratamento de resíduos tóxicos, uma vez que se situa «dentro da zona de indústria pesada».

Contudo, Manuel Coelho salienta que «o problema está exactamente na zona: Sines pertence a uma costa protegida, tem o turismo em desenvolvimento e a construção de uma estação de tratamentos seria prejudicial nesta área. Isto não quer dizer que nós contestemos a sua construção. Queremos é que seja noutra zona do país».

Para além desta problemática questão, o caderno de encargos referia



Depois da experiência da industrialização maciça, nos anos 60 e 70, a população de Sines vive agora na expectativa da instalação, no concelho, de uma unidade de tratamento de resíduos perigosos

ainda a construção de um aterro para resíduos tóxicos no concelho de Grândola, um assunto que continua a dar que falar.

Muito embora o presidente da edilidade já tenha esclarecido que «a o assunto ainda está a ser estudado e seja qual for o resultado Grândola e o seu povo não serão prejudi-

cados», os grupos de ecologistas, nomeadamente o Grupo Ecologista do Litoral Alentejano (GELA) e o SOS Sudueste, «manifestam-se declaradamente contra».

O responsável por esta última associação, Jorge Fidalgo, disse ontem ao DL que é intenção do seu grupo «alertar todas as autoridades.

Curiosamente, nestas situações, nunca se estuda convenientemente os terrenos, não se faz a impermeabilização, nem se respeita qualquer norma. A Área de Paisagem Protegida já contactou com a Direcção-Geral da Qualidade do Ambiente, que diz que vai verificar todas as normas».

Lobbies políticos em defesa do ambiente

O papel dos lobbies na preservação e defesa do ambiente foi posto em relevo, ontem, em Lisboa, por William Mankin, durante uma conferência organizada pelo Ministério do Ambiente e Recursos Naturais, integrada nas comemorações dos Dias da Terra e do Ambiente.

Mankin é membro do «Sierra Clube», uma instituição privada, fundada em 1892, que dinamiza lobbies para a preservação e defesa do ambiente, curiosamente uma entidade totalmente ignorada pelas agremiações portuguesas que se ocupam do mesmo tema. De acordo com os dicionários, a intenção de um lobby é fundamentalmente política. Trata-se de um grupo que procura influenciar legisladores, tentando obter a aprovação de projectos ou de leis nas câmaras, mediante uma considerável oferta de votos para futuras eleições.

O «Sierra Club», fundado na Califórnia no final do século passado e contando hoje com 550 mil sócios nos Estados Unidos, considera que a técnica, habitualmente política, é extensível à defesa do ambiente, já que os seus objectivos são «influenciar o Governo e as autoridades daquele país».

A actividade deste lobby vai desde a sensibilização dos cidadãos para as questões da preservação da natureza até à persuasão dos congressistas e senadores norte-americanos para a necessidade de serem introduzidas certas alterações na legislação.

Gincanas culturais «descobrem» Lisboa

As «gincanas culturais» deste ano aí estão. De Abril a Dezembro, em quatro fases distintas, milhares de jovens de todos os graus de ensino, do primário ao universitário, vão olhar a cidade com olhos de ver, revê-la, de uma outra forma. Dos Olivais a Alcântara, as quinze escolas espalhadas pela cidade, propõem, uma vez mais, aos seus alunos o aliciante desafio de «jogar para se divertir, jogar para aprender».

Assim reza o protocolo firmado entre o Centro Nacional de Cultura e o Ministério da Educação que, ano após ano, renova a proposta de visitar a cidade, mostrando-a mais «intimamente», no seu património cultural, artístico, arquitectónico e urbanístico, na sua memória viva que a todos, afinal, pertence.

Um projecto grande — e um grande projecto — coordenado por Ana Duarte e do qual fazem parte finalistas dos cursos de Arquitectura e de História das faculdades de Lisboa que fizeram o levantamento dos monumentos, igrejas, jardins, instituições públicas ou oficinas de artesanato na área em que a escola está inserida e que são a base do questionário a que os jovens terão de responder, «com destreza e humor». Destreza, para as provas físicas e sobretudo para as questões do património histórico, matéria obrigatória e testada na sala de aula. Humor, porque segundo o programa idealizado pelo Centro Nacional de Cultura e o Ministério da Educação, as surpresas não vão faltar.

Inversão de tendência no comércio e escritórios Federação sindical assinala aumento de salários reais

A Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços (FEPCES) assinalou ontem que cerca de 500 mil trabalhadores do sector tiveram um aumento real dos seus salários na ordem dos 0,8 por cento, no primeiro trimestre deste ano.

Segundo a mesma fonte, num conjunto de 40 convenções colectivas que abrange cerca de meio milhão de trabalhadores, registou-se um aumento médio global de 13,6 por cento o que, em confronto com a taxa de inflação verificada, aponta para um acréscimo de 0,8 por cento nos salários reais.

O sector dos serviços conseguiu o maior aumento dado que, das cinco convenções negociadas pela FEPCES para cerca de 20 mil trabalhadores, os 14,3 por cento concedidos equivalem a um aumento real do salário de 14 por cento.

Quanto aos contratos para o comércio retalhista, que continuam a ser negociados a nível distrital, as nove convenções para 90 mil trabal-

hadores registam o menor aumento. Com efeito, aos 13,4 por cento de aumento obtidos para o sector, corresponde um acréscimo de 0,6 por cento nos salários reais.

Comércio grossista e indústria, que envolvem quatro mil e 300 mil trabalhadores, respectivamente, ocupam uma posição intermédia no que se refere a aumentos de salários reais. Negociadas três convenções para o comércio grossista e 23 para a indústria, os 13,6 e 13,5 por cento de aumento alcançados correspondem a 0,8 e 0,7 por cento de subida nos salários reais.

No conjunto, as 40 convenções negociadas pela FEPCES para os 500 mil trabalhadores cifraram-se num acréscimo de 0,8 por cento dos salários.

Segundo o Departamento de informação da estrutura sindical, este resultado revela-se importante «não tanto pelo valor em si, mas antes por ter sido finalmente invertida uma tendência que se vinha registando há já vários anos».

PPM propõe Lisboa património mundial

O vereador do PPM no município lisboeta, Luís Coimbra, anunciou hoje, ao fim da manhã, em conferência de Imprensa, a intenção de levar ao plenário da Câmara uma proposta no sentido de solicitar à Unesco a classificação da zona histórica de Lisboa como património mundial.

Na opinião do vereador monárquico, as razões desta iniciativa prendem-se com o facto de «as recuperações pontuais em curso (Alfama, Mouraria e Bairro Alto), embora positivas» não chegarem. «Os esforços piedosos efectuados pelos parlamentares europeus portugueses após o incêndio do Chiado não passaram de intenções eleitoralistas», acrescentou Luís Coimbra.

Segundo o vereador monárquico, com a proposta que deverá levar à reunião de hoje o PPM pretende «salvaguardar e recuperar a zona mais importante da cidade e garantir que a sua classificação como património mundial pela Unesco não será, em qualquer circunstância, a memória universal de um monumento em vias de extinção».

Prédios e senhorios em discussão

Outro dos assuntos que deverá dominar a reunião de hoje na Câmara é a discussão da proposta apresentada por Rui Godinho e Vasco Franco sobre penalidades a aplicar a senhorios que não fazem obras de conservação dos edifícios à qual Marcelo Rebelo de



Alfama é um dos bairros de Lisboa que requer acções de recuperação de maior vulto

Sousa juntou entretanto algumas alterações.

No entender do vereador social-democrata, «os proprietários de prédios habitados, que tenham ruído por falta de obras devidamente intimadas sejam obrigados a indemnizar os inquilinos com base numa percentagem do valor do terreno em que o edifício se situe».

CULTURA

É a primeira mudança para melhor, de quantas, nos últimos anos, tomaram conta dos quarteirões ocidentais do Rossio: a EMI-Valentim de Carvalho vai abrir aqui uma loja. Será a sua nova representação no centro de Lisboa, após o incêndio do estabelecimento do Chiado, em 1988

Valentim de Carvalho no antigo Café Portugal

As obras começaram há já algum tempo, após aquisição (pela EMI-Valentim de Carvalho à sociedade Cafés Reunidos) de todo o imóvel. Além do antigo Café Portugal, inclui este a Leitaria O Passo. Desta última, destinada a desaparecer, ficarão apenas as colunas de entrada. Do Café Portugal, vai ser reconstituída a fachada concebida em 1938 por Cristino da Silva, incluindo cantarias, alpendre e brasão.

A nova loja de música assemelhar-se-á, nos moldes reduzidos do Rossio, às "megastores" das praças centrais noutras tantas cidades europeias: três andares, aproveitando a cave (onde funcionava a sala principal do café), o piso térreo e o primeiro andar. A entrada, pelo lado do "Passo", ficará recuada em relação à actual. Os acessos interiores serão feitos através de escadas rolantes. A inauguração tem, como "timing" inicial, o mês Outubro; apesar de as obras terem sido atrasadas pela imprevisível estrutura interior do edifício.

Esta zona corresponde ao lado nobre da praça e foi, durante quase dois séculos, a sala de visitas, juncada de cafés, livrarias e estabelecimentos com tradição. Hoje, as dependências bancárias substituíram quase todos os cafés entre o Rossio e a Rua Primeiro de Dezembro. Após o desaparecimento do Chave d'Ouro e da Brasileira do Rossio, o destino adiado do Gelo (transformado em "come-empé") e do Portugal (que funcionou até há meses como sala de jogos) poderia supor-se idêntico.

Situado nos números 56, 57 e 58 do Rossio (84, 86 e 88 da Rua Primeiro de Dezembro), o antigo Café Portugal (encerrado há anos) era recente, entre os seus congéneres. Apenas a fachada lhe conferia o interesse justificado na preservação. Mas, antes do café, estas portas e esta morada tiveram como ocupante o ramo de comércio cuja tradição é agora retomada. Foi aqui que, desde o início do novo Rossio e durante mais de meio século, esteve uma das lojas de música mais afama-

das da capital (digna "concorrente" do sr. Valentim de Carvalho): a Casa Heliodoro d'Oliveira.

A Casa Oliveira nasceu na Rua dos Fanqueiros (nº 262), em 1853. Transferiu-se, 15 anos depois, para este prédio do Rossio, acabado de construir em 1849. Por falecimento do fundador, passou o "armazém de pianos e de músicas" a chamar-se Casa Viúva Heliodoro d'Oliveira. Foi herdada, em 1901, pelo filho e, mais tarde, pelas netas do proprietário. Aqui se vendiam os pianos onde todas as meninas da "Belle-Époque" tocavam e - como dizia André Brun - muito mal. Os preços dos pianos eram, então, marcados em libras. Um dos melhores podia ir até 66. As marcas habituais eram Henner Frères, Thibouville-Lamy, Henri Herz, Pleyel e Erard.

Quanto à Leitaria (ou Café) O Passo, a sua história é mais longa e necessariamente abreviada. Funcionou aqui um dos "passos" da procissão do Senhor dos Passos da Graça. Anterior ao terramoto de 1755, o "passo" do Rossio tinha estado, até então, engravado na fachada do Palácio da Inquisição (onde hoje está o Teatro Nacional). Em 1761, ordenou o Marquês de Pombal que fosse o "passo" transferido, após o novo alinhamento do Rossio, para as propriedades do Duque de Cadaval. Na lei, cumprida em 1837, passava o "passo" para posse da Irmandade respectiva.

A procissão terminou com a República e, em 1913, foram as instalações entregues à Casa de Cadaval, apesar do protesto da Irmandade. O "passo" ficou fechado até 1927, altura em que foi fechado para que ali se instalasse a leitaria que, até hoje, cumpriu uma evocação na placa pendurada à porta: Café O Passo.

Agora, retomada a história centenária da "loja de música do Rossio", uma nova era pode começar, aqui, para a mais frequentada praça alfacinha.

Marina Tavares Dias



EDITOR: J. HELIODORO D'OLIVEIRA - ROSSIO 56, 57, 58 - TELEF. 24417 - LISBOA

Folha de música editada pela antiga Casa Oliveira do Rossio (cuja tradição é retomada, no mesmo local, mais de 50 anos depois)



Café Portugal nos anos 40



Leitaria O Passo, após o encerramento, no início da década de 80

CULTURA E ESPECTÁCULOS

«Profissão de Fé» de Eduardo Guerra Carneiro

Salomé à nossa espera

Não só as pessoas, que também os objectos nos espreitam, nos espiam, nos contam os pontos todos de que somos feitos. Somos contemplados como quem nos pergunta quem somos - e talvez seja por esse motivo que, nós e as coisas, mutuamente nos olhamos. Nos buscamos a nós próprios e buscamos o sentido das coisas. Sucede, no entanto, que as coisas que nos olham (olhando para elas também nós) nos exigem a nossa cabeça. Num espelho, por exemplo, há sempre uma personagem que, por nosso desejo, nos tenta captar de forma verdadeiramente atroz. Salomé, por exemplo.

Atente-se no seguinte soneto:

Da bandeja Salomé ergue a cabeça / de João. O sangue marca-lhe os lábios / quando beija o resto do corpo do baptista. / Ela a morte namora, sem saber / que além da vida o outro queria / o sonho. Flores enfeitam a bandeja / que o sangue de João tingiu. / Ouro, ouro dos desejos de Salomé, / vestida nos sete véus do amor. / Também tu padeces nessa taça: / a outra empunha já a faca. / E sorris, ingénua, a olhar os véus. / Não sabes, pois, que no espelho / há uma Salomé à tua espera.

Este soneto, de Eduardo Guerra Carneiro («Profissão de Fé», Quetzal), melhor do que as palavras que servem de introito a esta nota de leitura, oferece-nos precisamente a atrocidade da contemplação mútua. E mais: por paradoxal que seja, e indo contra todas as leis da Razão, podemos ainda admitir, no campo da percepção, uma inversão verdadeiramente insólita, a qual simplesmente é esta: em vez de irmos ao encontro dos objectos, são os objectos que vêm ao nosso encontro. Dirá o leitor: «Porque os provocamos.» Talvez - e é nesta ordem de ideias que, olhando para o espelho, nos surge Salomé exigindo a nossa cabeça. Acresce ainda o facto de sermos o João Baptista que o passado exige que sejamos...

Expliquemo-nos.



Nono livro do poeta lançado 2ª-feira no Clube dos Jornalistas

Se o passado vem do futuro (Santo Agostinho, «Confissões»), se tudo vem do que ainda não é, então o que for surgindo no presente evidencia com toda a clareza o que precisamente está passando já para a ampla arca constituída pelos dias que vão correndo. Que atenemos no seguinte: os dias que, um a um, se vão sumindo do futuro para o presente, levando-nos o que, diante dos nossos olhos, é forma de tudo o que elaboramos (seja um livro, um teorema, uma casa, um escultura, um quadro, um simples desenho...) transforma-se num cofre-tesouro monobloco que, cada vez mais, vai ficando para trás de cada um de nós. Por outras palavras ainda: é esse receptáculo que encerra o que precisamente veio do futuro, segundo a

segundo, depois de ter esboçado um passo de dança nos dias que, por mera atitude natural, designamos como presente.

Quando assaltamos o monobloco do passado, isto é, quando desse monobloco retiramos (ou tentamos extrair) o que também, por atitude natural, consideramos como recordações, damos-nos conta de como tudo, se apresentando vago, nos dói na memória. Há em nós um esforço para podermos recuperar o que, em certa casa do calendário, nos inebriou, nos tornou felizes, nos agitou...

Considere-se ainda o facto de que quando estamos a tocar no passado nos encontramos simultaneamente a tocar no futuro - e de que tais dois momentos constituem um dos aspectos mais assombrosos do fenómeno tempo. O tempo, que é uma componente física, unicamente nos afecta a nível psicológico, pelo que grande é a nossa perturbação quando vacilamos entre o passado e o presente, pois que, fisicamente, não temos em conta o futuro, arca de que o passado se solta de maneira concreta. Um exemplo: o telescópio espacial Hubble, a observar, *presentemente*, as profundidades do cosmos, só no futuro nos fornecerá indicações que em tempo devido serão catalogadas no *passado*...

Ora Eduardo Guerra Carneiro, servindo-se tão-só dos puros instrumentos da Poesia, prescindindo de outros estratégias, menosprezando quaisquer telescópios, oferece-nos Salomé no espelho em que nos olhamos, esperando a todo o instante que ela nos peça a nossa cabeça. Não que sejamos, afinal, João Baptista, mas por sermos, de forma fatal, uma cabeça plena de passado aereamente vindo do futuro. Estranhas estas palavras todas, ao acaso, desconexas? Meu Deus!, que outras para um livro de poesia grande, que nos dá no presente o passado vindo do futuro...? - Capa de Rogério Petinga.

Pedro Alvim

«O Caso Sousa Mendes»

Os vistos da justiça



A Assembleia da República, em 18 de Março do ano corrente, reabilitou e reintegrou, por unanimidade e aclamação, Aristides de Sousa Mendes no serviço diplomático. Sousa Mendes tinha sido cônsul-geral de Portugal em Bordéus, França, nos anos críticos de 1963 a 1940.

Como oportunamente noticiado, o projecto de lei do Partido Socialista foi apresentado na tribuna pelo seu autor e subscritor, Jaime Gama, que recordou aos deputados «a grave injustiça perpetrada contra Sousa Mendes» e propôs à Assembleia que a reparasse.

Quem Sousa Mendes...?

Em Maio de 1940 a França é invadida pelas tropas nazis. Ao Sudoeste do país acorrem multidões de refugiados. A salvação seria atravessar a fronteira com Espanha. Mas isso só é possível com visto para Portugal. O cônsul português em Bruxelas, Aristides de Sousa Mendes, contrariando ordens de Salazar, passa milhares de vistos, salvando

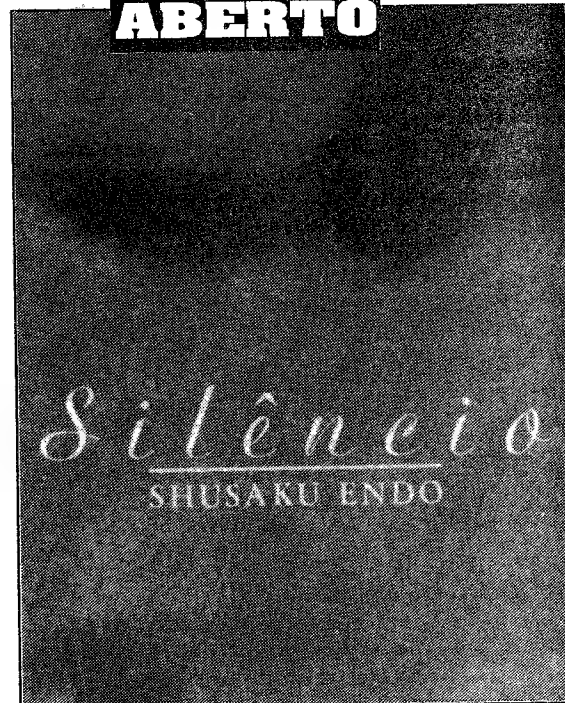
outros tantos seres humanos de uma morte certa.

Um livro emocionante («Injustiça - O Caso Sousa Mendes», Rui Afonso, Caminho) encontra-se agora à disposição do leitor. Imprescindível. Por agora, e devido a falta de espaço, algumas palavras de Rui Afonso:

«Em Bordéus, a História prendeu Sousa Mendes nas suas garras. O seu destino passou a estar inelutavelmente ligado ao destino colectivo de dezenas de milhares de pessoas desesperadas.

Ele foi o homem certo no lugar certo no momento certo. Aquilo que alguns poderiam considerar como defeitos de personalidade num diplomata - a sua natureza demasiado emotiva e o seu carácter impulsivo - tornaram-se forças motoras do seu heroísmo. Salvou milhares de pessoas de um destino trágico. E pagou isso com a sua tragédia pessoal...» - Coleção Nosso Mundo, tradução do inglês de António Pescada.

LIVRO ABERTO



Silêncio

A notícia chegou à Igreja de Roma. Enviado ao Japão pela Companhia de Jesus em Portugal, Cristóvão Ferreira, submetido à tortura da fossa em Nagasáqui, apostatara. Missionário experiente, credor da maior estima, Cristóvão Ferreira já vivia no Japão há trinta anos. Ocupava aí o alto cargo de superior provincial e era tido como um exemplo inspirador tanto de clérigos como de leigos.

Teólogo de reconhecido talento, tinha demandado secretamente a região de Kamigata em tempos de perseguição para nela desenvolver a sua actividade apostólica. As cartas que de lá enviava a Roma desbordavam de coragem indómita. Era inconcebível que um homem dessa envergadura traísse a fé, por terríveis que fossem as circunstâncias em que se tivesse encontrado. Tanto nos meios eclesiásticos como na Companhia de Jesus, não poucos pensaram tratar-se de pura falsidade, posta a circular por holandeses ou japoneses.

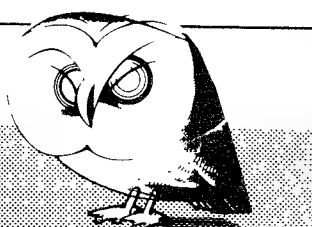
Não que a Igreja de Roma ignorasse a precária situação das missões no Japão. As cartas dos missionários não consentiam dúvidas a tal respeito. A partir de 1587, o regente Hideyoshi, invertendo a política do seu predecessor, tinha iniciado a perseguição ao Cristianismo. Tudo começara quando vinte e seis padres e fiéis foram punidos na colina de Nishizaka, em Nagasáqui. Desde então, os cristãos de todo o país foram sendo expulsos de suas casas, torturados e barbaramente assassinados. O shogun Tokugawa, seguindo a mesma política, decretou em 1614 a expulsão do Japão de todos os missionários.

Relatórios deixados por estes dizem-nos que, nos dias 6 e 7 de Outubro desse mesmo ano, setenta sacerdotes, entre japoneses e estrangeiros, previamente concentrados em Kibachi, porto de Kyushu, foram embarcados em cinco juncos rumo a Macau e Manila. Era o caminho do exílio. Chovia nesse dia, e o mar estava cinzento e borrascoso quando as embarcações, açoitadas pela chuva, deixaram a enseada, dobraram o promontório e desapareceram no horizonte.

Porém, trinta e sete sacerdotes recusaram-se a abandonar o seu rebanho e permaneceram escondidos no Japão, ignorando o decreto que os baniu. Ferreira era um desses clandestinos. Cartas suas continuavam a informar os superiores do facto de os cristãos e missionários estarem a ser aprisionados e submetidos a torturas. Conservamos ainda hoje uma carta sua, escrita de Nagasáqui em 22 de Março de 1632:

(...) «O magistrado de Nagasáqui, Tukenaka Uneme, tentou levá-los [os religiosos cristãos] à apostasia (...) Mas Uneme cedo compreendeu que as palavras (...) não bastavam para abalar a firmeza desses padres. Foi obrigado (...) a recorrer a outros expedientes, e assim, em Unzen, idealizou a tortura infernal da imersão em água a ferver.»

(Do Prólogo de «Silêncio», do escritor nipónico Shsaku Endo, Publicações Dom Quixote / Círculo de Leitores, tradução de José David Antunes, 1990. Endo questiona não só o problema do cristianismo no Japão como põe em causa a sua actualidade e adequação no Ocidente moderno).



olhar de mocho

Coisas da terra

Para os serviços informativos da RTP os perigos ecológicos que ameaçam Portugal dividem-se em dois grupos: o crude que regularmente visita as nossas costas e o resto. Com um pouco de perspicácia na observação do modo como as notícias são transmitidas até ficarmos com a leve suspeita de que o crude, se tivermos boa vontade e não estivermos possuídos dos demónios da crítica destrutiva, poderá mesmo ser uma variante dos sistemas folclóricos: regista-se um acidente grave nas costas de Sines, ninguém fica a saber se foram quatro ou 200 toneladas, entrevista-se um comandante foidado a rigor que nos assegura que as coisas estão sob controlo. Afinal não se pode dramatizar o problema de um naviozinho cipriota que veio até às nossas águas lavar a cara e os interiores. Depois, como vem a propósito, crude puxa crude, mostram-se mais umas imagenzinhas do crude de Porto Santo, gasta-se nisso cerca de meia parte do Telejornal, e acaba tudo com mais uma vitória averbada no palmarés do nosso amor à natureza. A conclusão a tirar é, então, facilíssima: os problemas ecológicos, primeiro, são causados por «acidentes» estrangeiros, em segundo lugar, controlam-se com a maior das naturalidades, e finalmente, os banhistas do Verão ficaram com os seus direitos turísticos salvaguardados.

Evidentemente que no Telejornal ninguém tenta averiguar se o navio causador do «acidente» respeitou a nossa legislação, se as nossas Forças Armadas cumpriram os deveres de patrulhar a nossa costa, se o «acidente» foi mesmo acidente ou se poderia ter sido evitado.

Mas no outro grupo de problemas ecológicos é que não convém tocar. A informação alternativa à da RTP, escrita e radiofónica, falou abundantemente de resíduos tóxicos, na Imprensa estrangeira já se fala do eucalipto português como se nós após as guerras coloniais de África, estivéssemos agora empenhados na colonização europeia do eucalipto em Portugal, e toda a gente que tem algo a ver com a região de Sintra sabe como é com o problema da água. Como não existe uma distribuição de água ao domicílio, normal e regular, e o consumidor paga ar nos tubos, ar canalizado em vez de água canalizada, os munícipes desenrascam-se com furos artesanais feitos a torto e a direito, ferindo o equilíbrio normal dos lençóis subterrâneos da natureza. Mas nada disto interessa aos responsáveis pela informação televisiva.

As coisas da nossa terra são afinal para vender a retalho e ao desbarato, o que conta é o espírito nacionalista e messiânico: amar a Pátria e confiar que o modelo português irá ser determinante para os destinos do resto do Mundo. Vamos, pois, continuar a brincar ao crude, e a ver passar os navios que aproveitam a passagem por Portugal para lavar a fronha e fazer as suas necessidades, como Portugal é eterno as coisas da terra não contam.



José Sousa Monteiro

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Depois de «Live at the Knitting Factory», gravado ao vivo em Nova Iorque, estaríamos tentados a pensar que a partir de agora os portugueses Telectu iriam mudar decisivamente e para bem. Surgiu, porém, «Digital Buíça» e afinal não é tanto assim

O prejuízo da dúvida

Por enquanto, os Telectu resolveram deixar-nos na dúvida. Ainda em Janeiro parecia que o duo português constituído por Jorge Lima Barreto e Vítor Rua achava finalmente a sua consistência, depois de oito anos de hesitação nos domínios ora do minimalismo ora da improvisação radical. Primeiro porque na ponta final do ano passado saía, pela Mundo da Canção, o seu «Live at the Knitting Factory», com oito dos catorze temas que apresentaram naquele clube de Nova Iorque um par de meses antes e que prenunciavam uma resolução feliz. Depois porque em concerto no Centro de Arte Moderna, mal começara 1990, iam mais longe em tais concretizações e faziam provas de uma maturidade e conversão estilística que surpreenderam e agradaram.

Até que foi lançado «Digital Buíça», pela nova etiqueta portuense Tragic Figures. Nada a ver com os Telectu tal qual eram até pelo menos 88, mas sem ousar, todavia, os desenvolvimentos que deles esperaríamos. Catorze discos depois, ao nono ano já da existência do projecto (incompreensível, e há quem lhe chame mesmo «imoral», esta proliferação de títulos num país em que é tão difícil gravar um disco). Nem um passo atrás, nem à frente: «Digital Buíça» não se situa na fase que sucede às mais recentes prestações públicas do duo, mas ao lado, e será essa talvez a sua maior falha. Não porque se trate de um disco claramente inferior ao que o antecedeu - simplesmente, os Telectu retornaram à nebulosa de (des)comprometimentos estéticos e de indecisões programáticas que durante demasiado tempo os foram vitimando.

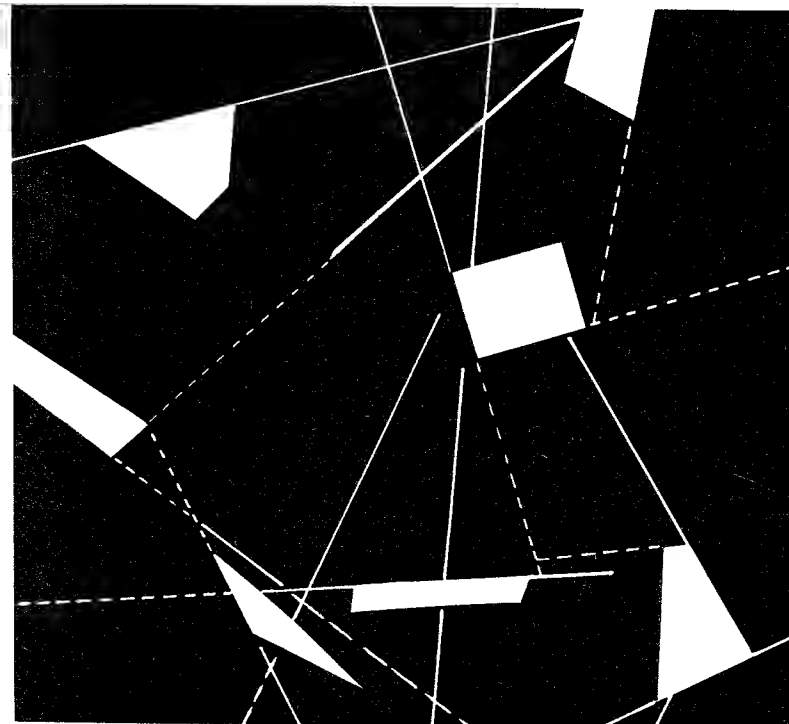
Sem dúvida alguma que fica confirmada a constatação, feita pelos dois músicos, de que a escola minimal se esclerosou em torno de uma dogmática de malha constrangedoramente apertada, da qual os seus patriarcas e principais mentores se vão, com maior ou menor felicidade (maior um John Adams, menor um Philip Glass) libertando, ou de que o vanguardismo desestruturante teve a sua oportunidade e importa, no deslenhe, tornar a construir um edifício musical onde renovadas ideias voltem a caber. «Hotel Lisboa», que ocupa todo o lado A do LP (não há versão CD), é um take de estúdio de uma composição interpretada no citado con-

certo do CAM, e no qual a estrutura rítmica tem uma feição de destaque. Aí se caricaturam os módulos frásicos do *rhythm and blues* mas também de um certo *rock* e de um certo *jazz*, no prolongamento e parodização da teoria mimética que os Telectu vêm defendendo ultimamente - ou pelo menos foi assim que entendemos.

Está, no entanto, longe de se contar entre o melhor que conhecemos desta nova linha de música com sustentação percussiva por meios electrónicos e computadorizados, bastante aliciente para um público que revaloriza as práticas musicais «com sentido» e que finalmente Barreto e Rua tentam sensibilizar. Exemplos mais exuberantes, entre o tribalismo étnico e o *funky* (ou algo assemelhado) nos dera «Live at the Knitting Factory», na verdade.

Mas tudo bem, porque é a face B do trabalho aquela que realmente nos desconcerta, com «Laribau», vinte e três minutos e vinte e quatro segundos de música em duas partes, uma primeira sobre a qual nada de especial há a apontar (antes pelo contrário, deixemo-la seguir na sua indiferença discursiva) e uma segunda que não hesito em classificar entre o mais apurado que alguma vez os Telectu já subscreveram, ainda que julguemos esta arte um tanto estranha àquilo que o dueto hoje apresenta. A ambiência do tema é vagamente orientalizante, o que não é estranho ao facto de a sua primeira audição ter acontecido no Instituto Cultural de Macau, por ocasião de uma viagem em Dezembro passado àquele canto do globo, e inscreve-se numa corrente de introspecção meditativa que faz escola mas nunca foi o prato forte dos dois multi-instrumentistas.

Ou seja: se há apenas uns meses apontávamos nestas mesmas páginas a tardia mas agradável homogeneização dos Telectu sem que tal acontecesse em prejuízo do seu seminal eclectismo, novamente nos confrontamos com o dispersamento e incoerência



TELECTU

DIGITAL BUIÇA

das motivações de Jorge Lima Barreto e Vítor Rua, até quando o resultado é tão bom quanto este «Laribau2».

Somos, pois, deixados na dúvida, porque entre saber se era verdade o que pensávamos, e ter a certeza de que estes prosseguimentos não consistem num desvio, os Telectu, se bem que presentemente muito mais interessantes, continuam a ser uma incógnita.

A ter havido uma inflexão no percurso de ambos os intervenientes, ela ainda não se decidiu a mais definitivos voos, e é pena que assim seja. Afinal, a mais evidente alteração deste projecto é de ordem processual muito mais do que criativa. Barreto trocou os teclados e os sintetizadores pelos sopros e pela tecnologia digital, sendo agora os seus utensílios principais o controlador de sax digital Casio e o controlador de trompete digital Akai, «invenções» recentíssimas. Rua, pelo seu lado, é cada vez menos um guitarrista no sentido tradicional do termo, e mais um *sound designer*, um escultor de formas sonoras, um produtor.

E o curioso é verificarmos que as consequências dependem não tanto das capacidades de execução individual ou solista (as de Jorge Lima Barreto, neste domínio preciso que não noutros em

que é bastante mais desenhado, parecem-nos, como sempre nos pareceram, algo limitadas) mas mais da arquitectura global e dos efeitos de conjunto. Isso levá-los-á, necessariamente, até um estádio muito diferente deste que ora parece terminar, apesar de tudo. Sobre o que está para acontecer futuramente com os Telectu preferimos, de qualquer modo, não usar nenhum excessivo optimismo.

A porta, no entanto, os Telectu abriram-na. Já não os caracteriza a antiga «marginalidade» de uma música que ninguém queria ouvir, sendo acusados na praça pública, quantas vezes injustamente e quantas, também, com toda a razão, de hermetismo e bizarrice.

Em relação a esse passado mudaram tanto os Telectu como todos nós e os próprios cenários internacionais e portugueses da música. No Centro de Arte Moderna, em Janeiro, Barreto ainda se sentou ao piano para atirar bolas de ténis sobre as entranhas do instrumento: pareceu-nos, na altura, uma ironização divertida. Percebemos agora que talvez não fosse.

Para terminar, apenas uma informação: a capa de «Digital Buíça» é da autoria de Ernesto M. de Melo e Castro.

Rui Eduardo Paes

VIDEOPAX, LDA.

Clube de Vídeo por correspondência.
Temos 2000 Filmes à sua disposição.
Aluguer e venda directa.

Rua Pinheiro Chagas, 19-A, Sala 214. Telefone 54 05 32 —
1000 LISBOA.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Dalú: fazer música como quem voa

É angolano, de Luanda. Tem 27 anos e chama-se Dalú. É, sem dúvida, um dos melhores percussionistas africanos residentes em Portugal. Transporta para a sua música a alma e a autenticidade da cultura africana. Por enquanto é só instrumentista, mas, ao frequentar actualmente aulas de guitarra clássica, pensa vir a compor. Trabalhar a voz, é outro dos seus objectivos, pois cantar está também nos seus horizontes criativos. Acha que solidariedade, honestidade e humildade são fundamentais para que a música africana que se faz em Portugal evolua e ganhe, sem paternalismos, o espaço a que tem direito.

ÁFRICA AQUI

É este homem que fala de si, de música e da sua terra, hoje, em África Aqui.

- *Estás em Portugal há quanto tempo?*

- «Desde 75. Há quinze anos.»

- *Quais os motivos porque vieste?*

- «A guerra que se fazia sentir nessa altura em Luanda. Não foi por motivos políticos. Os meus pais - eu tinha 12 anos - quiseram vir, e eu vim com eles.»

- *E a música? Como é que apareceu na tua vida?*

- «Eu tinha uma pancada pela aviação. Queria voar como os pássaros. Só que essa não era a minha vocação. A primeira vez que toquei um batusque nativo, em tambores de pele, foi em Angola num óbito, o que nós chamamos o varrer de cinzas. Eu já tinha a mania de bater. Quando me mandavam a uma loja, de marmita, eu batucava pelo caminho. Nesse velório, quando o velho que tocava saúdo, eu comecei a tocar a mesma coisa que ele. O tocador, ao ouvir a batida, voltou-se, e ficou admirado ao ver que era um puto de nove anos que estava a tocar. Cor-

rigiu-me, e disse que eu tinha mãos para o batusque. Ainda hoje sei essa malha...»

- *Depois chegaste a Portugal. E...*

- «Vim estudar. Para os meus pais a música era uma actividade marginal. A primeira pessoa a dar-me a mão foi o Rui Duna - aos 17 anos fui tocar para a Lontra. Apesar de ser aquele tipo de trabalho, considero que foi importante para adquirir experiência. A minha vida passou a ser Liceu Camões, boxe no Sporting (hoje considero-o um desporto estúpido) e Lontra. Com as noites a começar a ir-me a baixo. Claro que os es-

tudos ficaram-se pelo 5º ano incompleto. Depois comecei a voar. Ensaiei com a Anamar, trabalhava com o Paulino Vieira em gravações. Entretanto, o Henrique Leite, que foi baixista dos Go Graal Blues Band, Carlos Mendes e Heróis do Mar, agoroso e estragado, convidou-me para ir trabalhar na Gafieira, para tocar música brasileira. Depois fiz o circuito de bares e comecei a tocar com várias pessoas e grupos, nomeadamente Issabary, Bonga, Luís Bettencourt e, actualmente, com a Teresa Maiuko. Por outro lado, neste momento, estou integrado nos Blá Blá Magazine. Para além da grande honra que foi ter colaborado na gravação deste disco do Rui Veloso.»

- *Destes géneros e projectos todos, se tivesses possibilidade, qual escolherias para te dedicares a tempo inteiro? Ou, eventualmente, optarias por outro?*

- «Por enquanto gostaria de fazer um trabalho de música genuinamente africana, para além de me sentir bem com os Blá Blá Magazine, que têm um repertório universal. Gosto da música que fazemos e da música que tocamos, mas preferia estar mais ligado à música das

minhas raízes. Gostava muito de trabalhar sobre a música angolana.»

O grupo em que está integrado, os Blá Blá Magazine, toca de *funky* a *soul*, passando pelo *reggae* e o *rock*, todas as segundas e sextas, no Até qu'enfim Bar. Um excelente grupo, onde a alegria e o rigor de execução do Dalú sobressaem.

Autenticidade e humildade

- *O que achas da música africana que se vai produzindo por cá?*

- «Faz-se música africana razoável, mas podia ser ainda mais brilhante.»

- *E o que é que lhe falta para o ser?*

- «Se houvesse uma troca de culturas africanas, explorando os seus próprios ritmos, fugindo a influências... Acho que seria melhor se fosse mais genuína. Às vezes, a música africana que se ouve em Lisboa não tem nada a ver com as suas raízes. É evidente que ela se divide em dois grupos: o tradicional, tocado em acústicos, e o moderno, tocado em instrumentos electrónicos. Eu, pessoalmente, gostava de me inserir no primeiro grupo, mas só se sobrevive no segundo.»

- *E em termos internacionais? Este "boom" é uma moda?*

- «Na minha opinião, esse "boom" de que falas, penso que, se os africanos o souberem agarrar, veio para ficar. Os africanos ainda não tinham tido oportunidade de mostrar as suas potencialidades e culturas. Por outro lado, as pessoas já estão saturadas do que se faz na Europa e na América. Os africanos deviam, acima de tudo, unirem-se, deixarem-se de pequenas disputas sem sentido, serem irmãos e solidários de facto. Não se aprende a humildade, mas ela é fundamental para poder evoluir.»

- *Há alguns grupos ou músicos africanos, residentes em Portugal, cujo trabalho te mereça uma atenção especial?*

- «Há, sim. O primeiro que



Dalú: bater a pele das mãos na pele do tambor com as saudades imensas de Angola

quero mencionar é Paulino Vieira, com quem todos temos muito a aprender. Para além de ser uma pessoa riquíssima do ponto de vista humano. Apesar de um trabalho já com outras influências, respeito muito o Dany Silva. Aqui, em Portugal, temos ainda os Issabary e o Waldemar Bastos. Os Raízes poderiam ser um grande grupo, mas faltam-lhes algo.»

- *E, em Angola, sabes o que se está a passar em termos musicais?*

- «Alguma coisa. Gostava de referir Filipe Mukenga, que está a fazer um trabalho de que gosto muito, os jovens do Prenda. A nossa música está a perder as suas características, também. Há um exagero de utilização de sopros.»

Saudades eternas

- *Desde que vieste já voltaste a Angola?*

- «Infelizmente, não. Estou com muitas saudades. Penso ir lá, em breve, se tudo correr bem, com o Rui Veloso.»

- *E essas saudades, quando doem muito, como as resolves aqui?*

- «Exprimo esse sentimento

tocando e ouvindo a nossa música.»

- *O que é que recordas com mais saudade?*

- «A infância. As nossas brincadeiras infantis e o hábito de contar histórias à volta de uma fogueira.»

- *E o que é que te custa mais a suportar em Portugal?*

- «Com toda a sinceridade: o ritmo de vida. É geral, só que para nós africanos torna-se muito difícil. E as portas fechadas, para nós, que só agora, aos poucos, se vão abrindo.»

- *Achas que há racismo em Portugal?*

- «Há. É lamentável, minha irmã, porque Portugal foi um país desde sempre ligado a África, o que deveria ser motivo para que o racismo não existisse com tanta força. Não é a maioria dos portugueses que é racista, mas uma percentagem grandinha, infelizmente.»

- *Pensas voltar para Angola algum dia?*

- «É muito difícil responder-te. Eu não tinha problemas nenhuns em regressar. Penso nisso. Não estou à espera que o não esteja feito para eu o ir comer, não é isso. Estou à

espera do momento próprio. Não é fácil reconstruir uma vida, quando ela está, mais ou menos, construída aqui. Mas se o meu trabalho vier a ser aceite lá, penso que sim. Aliás, a minha mãe está em Angola, neste momento.»

- *Durante bastante tempo, segundo a minha opinião, a Embaixada de Angola, em Lisboa, fez pouco pela divulgação da cultura angolana em Portugal. Pensas que com Rui Mingas como embaixador essa situação poderá vir a ser alterada?*

- «Acho que o Mingas tem na pele e na alma o espírito e a cultura musical de Angola. Ele foi, e é, um músico. Aliás, lamento que não haja um disco novo seu, apesar dos seus afazeres diplomáticos. Mesmo que não desse espectáculos, editar um disco era fundamental. Estou a contar que o Rui Mingas dê um impulso à nossa cultura aqui, sem dúvida.»

- *Achas que a paz em Angola está próxima?*

- «Sempre tive essa esperança, minha irmã. Tenho fé que seja agora, porque se não for não sei... Tem que ser!»

Maria José Belo Marques

Compagnie Lubat hoje no BESCL

O humor e o entendimento do jazz como uma música popular são as principais características da Compagnie Lubat, que esta noite, pelas 21 e 30, se apresenta ao público lisboeta na Sala do Grupo Recreativo do BESCL, estreando o pequeno ciclo dedicado ao 5º Printemps de Bourges que, como em anteriores edições, tem organização do Instituto Francês e reflete um pouco do que é aquela iniciativa anual na cidade francesa de Bourges.

Projecto pessoal de Bernard Lubat, um baterista que é cada vez mais um pianista, aplaudido também pelas suas actuações ao acórdão, a Compagnie trabalha numa zona ambígua entre a música e o teatro, nas suas compo-

tes de movimento e palavra encenada. «La Comédie del Jazz», o espectáculo que poderemos ver nesta sua rápida visita a Portugal, não deixará de surpreender quem não conhece o trajecto deste agrupamento.

Para esses diga-se que Lubat é um herdeiro da chamada «revolução free» dos anos 60 e do radicalismo improvisacional de 70, mas com os seus interesses bifurcados pelas músicas eruditas, como intérprete de Boulez, Berio ou Xenakis, e pela «chanson française», que o levou a integrar-se nos suportes instrumentais de um Claude Nougaro, um Yves Montand ou um Jacques Brel. O resultado de tais misturas, como não podia deixar de ser, é explosivo.

Este mini-Printemps de Bourges em Lisboa continuará amanhã no Teatro Villaret com o espectáculo visual «Dérives» de Philippe Genty, pelas 21 e 30, e prosseguirá, a 18 e 19, com, respectivamente, os Satellites, grupo entre os blues e o rock (no Loucuras, às 21 e 30), e um concerto duplo tematizado em torno das «Vozes do Sul», no cinema Tivoli: na primeira parte estão agendadas as Nouvelles Polyphonies Corsées de Hector Zazou, para três vozes masculinas e electrónicas, e na segunda intervêm as «modas» e «romances» do colectivo Lua Extravagante, constituído por Janita Salomé, Vitorino, Pedro Caldeira Cabral, Filipa Pais e Carlos Salomé. Também às 21 e 30.

B E S C L

Radzinsky na Casa da Comédia

Está em cena no Teatro Casa da Comédia a peça «Teatro, Doce Teatro» de Edward Radzinsky. A interpretação está a cargo de Glicinia Quartín e João D'Ávila. O cenário e os figurinos são de Filipe La Féria e a encenação de Fernando Heitor.

Prémio Madalena Perdígão instituído ontem

Ferrer Correia, administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, anunciou ontem, durante uma cerimónia de homenagem póstuma a Madalena Perdígão na ocasião do sexto aniversário do serviço Acarte, a instituição de um prémio anual para galardão o espírito criativo no campo das artes do espectáculo.

Morreu a fotógrafa Lotte Jacobi

A fotógrafa Lotte Jacobi, celebrizada pelos seus retratos de Eleonore Roosevelt e

Albert Einstein, morreu domingo passado com a idade de 93 anos, numa casa de repouso de Havenwood, Estados Unidos. «A maior parte das pessoas têm ideias preconcebidas sobre os outros ou sobre aquilo que devem ser», disse em tempos numa entrevista, acrescentando: «A posição social das pessoas que fotografo interessa-me pouco, é a pessoa que me interessa.»

Storojev na abertura dos Festivais de Sintra-90

Tem esta noite início na Adega Regional de Colares, a 25ª edição dos Festivais de Sintra, com um espectáculo protagonizado pelo baixo Nikita Storojev, que interpretará árias de Haendel, Pasquale Anfossi, Bellini, Verdi, Rossini e algumas canções do folclore russo, acompanhado pelo pianista Raphael Donnadio. Dias 11 e 13 os mesmos artistas voltam a actuar, apresentando respectivamente canções de Tchaikovsky e Rachmaninov, e árias italianas de Rimsky-Korsakov, Dargomijsky, Borodini, Glinka ou temas de Iakovlev, Malavhin, Sviridov, Listov e Abourov.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Do Porto, chegam notícias de um conjunto de exposições que, parafraseando o título da que Alvaro Siza (esquissos) e Roberto Collova (fotografia) fazem no Labirinto, bem poderíamos dizer que elas são

O crescer de uma cidade

Esculturas de António Campos Rosado e fotografias de Stephano & Che, são as actuais propostas de Pedro Oliveira para a galeria que dirige, na Calçada de Monchique, 3, à Alfândega.

Marcada por uma atitude conceptualizante na utilização dos materiais - pedra, cimento e mais recentemente ferro - para construir complexas metáforas de ruína e fragmentação, onde cabeças humanas são usadas como elemento emblemático, para esta exposição António Campos Rosado explora a utilização de outros materiais.

Significativamente intitulado, "Elementar", este conjunto de esculturas que António Campos Rosado apresenta na sala grande da Galeria Pedro Oliveira, recorre aos objectos fabricados e a novos artifícios estruturais, quando não transcreve - directamente para o ferro - desenhos de apontamentos para construir simulacros de paisagens naturais, culturais ou pessoais.

A vastidão de referências, alusões, conceitos e um sentido de mistério que envolve estes trabalhos, reflectem o entendimento que Campos Rosado tem da escultura como lugar onde se realiza pela experiência estética.

Quanto à exposição de fotografia, "Exile", na sala

intermédia da mesma galeria, Stephano & Che é a sigla adoptada pelos alemães Stephan Reusse e Che Seibert para um trabalho inédito.

Auto encenando-se, enquanto personagens de um universo que evoca Beckett e Kafka, como persistentes referentes literários, os autores levam mais longe aquilo que, na fotografia é já, e por definição, "um sentido de perda da realidade".

Bernardo Pinto de Almeida afirma mesmo que "nesta precisa série de apenas três extraordinárias fotografias, em que a questão é encenar o exílio (Exile), os fotógrafos vão buscar ainda a referência de August Sander, alemão também, que quis levar a cabo o projecto demencial de tipificar o homem do século XX e cujos personagens nos surgem na estranheza da perda de um território, de um *heimat*, como que suspensas no espaço".

Mais conhecido do público português, de Stephan Reusse a galeria já tinha apresentado a série "Safari Deutschland" anteriormente mostrada em Paris e Kassel, e incluí-o na sua representação na ARCO'90, em Madrid. A experiência conjunta de Reusse e Seibert, teve início em 1985, no German/French Youth Department, e prolongou-se até agora através de



«Exile», fotografia única sobre papel com brometo de prata, de Stephano & Che

várias séries, como *Spies* ou *Viva Corrida*, esta última realizada em Espanha, no interior de uma arena.

Atlântica/Nasoni

Só uma gestão inteligente se pode permitir que, a meio da Rua da Galeria de Paris, convivam duas sensibilidades aparentemente antagónicas: a Nasoni e a Atlântica.

Enquanto prepara a exposição que durante o mês de Dezembro veremos no Centro de Arte Moderna, em

Lisboa, João Penalva apresenta doze trabalhos na Galeria Atlântica.

No texto que acompanha o catálogo desta mostra, Ruth Rosengarten escreve que "João Penalva é um artista que chegou à pintura através de uma vocação para a dança, um europeu com profundas afinidades com o Oriente. Em todos os sentidos mantém e cultiva até uma posição de desenraizamento pacífico; confortável em toda a parte, não está em casa, em parte nenhuma".

Ainda segundo a mesma crítica de arte, "as estratégias que encontramos no cerne da obra de João Penalva - a improvisação, o *bricolage*, a parataxe, a heterogeneidade - só adquirem significado e coerência contar o pano de fundo que este desenraizamento constitui".

Radicado há vários anos em Londres, onde estudou, tem realizado com Michael Scott um assinalável trabalho no campo da decoração de espaços públicos e privados, sendo de destacar a pintura/

instalação realizada em Tóquio para a empresa "Comme des Garçons".

Depois da recente retrospectiva na Fundação Gulbenkian, Lúcio Muñoz acedeu a um antigo desejo da Nasoni, Lúcio Muñoz expõe presentemente na filial de Lisboa, e a partir de 8 Junho, no Porto.

Fluxus é um outro fluxo

Singularmente diferente é o trabalho do alemão federal Thomas Schliesser, proposto pela Galeria Fluxus.

Nascido há 35 anos em Munique, participou em numerosas exposições individuais na Europa e Estados Unidos, onde foi bolseiro da cidade de Munique.

A Fluxus optou por mostrar apenas trabalhos recentes de Thomas Schliesser, de quem Ronaldo de Brito diz no texto de apresentação do catálogo que o artista "parece apostar ainda na arte enquanto meio. Mas só porque a arte seria exactamente o meio para recuperar a verdade e a integridade da experiência imediata, corpórea e singular. Toda a obra de Schliesser, seria o esforço silencioso para construir Tótems do Intante".

Catálogos

Entre outras, muitas outras coisas, as galerias portuguesas caracterizam-se pela atenção que dispensam aos catálogos das suas exposições. Esta "ida" ao Porto, só foi possível graças aos seus esmerados serviços...

Jorge Fallorca

Falar de cinema

Sylvester Stallone dá-nos música

TANGO E CASH (Tango & Cash) - R.: Andrei Konchalovsky (EUA, 1989); A: Randy Feldman; F (cor): Donald E. Thorin; Mont: Stuart Baird; M: Harold Faltermeyer; P: Guter-Peter Company/Warner Bros; I: Kurt Russell, Sylvester Stallone, Teri Hatcher, Jack Palance, Brion James, James Hong, Michael J. Pollard, Robert Z' dar, etc. D.: 104 m; Dist.: Columbia/TriStar/Warner; Est.: Alfas, Amoreira, Fonte Nova, King, Las Vegas, Mundial, Politeama, Terminal (Lisboa), Stop, Batalha e Lumière (Porto); e ainda Coimbra, Braga, Setúbal, Aveiro, Queluz, Almada, Cascais, Oeiras, Leiria, Vilamoura, Guarda, Loulé e Funchal (27-4-90); Cl: * (M/16 anos).

Digamos que o mais difícil de encontrar em *Tango e Cash* não é *Rambo* ou *Rocky*, mas sim Andrei Konchalovsky, o autor soviético de *Siberiade* ou *A Felicidade de Assia*, que depois, nos EUA, nos dera obras belíssimas, como *Os Amantes de Maria*, *Comboio em Fuga* ou *Shy People*. É esse autor que se não descobriu, mesmo sabendo-se que abandonou a rodagem a certa altura, sendo substituído por um tal Alberto Magnoli, que completou a encomenda segundo os canones do empreiteiro Stallone. Mas é o nome de Konchalovsky que assina o filme e é ele que dá algumas garantias a quem o vai ver à espera de algo mais do que uma «ramboiada». É

Konchalovsky quem passa por ter aceite o desconchavo de um argumento sem pés nem cabeça, apenas cozinhado para oferecer uma nova imagem do actor (?), entretanto caído em relativa desgraça junto do grande público. Ora a verdade é que de Konchalovsky nada se pressente, para lá de algum «métier», que todavia aqui o não distingue de tantos e tantos realizadores de serviço nos estúdios norte-americanos.

Andrei Konchalovsky

Andrei Mikhailov Konchalovsky nasceu em 1937, na URSS, filho de uma família de artistas. O pai era um poeta famoso, a mãe tradutora e poetisa, o avô materno um grande pintor impressionista, e o bisavô, Vasili Surikov, um dos maiores pintores russos de sempre. O irmão é Nikita Mikhailov, outro grande cineasta soviético, com quem trabalhou em *A Escrava do Amor*.

Estudou cinema em Moscovo, colaborou em filmes de outros realizadores, como Tarkovsky (em *Andrei Rublev*) e, em 1985, estreia-se na longa metragem, depois de ter ganho em Veneza, em 1962, no campo da curta metragem. Após ter rodado *Siberiade*, em 1979, obtém autorização para trabalhar em França e nos EUA. *A Felicidade de Assia*, de 1967, tem bastantes

problemas com a censura soviética, que só liberta o filme para exibição pública em 1978.

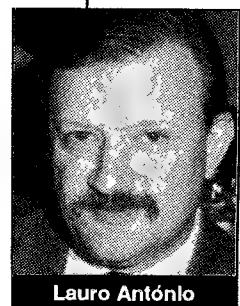
Filmografia:

URSS: 1965: *Pervyi Uchitel*/Primeiro Professor; 1969: *Istoriya Asi Klyachenoi, Kororaya Lyubila, da ne Vyshla Zamuch* (A Felicidade de Assia, na RTP); 1969: *Ovoriuanskoye Gniezdo*/Ninho de Cavaleiros; 10/1: *Dyadya Vanya* (O Tio Vânia); 1974: *Inkenty Smoktunousky*/Roamnce dos Apaixonados; 1977-79: *Siberiade* (Siberiade); nos EUA: 1984: *Maria's Lovers* (Os Amantes de Maria); 1985: *Runaway Train* (Comboio em Fuga); 1986: *Duet for One*; 1987: *Shy People* (Gente Estranha); 1989: *Tango & Cash* (Tango e Cash).

Tango e Cash é assim: Tango é Stallone, é polícia, veste bem, viaja num bom carro, e é considerado o máximo nas esquadras «bem» de Los Angeles. Quando aparece uma notícia sua nos jornais, vem na primeira página, ao alto. Cash é Kurt Russell, é também polícia, veste mal e viaja pior, e muito embora seja tão bom a resolver casos quanto o seu rival, a sua notícia aparece igualmente na primeira página, mas ao baixo. Não se vêem com muito bons

olhos, mas como acontece sempre nestes casos, são chamados a trabalhar juntos e um deles até é capaz de vir «a sair» com a irmã do outro, depois de ambos terem passado por muito e descobrirem os dois que afinal é muito mais o que os une do que o que os separa. No meio disto tudo, grandes cenas de pancadaria, um vilão estúpido como as obras, que prefere prolongar jogos de ratinhos do que acabar logo ali com os polícias que põem em causa os seus ilícitos negócios, uma viagem pelo interior das cadeias de alta segurança, com fuga no momento H, e tudo o mais que se possa imaginar de facilmente previsível. Um monumento ao lugar comum.

Quanto a Sylvester Stallone, pouco a dizer: quando não era obrigado a representar, mas tão somente a mostrar os músculos e levar na cara, como no primeiro *Rocky*, até conseguia por vezes ser simpático. Agora que quer passar por alguém mais «complexo», o seu «jogo histriónico» é de arrepiar e só consegue mesmo ser ultrapassado pelos actores de «Chuvas de Maio», que além disso cantam, numa tentativa de criarem «Os Chapéus de Chuva de Xabregas», com sotaque de Quinta da Marinha.



Lauro António

DESPORTO



Serafim Vieira: líder dos portugueses na «Vuelta»

Ciclismo

Jorge Silva comanda as «volantes» da Vuelta

Serafim Vieira continua a ser o português melhor posicionado na Volta a Espanha, ocupando o 79.º posto da geral a um hora e 29 segundos do líder, (o italiano Marco Giovannetti). Jorge Silva que se encontra no 102.º lugar na geral, mantém a liderança nas metas volantes com 20 pontos, seguindo-se Angel Iglésias com 19. A etapa de ontem (15.ª) foi ganha pelo francês Jean-François Bernard e o melhor ciclista da Sicasal foi o brasileiro Cassio Freitas que cortou a linha de chegada em 11.º lugar a três minutos e 39 segundos do vencedor.

Os portugueses na geral: 1.º Marco Giovannetti (Itá), 65.03,08 horas; 79.º Serafim Vieira, a 1.00,29 horas; 99.º António Pinto, a 1.15,08; 102.º Jorge Silva, a 1.18,34; 106.º Cassio Freitas, a 1.22,36; 109.º José Poira, a 1.25,19; 129.º Manuel Abreu, a 1.40,06; 139.º Fernando Mota, a 1.50,30.

Acácio Silva na Volta à Romandia

Acácio Silva ficou em 22.º lugar no prólogo da Volta à Romandia em bicicleta, disputado num trajecto de 4,6 quilómetros em Moutier, Suíça. Acácio Silva, da equipa italiana «Carrera-Jeans», gastou mais 12 segundos que o vencedor do prólogo, o francês Charly Mottet, cronometrado em 6.04,65 minutos, a uma média de 45,613 km/hora.

Hoje na RTP/2, às 19

Taça das Taças: final na Suécia

No Estádio Ullevål, de Gøteborg (Suécia) disputa-se hoje, pelas 19 horas portuguesas (e com transmissão directa pelo 2.ª canal da RTP) o encontro final da Taça dos Clubes Vencedores de Taças, embebe que coloca frente-a-frente os belgas do Anderlecht e os italianos do Sampdoria. Com arbitragem do suíço Bruno Galler, as equipas devem inicialmente alinhar do modo seguinte:

Sampdoria: Pagliuca; Mancini; Carboni, Vierchowod e Pan; Invernizzi, Lombardo, Katanec e Dossena; Vialli e Mancini.

Anderlecht: De Wilde; Grum, Koolman, Van Tiigelen e Marchoul (Keshi); Mussonda (Jankovic), Gudjohnsen, Degryse e Vervoort; Vanderlinden e Nillis.

Contando no seu «palmarés» com três vitórias na Taça UEFA, o Anderlecht vai disputar pela 1.ª vez a final da Taça das Taças, depois de uma série de fracos resultados nas últimas competições que tem disputado. Cedo afastado da Taça da Bélgica, pelo FC Liège, o Anderlecht tem apresentado um fraco rendimento no

campeonato, encontrando-se já afastado da luta pela vitória na prova quando faltam duas jornadas para o seu final.

O técnico belga Aad de Mos não poderá contar com o concurso de um dos jogadores mais regulares da sua formação, o dinamarquês Henrik Andersen, por estar a cumprir o castigo de um jogo de sus-



pensão, devido a acumulação de cartões amarelos.

Por seu lado o técnico jugoslavo Vujadin Boskov (que comanda o Sampdoria) vai tentar emendar a derrota do ano passado, então perante o Barcelona, quando os transalpinos foram batidos por 2-0. Na turma do Sampdoria não alinhará, desta vez, o médio brasileiro Toninho Cerezo, lesionado num joelho.

Ficaram de mãos a abanar

Sporting e Porto «pendurados» por empresário sem dinheiro

Acontece tudo ao futebol português. A última sucedeu ontem, em terras francesas, na localidade de Fontainebleau (a 45km de Paris) no encontro promovido por um empresário local que desejou brindar os emigrantes lusitanos com um jogo entre Sporting e Porto. As duas turmas lá foram, com os novos cam-

peões nacionais muito desfalcados: Demol e Branco estão em trabalhos das suas selecções, André, Semedo, Rui Águas, Jorge Couto, Madjer, Jaime Magalhães e o próprio treinador Artur Jorge ficaram por cá. Mas, por lá e até ver, continua o dinheirinho dos dois «cachets» que, embora

não devesse ser muito, não conseguiu ser logrado pelas bilheteiras, que somente funcionaram para cerca de 2000 espectadores, na maioria a sentirem-se logrados pela ausência de muitas vedetas que desejavam ver em acção.

Resumindo e concluindo: o jogo só se efectuou duas horas mais tarde do que o horário

previsto, a organização desistiu, partindo para parte relativamente incerta e no «placard» ficou ainda implantada mais uma dupla de zeros. É que, em matéria de golos, nenhum dos «teams» conseguiu acertar na algebeira contrária. A arbitragem do espectáculo transitou agora para a Polícia francesa.

Barcelos em polvorosa

Gil Vicente vai pedir suspensão do campeonato

A decisão do Conselho de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol ao atribuir o triunfo do Belenenses no encontro taceiro do Bonfim, com o Vitória de Setúbal, fez despoletar uma vaga de protestos entre dirigentes e associados do Gil Vicente (de Barcelos) que entendem ver a justiça federativa com medidas diferentes para casos idênticos. Recorde-se que os membros do CJ da FPF mandaram repetir o encontro da Maia que fora suspenso no momento em que o Gil Vicente venceu por 2-0; tendo os maiatos vencido (1-0) o jogo-repetição. No caso do Bonfim, também suspenso no momento em que os azuis triunfavam (igualmente por 2-0) os conselheiros federativos entenderam atribuir vitórias ao Belenenses por 3-0.

Sustêm os dirigentes gilstas que, tratando-se de incidentes iguais (corte de energia eléctrica) deveria ser tomada decisão idêntica, enquanto o dr. juiz Vaz Sequeira (presidente do Conselho de Justiça da FPF) tem opinião diferente: daí sentenças desiguais.

Para o dr. Vaz Sequeira, o caso do Bonfim foi «diferente do ocorrido na partida Maia-Gil Vicente, onde foram fenómenos naturais que obrigaram à interrupção do jogo».

Francisco Dias (presidente do Gil Vicente não concorda: «a única diferença no meio disto tudo é que era um jogo que estava a ser disputado em Setúbal, para a Taça de Portugal, e o outro na Maia, para o campeonato da 2.ª divisão. Na Maia, a instalação eléctrica é nova e faltou porque foi desligada por pessoas que não estavam sintonizadas. A tática foi mal dada, desligando somente as torres». O líder do clube de Barcelos mostra-se contundente nas acusações aos responsáveis pelo Conselho de Justiça, afirmando: «querem prejudicar o Gil Vicente para tentarem evitar um grande problema para a Federação, que seria o alargamento de escalão, pois não têm coragem para dizer que o Famação só vai para a 1.ª divisão se ganhar o campeonato da Zona Norte. Parece que há pessoas vendidas ou comprometidas com esta situação. Para já, vamos pedir a suspensão do campeonato».

to e uma audiência ao Primeiro Ministro».

Os barcelistas estão em polvorosa e parece que com alguma razão, pois o futebol português continua a fornecer vastos temas para comédia. Aí está outra.

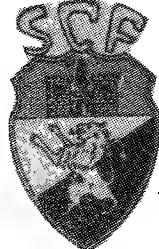
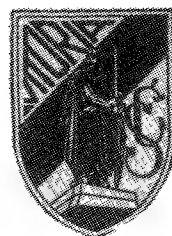
Belenenses na Suíça

O Belenenses é uma das oito equipas que participam no torneio internacional de Chenois (Genebra), a disputar entre 1 e 3 de Junho. A equipa portuguesa está integrada no grupo um, juntamente com o

Genebra, Celtic de Glasgow e Chenois. No grupo dois estão as turmas do Celta de Vigo, St. Etienne, Lokomotiv de Plovdiv e selecção de juniores de Genebra.

Grandes na pesca

Continua o recrutamento de jovens valores por parte dos mais cotados emblemas do futebol maior: o extremo Rebelo (Penafiel) está quase certo no Benfica e o lateral direito (defesa e médio) Neves, do Desportivo de Aves, mora já pertinho das Antas.



Guimarães e Farense em Lisboa

Amanhã há Taça

Disputam-se amanhã os jogos referentes às meias-finais da Taça de Portugal. Pelas 16 horas têm lugar os duelos Estrelas da Amadora-Vitória de Guimarães e Belenenses-Farense.

9.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começaram a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução Ordinária n.º 12 978 1.ª Secção

Exequentes — Maria Alice Fernanda Pinto e Francisco José Pinto

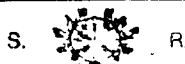
Executados — Serra & Irmão, Lda com sede na Rua D. João I, 31-1.º Dt.ª Almada

Lisboa, 90-4-28

O Juiz de Direito, Fátima Galante

A escrivã adjunta, Maria José Torresi

DL. 9.5.90 — 1.ª Pub



MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL SECÇÃO FINANCEIRA

Faz-se público que no Sec./Financieira desta Direcção — Av. Infante Santo, 49, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

CONCURSO PÚBLICO N.º	DESIGNAÇÃO	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
16/90-Mat 17/90-Mat	AQ. SOB. UMM AQ. SOB. VW	2,5% do valor da proposta	11JUN90 11JUN90	10H00 11H00

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 14 às 17 horas. As propostas devem ser entregues até às 17 horas do último dia útil anterior ao da abertura de propostas.

O CHEFE DA SECÇÃO FINANCEIRA
JOSÉ BERNARDINO DE JESUS ABELHA
Cap.



Ginásio Clube Português: a festa dos 115 anos

Na próxima 6.ª feira, pelas 21 e 15, o Ginásio Clube Português brinde o público da capital com o seu tradicional «Sarau de gala».

Espectáculo gímnico sempre de nível, prima pela inovação e requinte das apresentações do trabalho cuidado de um corpo técnico de alta capacidade no campo desportivo e recreativo do nosso país. Pioneiro da ginástica em Portugal, o Ginásio Clube Português, a (comemorar os seus 115 anos de existência) elaborou para este ano mais um cuidado programa em que predomina a ginástica nas suas variadas facetas, desde as classes de formação, de representação e de competição, passando pela dança, judo, jogo do pau, karaté, trampolins e mesa alemã.

Com o objectivo de prender o público, as principais classes representativas do GCP, irão agarrar às bancadas do lisboeta Pavilhão dos Desportos (hoje pavilhão Carlos Lopes) o público amante dos bons espectáculos desportivos.

Em dia com os factos de maior relevo (a nível nacional) o Ginásio Clube Português tem preparado um fim de festa de homenagem aos 500 anos dos Descobrimentos portugueses, com um cuidadoso ritmo de apresentação de molde ao espectáculo terminar antes da meia noite. Boas perspectivas (pois) para mais uma bela noite desportiva no Pavilhão Carlos Lopes.

Natação de 1.ª nos Olivais

Organizado pelo Clube TAP, foi apresentado à Comunicação Social o «Meeting Internacional de Lisboa», em natação, que vai ocorrer, a 12 e 13 do corrente, na lisboeta piscina dos Olivais. Ponto de destaque: Os alemães-democráticos Ingolf Rassh e Sabine Schulze, considerados como dois dos melhores nadadores europeus da actualidade, vêm actuar em Lisboa, na prova que contará com a presença das selecções da RDA, RFA, Dinamarca, Finlândia, Espanha, Andorra, e ainda do Clube Adeville (de França) e do Garbagnate Nuoto (de Itália), para além dos 32 clubes portugueses, movimentando 276 nadadores masculinos e 184 femininos.

A dois anos das olimpíadas de Barcelona, a competição vai servir como teste e preparação para alguns atletas, cotados como favoritos para os jogos de 1992.

Regatas dos Descobrimentos em todo o mar português

Numa conferência de Imprensa que teve lugar nas Casas dos Bicos (Lisboa), foram apresentadas as Regatas dos Descobrimentos 1990, numa organização da Comissão Nacional dos Descobrimentos Portugueses, Federação Portuguesa de Vela, Clube de Vela Atlântico, Associação Regional de Vela do Centro, Sport Algés e Dafundo, Clube Naval de Lisboa, Clube de Vela de Lagos, Centro de Treino de Mar do Funchal e Clube Naval da Horta. Principais informações: doze classes de vela e ainda barcos tradicionais vão competir nas provas que se realizam nos dias 9 e 10 de Junho.

A edição deste ano das Regatas dos Descobrimentos realizam-se, simultaneamente, no Norte, Centro e Sul do País, Açores e Madeira, com a coordenação técnica da Federação Portuguesa de Vela. Conforme foi anunciado na conferência de Imprensa, estarão em competição embarcações das seguintes classes: cruzeiro, snipe, optimist, vaurent, cadete, mirror, 420, laser, 470, catamaran, windsurf e barcos tradicionais. Integradas nas regatas efectuar-se-ão ainda provas de remo, prancha, kaiak e canoagem.

Vela em Cascais

O 2.º Grande Prémio Silfiducia, inaugurou a temporada de vela do Clube Naval de Cascais, registando a participação de quase duas centenas e meia de velejadores.

Criado com o objectivo de se tornar numa grande festa da vela, à semelhança das «Semanas de Vela de Cascais», o Grande Prémio Silfiducia conheceu o sucesso logo na edição de estreia, em que reuniu cerca de 300 velejadores. Para além de aliar o aspecto desportivo a um animado programa social, esta prova colocou em disputa um Grande Prémio de características invulga-

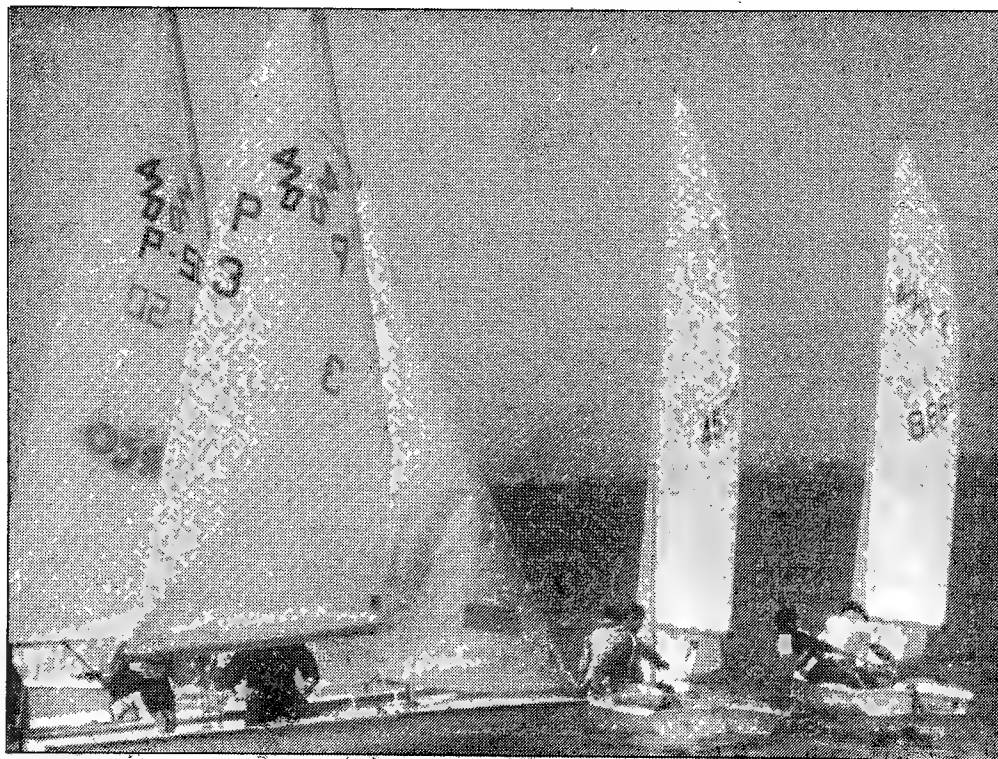
res, no valor de alguns milhares de contos, uma iniciativa da Silfiducia (Mediação Imobiliária) que oferecerá quatro semanas de direito real de habitação periódica num apartamento do Hotel Village Cascais, a título vitalício, ao timoneiro que vencer a prova em três edições consecutivas, ou cinco alternadas, prémio que tem ainda o aliciente suplementar de poder ser permutável por estadias em mais de 1600 unidades hoteleiras de todo o mundo.

Faço ao interesse despertado pela prova, os responsáveis pelo Clube Naval de Cascais optaram por dividir esta 2.ª edição em duas fases, promovendo programas distintos para as classes da vela ligeira e os iates de cruzeiro. Assim, enquanto (no ano passado) o nível de participação global rondou os 300 velejadores, desta feita só as quatro classes da vela ligeira (Optimist, Laser, 420 e 470) levaram a Cascais perto de 250 concorrentes, prevendo-se a presença de outros tantos 2.ª fase da competição, que se realizará nos próximos dias 19 e 20 e que será disputada por mais cinco classes de veleiros, desde os Star aos CHS, e dos APVC aos First Class 8 e Surprise.

Vitórias muito disputadas

Contando com a participação de todos os vencedores do ano passado, as regatas que se disputaram em Cascais (23 no total) ficaram assinaladas por grande competitividade, em que as vitórias apenas se definiram no final.

O único «bis» foi conquistado na classe 470, em que os irmãos Pedro e Jorge Silva (Clube Desportivo de Paço de Arcos) asseguraram a 2.ª vitória consecutiva no Grande Prémio Silfiducia, precisamente na última das cinco regatas disputadas, depois de terem travado um renhido duelo com Nuno Fonseca/Paulo



GP Silfiducia: os «420» nas águas de Cascais

Pott (Mustang 470 Olympic Team) batendo-os por 2,7 pontos de vantagem.

Na classe 420, a liderança começou por pertencer a Luís Rocha/Vasco Sanchez (Associação Naval de Lisboa) mas, a partir da 2.ª das cinco regatas, Hugo Rocha/João Duarte (Ginásio Clube Naval de Faro) e Martinho Fortunato/João Lencastre protagonizaram luta pela vitória, que acabou favorável à equipa algarvia, por uma diferença de 5,3 pontos, enquanto os vencedores do ano passado (António e José Munha, da ANL) não foram além do 2.º posto.

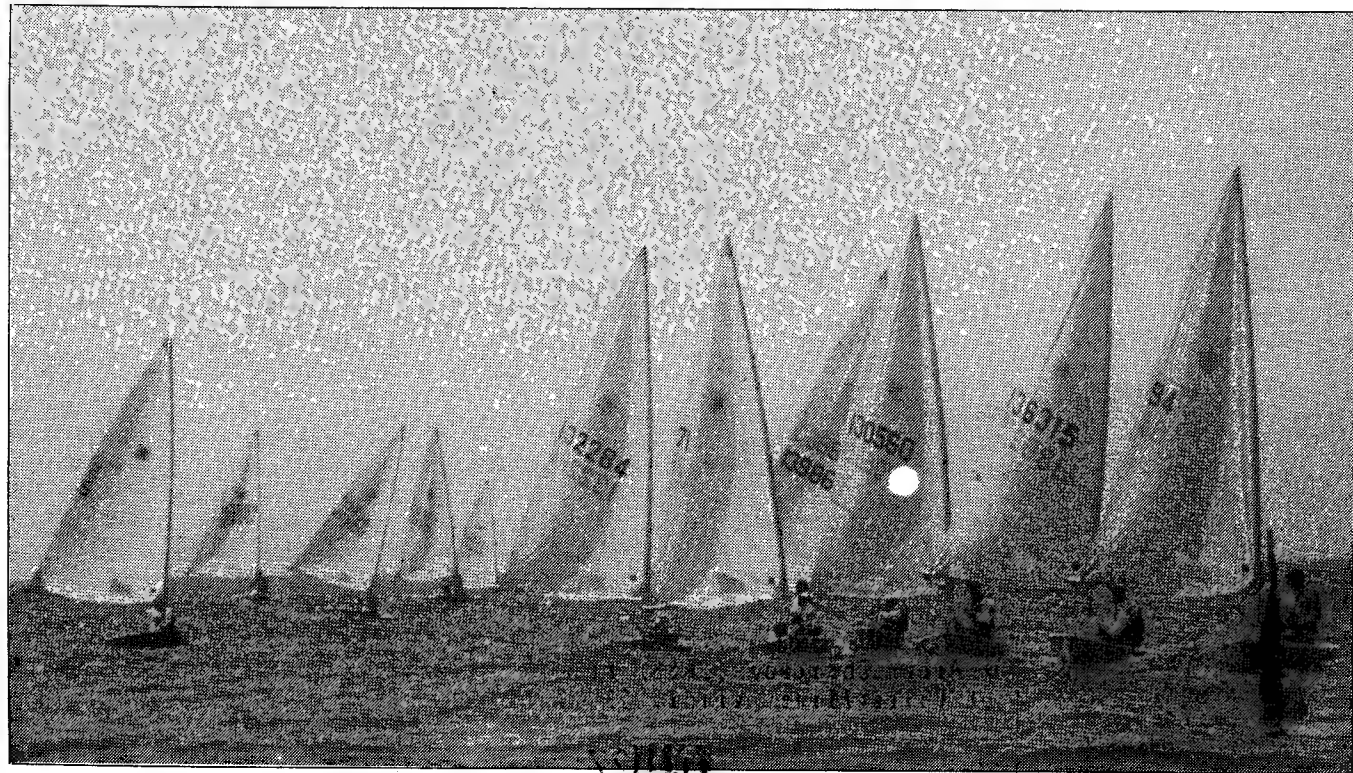
Com quatro vencedores diferentes, em cinco regatas, a classe Laser também não fugiu à regra. A partida para a derradeira prova, a vitória era ainda disputada por Fernando Bello (o vencedor do ano passado) e Vasco Serpa (ambos do VIP Cascais Laser Team) que então estavam separados apenas por 3,3 pontos. Esta diferença favorecia claramen-

te Fernando Bello, pois bastava-lhe secundar o seu adversário para bisar a vitória, pela magra vantagem de 0,3 pontos. Porém, o actual detentor do título ibérico de Laser não foi feliz e, devido a um erro no percurso, seria desclassificado da regata decisiva, facto que o relegou para o 3.º lugar final, atrás de Serpa e de Vasco Passanha, velejador que também representa o VIP Cascais Laser Team.

Quanto à classe Optimist, (que foi integrada no Grande Prémio Silfiducia para disputar a 11.ª edição do troféu eng.º Barros Pereira) a supremacia foi protagonizada pelos velejadores do BESCL Cascais Optimist Team e do Sport Algés e Dafundo, equipas que se evidenciaram pela forma equilibrada com que repartiram entre si a vitória das regatas. Tratando-se da classe de iniciação da vela, os concorrentes dos Optimist competem divididos em dois escalões: e, enquanto Miguel Nu-

nes (Sport Algés e Dafundo), venceu no escalão «A», reservado aos velejadores mais experientes, Jorge Lima, (BESCL Cascais Optimist Team) impôs-se no escalão «B», que reuniu todos aqueles que podem ser considerados como verdadeiros iniciados. Desta forma, Jorge Lima (que frequenta a Escola de Vela Eng.º Barros Pereira, no Clube Naval de Cascais) deixou em «casa» um dos troféus «eng.º Barros Pereira», prestando homenagem àquele que foi um dos introdutores da classe Optimist no nosso país, bem como fundador da escola de vela do CNC.

Classificação na Classe 470: 1.º Pedro Silva/Jorge Silva (CDPA), 6 pontos; 2.º Nuno Fonseca/Paulo Pott (Mustang 470 Olympic Team), 8,7; 3.º Fernando Lopes/José Marnoto (SAD), 16,7;... 1.ª equipa feminina: Cristina Domingos/Carmo Vidoeira (CI-MAV). **Classe 420:** 1.º Hugo Rocha/João Duarte (GCNF), 8,7 pontos; 2.º Martinho Fortunato/João Lencastre (CNC), 14; 3.º Luís Rocha/Vasco Sanchez (ANL), 24,4;... 1.ª equipa feminina: Patrícia Costa/Patrícia Henriques (Team Elle CNC). **Classe Laser:** 1.º Vasco Serpa (VIP Cascais Laser Team), 9 pontos; 2.º Vasco Passanha (VIP Cascais Laser Team), 35,7; 3.º Fernando Bello (VIP Cascais Laser Team), 37,7;... 1.ª equipa feminina: Cristina Rainha (SAD). **Classe Optimist «A»:** 1.º Miguel Nunes (SAD), 0 pontos; 2.º Eduardo Maia (SAD), 16,7; 3.º Gustavo Lima (BESCL Cascais Optimist Team), 17,7;... 1.ª equipa feminina: Susana Lima (CVA). **Classe Optimist «B»:** 1.º Jorge Lima (BESCL Cascais Optimist Team), 3 pontos; 2.º Frederico Pereira (CNMS), 14; 3.º Ricardo Laranjo (CVCN), 17;... 1.ª equipa feminina: Sofia Corte-Real (BESCL Cascais Optimist Team).



Cascais: a classe Laser em desfile

DESPORTO

«Squadra» italiana em reclusão: dois meses de abstinência sexual!

O seleccionador italiano Azeglio Vicini pediu aos jogadores da turma nacional de futebol que se abstenham de manter relações sexuais até ao último dia do «Mundial», a 8 de Julho. «No próximo fim-de-semana termina a liberdade sexual de que gozavam todos os jogadores convocados, iniciando-se um longo período de reclusão que os espera durante o Campeonato do Mundo», afirmou Vicini.

Durante a concentração, no Centro de Estágio de Coverciano, os jogadores devem dedicar o seu tempo único e exclusivamente a treinar-se, concentrando-se na estratégia a seguir e a estudar o jogo dos adversários, acrescentou o seleccionador.

A abstinência sexual dos desportistas, antes e durante um período de alta competição, é um assunto amplamente debatido, mas ainda sem resultados, segundo o técnico transalpino. Durante o estágio, os jogadores vão analisar diariamente «vídeos» das equipas adversárias no «Mundial» (Áustria, Estados Unidos e Checoslováquia) e poderão passear nos jardins do centro, mas sempre controlados pelos

elementos da equipa técnica.

Distinções lá por casa

Diego Maradona foi eleito o melhor futebolista estrangeiro ao serviço de clubes italianos num inquérito do diário desportivo «Gazzetta Dello Sport» aos treinadores e «capitães» das 18 equipas da divisão do «calcio». O jogador do Nápoles venceu a votação para o melhor estrangeiro a jogar no «calcio» há mais de duas épocas (com 118 pontos) seguido do holandês Marco Van Basten, do AC Milão (com 113). O alemão federal Voeller classificou-se na 3.ª posição, com menos de metade dos pontos dos dois primeiros (43). Klinsmann, também da Alemanha Federal, foi escolhido como a revelação estrangeira do campeonato italiano na temporada de 1989-90, (106 pontos), seguido do brasileiro João Paulo (a 9 pontos) e do sueco Limpar (a 45).

Franco Baresi (AC Milão) venceu destacado a eleição para o melhor futebolista italiano do «calcio» (com 119 pontos, mais 70 do que Schillaci, da Juventus, na 2.ª posição). O Roma (100 pontos) foi de-

signado a melhor equipa italiana, seguido da Juventus, do português Rui Barros (77) e do Bari (50). O Nápoles, apesar de ter conquistado o título de campeão nacional, não conseguiu melhor do que o 5.º lugar, a 59 pontos do Roma.

Brasil à porta fechada

O seleccionador brasileiro de futebol, Sebastião Lazaroni, proibiu que os treinos da equipa «canarina» sejam filmados, para evitar que os adversários saibam a tática. Lazaroni afirma ter tomado essa decisão, porque a selecção precisa de trabalhar com mais sigilo, «e se as televisões continuam a transmitir os treinos, o nosso esquema tático será vulnerável».

O seleccionador brasileiro pediu também que seja proibida a entrada de jornalistas estrangeiros nos treinos realizados no Centro de Estágios de Teresópolis e que a Imprensa brasileira tenha acesso limitado a algumas sessões de preparação.

A partir de hoje, o técnico brasileiro conta com 21 dos 22 jogadores convocados (Romá-

rio continua lesionado) e anunciou que vai intensificar o trabalho, com vista ao jogo de domingo, com a selecção da RDA, no Rio de Janeiro.

Martin Vasquez: adeus Real Madrid

O médio Martin Vasquez afirma que vai abandonar o campeão espanhol (Real Madrid) sendo quase certa a transferência para um clube da 1.ª Divisão italiana: «Devo mudar-me para Itália» — declarou Martin Vasquez, a uma estação de rádio espanhola, revelando ter recebido vários convites de clubes italianos e franceses. Torino e Juventus (ambos de Itália) e Marselha, (França) são alguns clubes que terão demonstrado interesse nos serviços do centro-campista do Real Madrid.

Interrogado sobre o seu desentendimento com o presidente do Real Madrid (Ramón Mendonza) relacionado com verbas a pagar ao jogador, Martin Vasquez comentou: «O presidente do clube não sabe avaliar o meu trabalho».

Ténis: o baile dos milhões

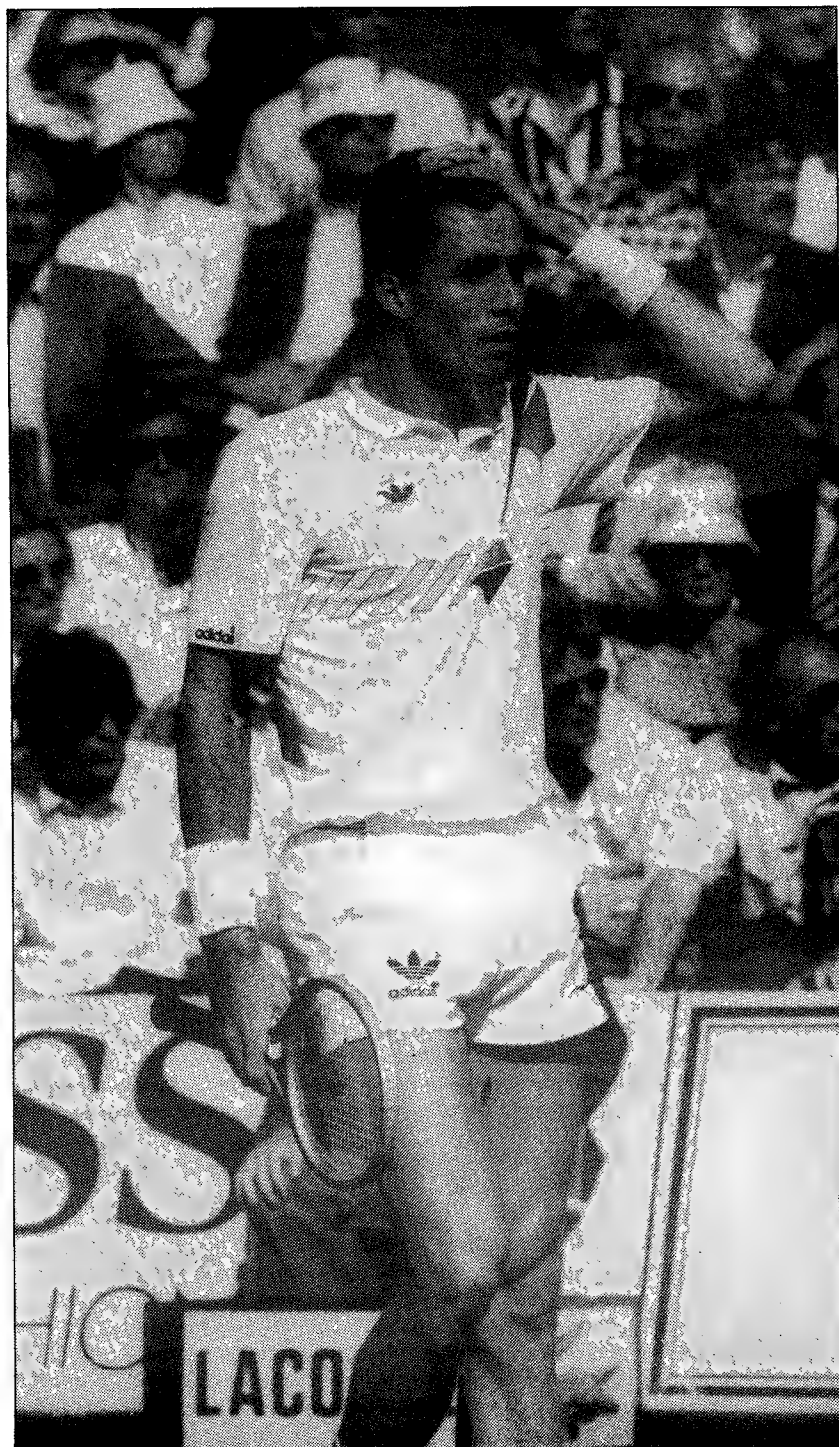
A alemã-federal Steffi Graf lidera o «ranking» mundial de ténis, de acordo com a lista divulgada pela Associação Internacional de Ténis Feminino (WITA), em Miami (Flórida). A classificação das 10 primeiras é a seguinte:

1. Steffi Graf (RFA); 2. Martina Navratilova (EUA); 3. Aratxa Sanchez Vicario (Espanha); 4. Monica Seles (Jugoslávia); 5. Gabriela Sabatini (Argentina); 6. Zina Garrison (EUA); 7. Manuela Maleeva (Suíça); 8. Mary Joe Fernandez (EUA); 9. Katerina Maleeva (Bulgária) e 10. Conchita Martinez (Espanha).

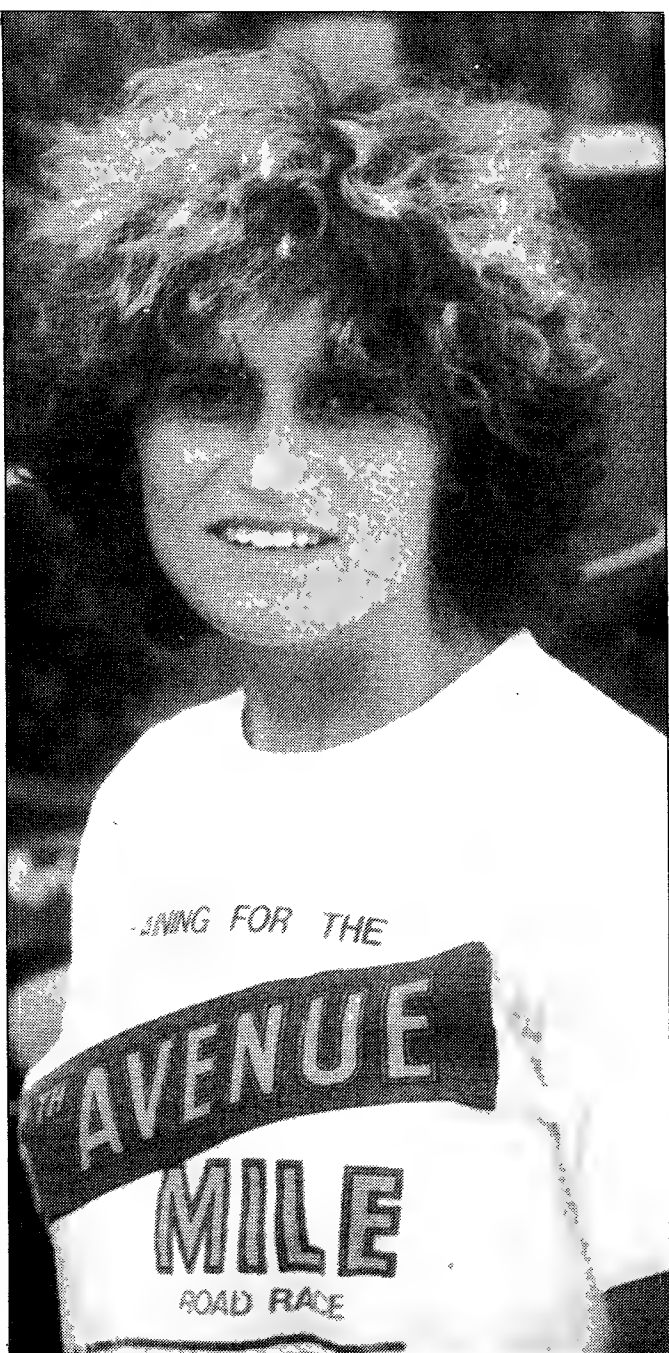
Por seu lado, o checoslovaco Ivan Lendl comanda a tabela de pontos do circuito da Associação de Tenistas Profissionais e a lista dos vencedores de prémios em dinheiro, de acordo com os dados divulgados pela ATP, em Monte Carlo. Tabela de pontos: 1. Ivan Lendl (Checoslováquia), 3073 pontos; 2. Stefan Edberg (Suécia), 2861 pontos; 3. Boris Becker (RFA), 2692; 4. André Agassi (EUA), 1720; 5. Brad Gilbert (EUA), 1632; 6. Aaron Krickstein (EUA), 1492; 7. Andrés Gomez (Equador), 1388; 8. Emilio Sanchez (Espanha, 1362; 9. Jay Berger (EUA), 1271 e 10. John McEnroe (EUA), 1256.

Tabela de prémios em dinheiro

1. Ivan Lendl, 582 757 dólares (cerca de 87 450 contos); 2. Stefan Edberg, 482 642; 3. Boris Becker, 365 106; 4. André Agassi, 289 902; 5. Andrés Gomez, 265 989; 6. Emilio Sanchez, 240 270; 7. Pete Sampras (EUA), 232 175; 8. Brad Gilbert, 214 995; 9. Andrei Chesnokov (URSS) 181 342 e 10. Thomas Muster (Áustria), 173 787.



Ivan Lendl: dores de cabeça?



Conceição Ferreira: 17 mil contos no bolso

Aos 28 anos de idade, Conceição Ferreira obteve um dos mais belos triunfos da sua carreira, vencendo a difícil maratona de Pittsburgh, nas terras norte-americanas da província da Pensilvânia. Cumprindo o percurso da maratona em 2 horas 30 minutos e 34 segundos, a atleta bracarense embolsou a luxuosa quantia de 114 mil dólares (qualquer coisa como 17 mil contos) um dos mais elevados prémios até hoje em jogo nas provas de maratona em todo o mundo.

Duas mortes na maratona de Pittsburgh

A maratona de Pittsburgh ficou marcada pela morte de dois concorrentes, aparentemente devido a problemas cardíacos.

Os veteranos, Jack Niles (60 anos) e Richard Houghh (47) dois especialistas em provas de maratona, foram as primeiras vítimas mortais nos seis anos de história desta prova de Pittsburgh. Hough teve um colapso aos 29 quilómetros, e Niles, que disputava a sua 12.ª maratona, caiu aos 40 km de prova, morrendo ambos no hospital.

Segundo o médico da corrida, durante a prova cerca de 500 dos 1200 atletas concorrentes foram assistidos por desidratação, náuseas, exaustão, vômitos e dores abdominais.

Hóquei em patins: sorteio da Taça

Realizou-se ontem, na sede da Federação Portuguesa de Patinagem, o sorteio dos oitavos-de-final da Taça de Portugal em hóquei em patins, que ditou os seguintes confrontos: Alenquer-Benfica; Turquel-Diana de Évora ou Paço de Arcos; Académica-Sporting; Cucujães ou Barcelos-Sanjoanense; Seixal-Santa Cita; Infante de Sagres-Parede; Gulpilhares-Académica da Amadora e Juventude de Viana-Famalicense ou FC Porto.

Relativamente à eliminatória anterior, será completada hoje com a realização dos seguintes jogos: Famalicense-FC Porto, Cucujães-Barcelos e Diana de Évora-Paço de Arcos.

AGENDA

I Série N.º 106

Dia 9 de Maio

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministério do Planeamento
e da Administração do Território

Portaria n.º 352/90:

Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de director do Departamento dos Serviços Técnicos do quadro de pessoal próprio da Câmara Municipal de Cascais.

Ministério da Justiça

Decreto-Lei n.º 148/90:

Aprova o regime dos agrupamentos europeus de interesse económico (AEIE).

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto n.º 13/90:

Aprova, para adesão, a Convenção sobre Facilitação do Tráfego Marítimo Internacional, de 1965.

PESSOAS & FACTOS

«Mofibel» lança aparelho
que protege o ambiente do lar

A Mofibel - Sociedade Internacional de Comércio e Representações, Lda, exercendo a sua actividade comercial há cerca de 20 anos, vai lançar no mercado português um pequeno electrodoméstico: Kill-Paff, sistema eléctrico multi-uso, moderno e inovador.

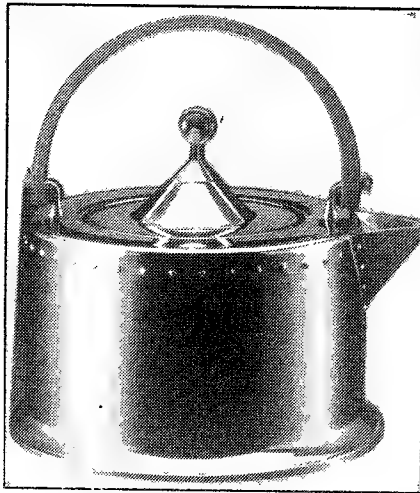
Liga-se à corrente eléctrica, possuindo interruptor e luz de presença, incorpora uma das três recargas com um líquido e barra de carbono, que actua mediante a evaporação com distintas funções: anti-mosquitos, elimina o cheiro a tabaco e perfuma o ambiente.

As recargas duram 360 horas e o aparelho está garantido por três anos.

«Bodum» abre a sua primeira
loja em Portugal

Instalada na Loja 2130 do Centro Comercial da Amoreiras, desde o dia 8 do corrente mês, quando inaugurou a sua primeira loja em Portugal, a «Dobum», prestigiada marca dinamarquesa,

apresenta um bule muito especial, desenhado especialmente por Carsten Jorgensen. É considerada uma das obras mais representativas do moderno design europeu e pode ser comprado na loja do Museu of Modern Art de Nova Iorque e, agora, em Lisboa.

Miele desenvolve
«inteligência artificial»
para máquinas de lavar roupa

A companhia alemã Miele acaba de desenvolver um controlo electrónico para máquinas de lavar roupa. Trata-se da última criação, em termos de «inteligência artificial», que permite melhorar as condições do utilizador sem descurar as condições ambientais.

O novo componente, Novotronic, é aplicado num único selector e proporciona a escolha de um dos 22 programas disponíveis, desde os 95 graus para algodões até aos tecidos mais delicados.

O Novotronic diminui o desgaste do equipamento e indica imediatamente qualquer tipo de avaria, poupando despesas na pesquisa. Efectua, ainda, a centrifugação da roupa a alta velocidade, deixando-a praticamente seca e garante uma operação silenciosa.

HOJE

CONTINENTE

Céu geralmente muito nublado e vento fraco a moderado, soprando de Nordeste no Norte e Centro e de Leste no Sul. Possibilidade de aguaceiros e trovoadas, em especial durante a tarde nas regiões do interior.

Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e com ondulação Sueste de 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Regiões do Norte: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco a moderado de Leste. Nebulinas matinais no litoral.

Regiões do Centro e Sul: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Leste. Aguaceiros especialmente durante a tarde e possibilidade de trovoadas.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Norte, por vezes com rajadas. Aguaceiros, especialmente nas vertentes voltadas ao Norte.

Mar cavado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros na Costa Norte e encrespado ou de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Norte, sendo fraco na cidade do Funchal. Aguaceiros.

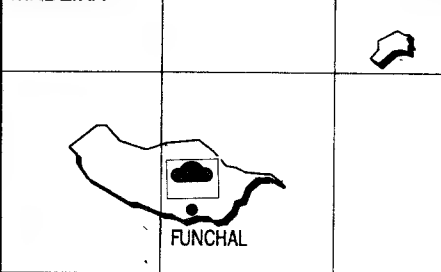
AÇORES

Grupo Ocidental
Céu muito nublado. Vento moderado de Sudoeste. Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação Oeste de 3 a 4 metros.

Grupos Central e Oriental:
Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de Nordeste. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros. **Amanhã**
Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sudoeste no grupo Ocidental onde ocorrerão períodos de chuva e vento fraco ou moderado de Nordeste nos restantes grupos.

Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



Céu limpo

Céu pouco nublado

Céu muito nublado

Chuva

Trovoadas

Neve

Vento

Mar calmo

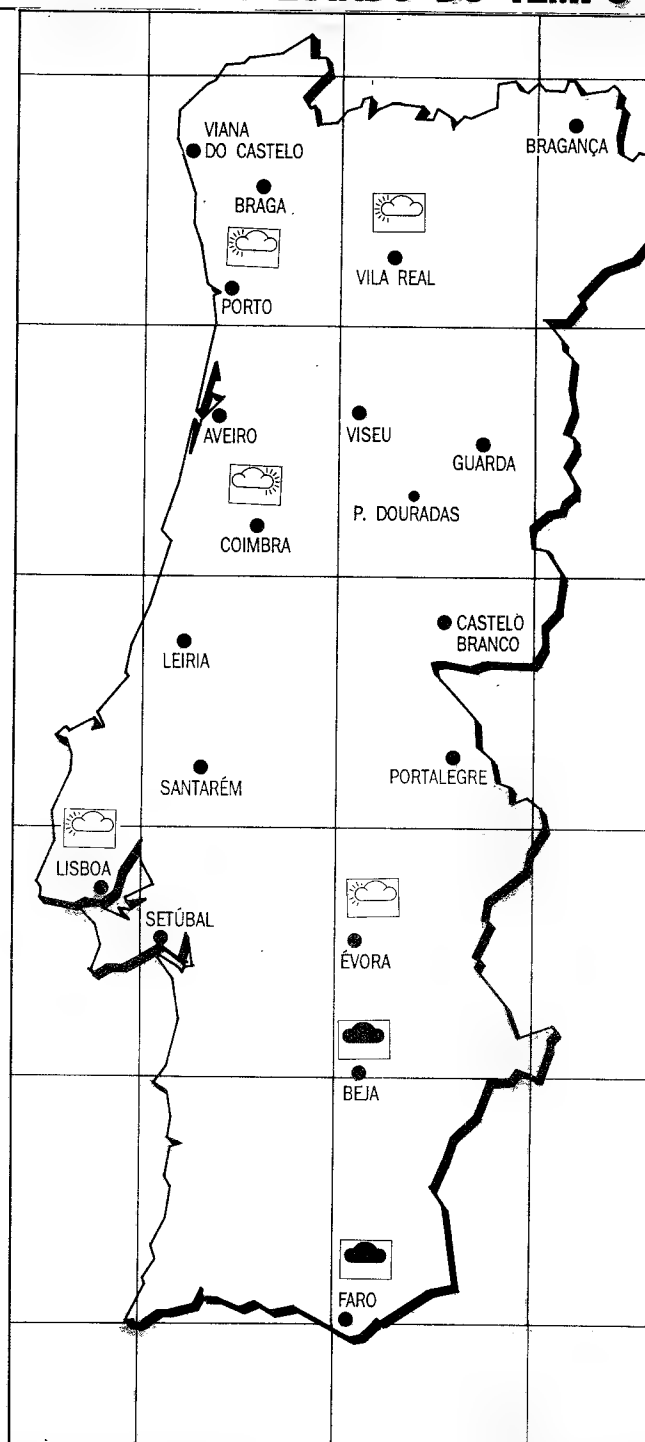
Mar encrespado

MAREZ

Hoje	PREIA-MAR	BAIXA-MAR
00.06	3,4m	08.44 0,9m
15.24	3,5m	21.01 0,8m

Amanhã		
03.43	3,4m	09.15 0,8m
15.59	3,5m	21.33 0,8m

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h Às 18 h	
Bragança.....	10	11	M. nub.
V. Castelo.....	12	16	P. nub.
Vila Real.....	12	13	P. nub.
Porto.....	13	15	P. nub.
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	14	14	Limpo
C. Carvoeiro.....	15	15	Encoberto
C. Branco.....	14	14	P. nub.
Portalegre.....	14	14	Nebulina
Lisboa.....	14	15	Nebulina
Évora.....	14	15	Nebulina
Beja.....	14	14	M. nub.
Faro.....	16	17	M. nub.
Sagres.....	17	17	M. nub.
P. Delgada.....	12	13	P. nub.
Horta.....	15	15	Encoberto
Funchal.....	15	17	P. nub.

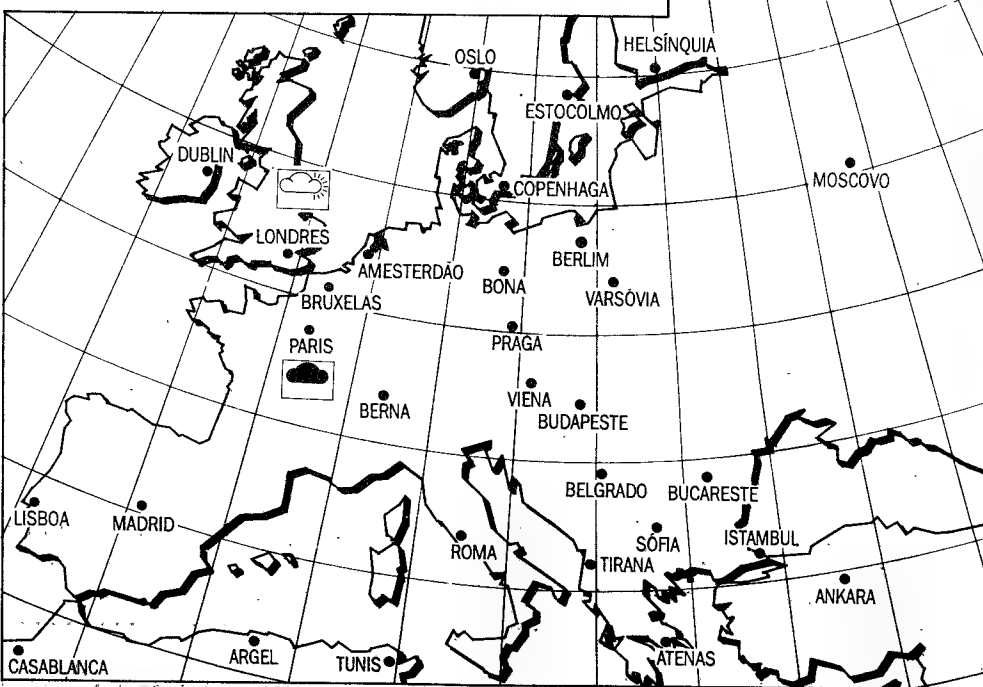
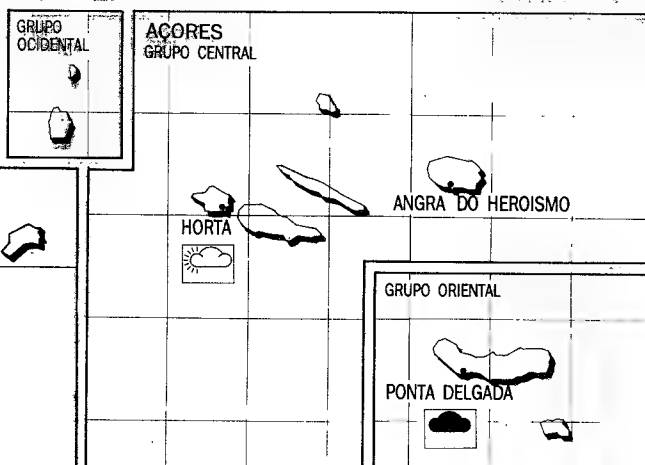
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 25; Porto, 25; Faro, 22; P. Delgada, 19; Funchal, 22.

EUROPA

	Min.	T. 6 h Às 18 h	
Madrid.....	9	9	Limpo
Londres.....	10	10	M. nub.
Paris.....	12	13	M. nub.
Bruxelas.....	12	14	Chuva
Amsterdão.....	11	14	Nebulina
Ginebra.....	8	10	Nebulina
Roma.....	9	12	Nebulina
Oslo.....	10	12	P. nub.
Copenhaga.....	9	15	P. nub.
Estocolmo.....	8	13	P. nub.
Berlim.....	14	16	M. nub.
Viena.....	9	14	P. nub.
Varsóvia.....	8	15	Limpo
Atenas.....	13	18	P. nub.
Moscovo.....	2	9	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago.....	7	25	Quente
Houston.....	13	26	Aguaceiros
Los Angeles.....	18	31	P. nub.
Montreal.....	2	13	Limpo
Nova Iorque.....	8	18	Limpo
S. Francisco.....	10	20	Nebulina
Toronto.....	1	15	Limpo
Vancouver.....	5	15	Limpo
Washington.....	9	18	Limpo
Hong Kong.....	17	26	Limpo
Melbourne.....	11	22	Aguaceiros
Pequim.....	12	22	P. nub.
Perth.....	9	20	Limpo
Singapura.....	24	33	Trovoadas
Sydney.....	13	26	Limpo
Tóquio.....	13	20	Chuva
Wellington.....	9	13	Aguaceiros



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alto São João: Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, Tel. 8143439; Alvalade: Alentejo, Av. da Igreja, 28-B, Tel. 892682; Anjos - Chile: Antolin, Av. Almirante Reis, 88, B-C, Tel. 821773; Av. República: Cardote, Av. Visconde Valmor, 28, A-B-C, Tel. 772291; Baixa - Coliseu: Frazão, Rua Portas Santo Antão, 70-72, Tel. 8147019; Beneficência - Sete Rios: Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 7261035; Cemitério Ingleses: Urbano Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-5, Tel. 662838; Chelas - Liceu D. Dinis: Lopes Cortez, Rua Rui Sousa, Lote 65-A - Loja B, Tel. 8596565; Lapa - Santos: Eduardo A. César, Rua das Trinas, 102-A, Tel. 662631; Lumiar: Nicolau, Calçada de Carriche, Lote 4 - Loja Esq.ª, Tel. 7588727; Picheleira: Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; Santo Amaro - Calvário: Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B, Tel. 3637020; Brandoa - Amadora: Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; Carnaxide: Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; Moscavide: Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; Odivelas: Leitão, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62, Tel. 9320051; Pontinha: Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Ajuda: Moura, Travessa da Memória, 55, Tel. 3630944; Alcântara: Vieira Rosa, Rua

Prior Crato, 72, Tel. 660187; Areiro: Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B, Tel. 884941; Benfca - Estação - Uruguai: Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-B, Tel. 704828; Camões: Sanitas, Praça Luís Camões, 22-24, Tel. 322798; Campo Grande: Nova Iorque, Av. Estados Unidos América, 140-B, Tel. 732069; Campolide: Oliveira, Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; Encarnação: Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; Estefânia: Estefânia, Rua Pascoal Melo, 90, Tel. 544438; Gomes Freire: Salutar, Rua Conde Redondo, 9-B, Tel. 683694; Graça: Monte, Rua Senhora do Monte, 30 A-B, Tel. 867842; São Sebastião: Novais, Av. Luís Bivar, 11-13, Tel. 544324; Xabregas - Madre Deus: Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; Buraca - Amadora: Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; Olival Basto: Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Miraflares, R. Dr. Ant.º Granjo, 2-B, Tel. 2101161. Permanente; Linda-a-Velha: Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; Tires: Guimarães, L. Duartes, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; Alcáideche: Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; Porto Salvo: Ferreira Bas-

tos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; Carcavilos: Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; S. Dom. Rana: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; Malveira da Serra: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; Oeiras: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10, Tel. 4430691. Permanente; Parede: Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 5, Tel. 2477838. Permanente; Sassoeiros: Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; Birre: Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; Madorna: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; Amoreira: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; Estoril: Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h; Cascais: Misericórdia, R. Regimento 19, 41, Tel. 280141. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Melo, P. D. João I, 9-B, Tel. 4932756. Permanente; Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A, Tel. 4932210. Até às 22 h; Queluz: Azeredo, Av. Quinta Mirante, Lote 47-I, Tel. 4350879. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; Cacém: Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; Algueirão:

Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. Até às 22 h; Mercês: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; Rinchoa: Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 926006. Até às 22 h; Sintra: Misericórdia, Pendoa, Tel. 9231070. Permanente; Colares: Abreja, Tel. 9290088; Loures: Sálvia, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Reis, R. Comandante Ant.º Feio, 19, Tel. 2750504. Permanente; Cova da Piedade: Louro, R. Alex. Herculano, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; Monte de Caparica: Guerreiro, Lote 31 - II - Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; Costa de Caparica: Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; Laranjeiro: Moderna, R. Dr. Ant.º Elvas, 8-A, Tel. 2290305. Até às 22 h; Lavradio: Parreira, R. D. Silva Cristina, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; Sesimbra: Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233038. Até às 19 h; Barreiro: Moderna, R. D. Henriqueta Gomes Araújo, 12, Tel. 2073443. Permanente; Baixa da Banheira: Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; Corroios: Abreu Cardoso, B.º Cidade Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; Amora: Nobre Guerreiro, R. Dr. Emílio G. Mendes, 314, Tel. 2212923. Permanente; Seixal: Godinho, L. Igreja, 51, Tel. 2213580. Até às 22 h; Montijo: União Mutualista, R. Almirante Reis, 93, Tel. 2310035. Até às 22 h; Moita: Silva Rocha, P. República, 16, Tel. 2390029. Até às 22 h; Alhos Vedros: Portugal, Av. Bela Rosa, 8, Tel. 2040250. Até às 19 h.

HÁ 20 ANOS



Ampliada a zona de pesca

«As embarcações de pesca portuguesas terão o direito de exercer as suas actividades na zona marítima costeira peninsular atlântica espanhola compreendida entre seis e doze milhas, medidas a partir da linha de base adoptada pela Espanha para a delimitação das suas águas jurisdicionais para efeitos de pesca...» - (...) assim se preceitua no artigo 1.º do Convénio Luso-Espanhol sobre Pesca Marítima e de Cooperação em Matéria Pesqueira entre Portugal e a Espanha, assinado em Madrid...

Manifestação frente à Casa Branca

Para evitar excessos na manifestação pacífica de hoje, em Washington, o presidente Nixon teve um novo gesto de apaziguamento, autorizando que ela decorra no relvado oval, situado a alguns metros apenas do gradeamento da Casa Branca.

Sihanouk: vencedor no plano diplomático

Durante uma entrevista concedida a um representante da Televisão francesa e difundida ontem à noite em Paris, o príncipe Norodom Sihanouk, que apareceu permanentemente sorridente e resoluto, deu provas de um optimismo inabalável quanto à vitória final e de uma confiança que parece fundamentar-se no apoio diplomático da China.

EFEMÉRIDES

1945

• Forças soviéticas tomam Praga (Checoslováquia), no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1950

• Declaração do ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Robert Schuman, sobre a criação da CECA - Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, a primeira das três comunidades europeias a ser lançada (CECA, CEE e EURATOM).

1983

• O presidente português, Ramalho Eanes, inaugura o complexo tecnológico do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (LNETI).

1985

• O Parlamento português recebe, em sessão solene, o Presidente dos EUA, Ronald Reagan, mas 48 dos seus 250 deputados fazem questão de não estar presentes por discordância com a política do presidente norte-americano.
• A PSP é dotada com um novo estatuto.
• O Congresso brasileiro aprova uma emenda constitucional que restabelece as eleições presidenciais directas.

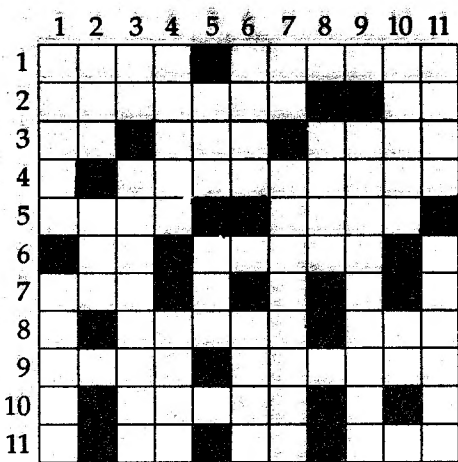
1986

• Ali Agca, o turco condenado a prisão perpétua por ter tentado assassinar o Papa João Paulo II, é hospitalizado devido a uma tuberculose.

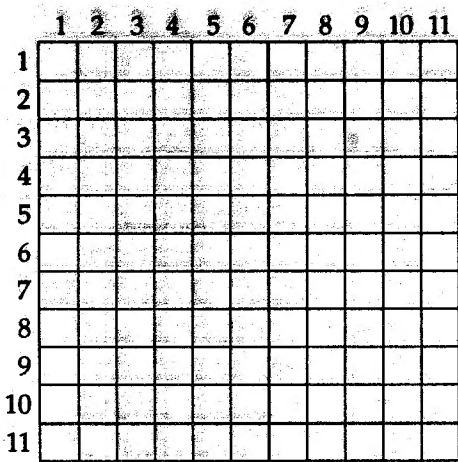
1988

• Sai o número zero do semanário «O Independente».

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17914



PROBLEMA N.º 16724

HORIZONTAIS:

- 1 - Criada de servir. Sombrio.
- 2 - Luto. Alumínio (s.q.).
- 3 - O mesmo que uma (ant. e pop.). Escudeiro. Casta.
- 4 - Gostaram de.
- 5 - Vela de moinho. Metal precioso de cor amarela.
- 6 - Letra grega. Árvore indiana, de fibras têxteis.
- 7 - Tens.
- 8 - Sobe a. Tomba.
- 9 - Dai mios. Transferis para outro dia.
- 10 - Pista.
- 11 - Carta de jogar. Ósmio (s.q.). Rio de Portugal.

VERTICAIS:

- 1 - Vila e concelho do distrito de Beja. Ser humano.
- 2 - Capa sem mangas. Senhora.
- 3 - Cento e um em romano. Sustentara.
- 4 - Some. Esteiros.
- 5 - Oásis. Prorómio relativo.
- 6 - Ressoã. Ave palmípede.
- 7 - Letra grega. Nome de uma casta de uva preta (pl.).
- 8 - Carril, calha de ferro.
- 9 - Aventurara.
- 10 - Calcanhar. Nesse lugar.
- 11 - Prendem com elos. Vive.

HORIZONTAIS:

- 1 - Bobo, homem sem carácter.
- 2 - Pequena barra de ouro que serve de moeda entre os japoneses. Autores. Lavrar.
- 3 - Enfarruscar.
- 4 - Calote (inv.). Amamentar.
- 5 - Despida. Levanto.
- 6 - Besunta. Rio de Itália.
- 7 - Transpira. Despida. Cobalto (s.q.).
- 8 - Duna na Suécia. Existe. Bário (s.q.).
- 9 - Grandes relevos graníticos de 300 metros de altura, na serra da Estrela.
- 10 - Centiare. Sarado.
- 11 - Dai arrotos. Catedrais.

VERTICAIS:

- 1 - Dança e música nacionais da Polónia. Bário (s.q.).
- 2 - Rio da Rússia. Ouro (s.q.). Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh!
- 3 - Racharas. Crómio (s.q.).
- 4 - Segundo filho de Noé e pai de Canaã.
- 5 - Antigo reino da Península Ibérica.
- 6 - Cidade da Arábia Saudita. Ambiente.
- 7 - Partido (pop.). Cidade de Espanha.
- 8 - Galinha de raça pequena (Bras.). Cidade da Ucrânia.
- 9 - Musa que presidia à poesia lírica, e especialmente à poesia erótica. Rostós.
- 10 - Estado da Venezuela. Rio de Itália. Composição poética.
- 11 - Lenço usado pelos romanos para limpar a boca. Costumes.

SOLUÇÃO

N.º 17913

HORIZONTAIS: 1 - OLHOS. Porta. 2 - los. Or. Era. 3 - Vãs. Alongar. 4 - Espanha. Af. 5 - Aos. Ida. 6 - Dado. Usos. 7 - Emala. Rn. Rs. 8 - Sora. Doer. 9 - Rir. Li. 10 - Reais. Sogra. 11 - As. Amassa. VERTICAIS: 1 - VERDES. Rã. 2 - Lias. Amores. 3 - Hospedaria. 4 - Os. Olaria. 5 - Ana. Sm. 6 - OLHOS. DE. 7 - Proas. Ro. SS. 8 - Unelos. 9 - Regais. Riga. 10 - TRAIADOR. 11 - Aar. Assinar.

SOLUÇÃO

N.º 16723

HORIZONTAIS: 1 - Quinteiro. 2 - Urrô. Cruzar. 3 - Erário. Mota. 4 - Baratas. IE. 5 - EC. Urcas. 6 - Amalgamas. 7 - Aliás. Asa. 8 - Anot. To. El. 9 - Nona. Vil. Mi. 10 - Trará. Cabos. 11 - Ea. Leão. Só. VERTICAIS: 1 - Quebe. Zante. 2 - Urraca. Nora. 3 - Irar. Maona. 4 - Nora. Altar. 5 - Itália. Al. 6 - Ecoa. Ga. 7 - Ir. Suástica. 8 - Rum. Rm. Óleo. 9 - Ozo. Caa. 10 - Ateassemos. 11 - Trais. Aliso.

PROVÉRBIO:
OLHOS VERDES,
OLHOS
DE TRAIADOR.

Resolveu completamente este problema?
Procure, agora em segundo passatempo,
o provérbio nele inscrito.

QUARTA-FEIRA, 9 MAIO 1990

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

TANGO & CASH
Filme de Andrei Konchalovsky
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho - T.
806496
MISS DAISY
Filme de Bruce Beresford
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

MISS DAISY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

CRIMES E ESCAPEDELAS
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V

M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

AMOREIRAS 7

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15,
19.00, 21.45 e 00.30

AMOREIRAS 10

CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Sessões às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tamar, 10 - T. 776098
LIGAÇÕES SUJAS
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
ELEIÇÕES SEXUAIS
Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
O BEIJO DO VAMPIRO
Filme de John Oaty
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
CÓDIGO VÍBORA
Com Chris Robinson
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
O POLÍCIA DE MIAMI
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

NEGÓCIO DE FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
ÍDOLOS DO SEXO
Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 545085
NUGGET JIM'S PARTUER
Com Frank Borzage
Às 18.30, seguido de
UNTIL THEY GET ME
Com William Demmond
DIÁRIO DE UMA CRIADA DE QUARTO
- Filme de Luis Buñuel, às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1

Est. de Benfca 503 - T. 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.45, 16.30,
18.45 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037
AUDITÓRIO 1
FILHA DA MÃE
Filme de João Canijo

M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2
O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA
MULHER E O AMANTE DELA
Filme de Peter Greenaway
M/18 anos - Às 14.00, 16.30,
19.15 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
CRIMES E ESCAPEDELAS
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
CRIMES E ESCAPEDELAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
LUA-DE-MEL ATRIBULADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
ONDE MORREM OS VALENTES
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
CONCURSO SEXUAL
Filme porno
M/18 anos
Sessões continuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2

FILHA DA MÃE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.ª Antão - T. 326305
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
O MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridan
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3

CRIMES E ESCAPEDELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

O COZINHEIRO, O LADRÃO,
A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2

HENRIQUE V

M/12 anos - Às 13.30, 16.15,
19.00 e 21.45

SÃO JORGE 3

MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.15 e 21.30

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
COMO O CÉU SE ENGANOU
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfca, 723-A - T. 706666
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE

Telef. 2752127
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DE CAPARICA CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado
T. 2905011

Sala 1
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
BLAZE - AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45



COMUNA - TEATRO DE PESQUISA 18.º ANO
PRAÇA DE ESPANHA - RESERVAS TEL. 726 08 18

NO ESPAÇO DO **CAFÉ-TEATRO***

SEXTA-FEIRA

11 de MAIO

23, 30 h

RECITAL UNICO

SIMONE

FESTIVAL DA OTITE!

SABADOS ÀS 24 h APOIO SAMSUNG

VIVA A ALEGRIA

Alegre Show Infantil que está a percorrer o País, não deve deixar de oferecer este espectáculo às crianças da sua localidade.

Preços especiais para Câmaras, Juntas de Freguesia, Escolas e Comissão de Festas; SHOW com Música — Canções, Ilusionismo, Palhaços, Ventriloquia, Grupo Tempo Útil, etc...

Solicite a nossa Cassete Vídeo com todo o Show Filmado ao Vivo.

Reservas pelos Telefones: 54 05 32 - 54 33 12 - 989 45 84 - 92 75 50 93, ou: — VIDEOPAX - ESPECTÁCULOS, Rua Pinheiro Chagas, 19-A, Sala 214 — 1000 Lisboa.



TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

CENAS

D
A
V
I
D
A
D
E
B
E
N
I
L
D
E

Subsídio SEC

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE JOSÉ RÉGIO

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

COM: ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JÚLIO MARTIN, RUY FURTADO

Em cena de terça a sábado às 21.30
Matinéas aos sábados e domingos às 16.00
Marcações pelos telefones 875626 e 875800



«COME-COME —
SOCIEDADE
COMERCIAL DE
ALIMENTAÇÃO,
LIMITADA»

CERTIFICO narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 22 de Novembro de 1989, lavrada a fls. 86 e seguintes do livro de «escrituras diversas» n.º 45-B, das notas do Cartório Notarial de Algués, e com respeito à sociedade comercial com o tipo de sociedade por quotas, com a denominação em epígrafe e sede em Lisboa, na Rua de Pedrouços, n.º 71-A, freguesia de Santa Maria, de Belém, concelho de Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 51 857, com o capital social de 100 000\$00, pessoa colectiva n.º 500 719 160, aumentou o capital social para 400 000\$00, através do reforço de 300 000\$00, efectuado pela modalidade de «entradas em numerário», subscrito por ambos os sócios, Gustavo José Almeida Ribeiro de Oliveira e Maria Isabel Lopes Queiroz, com a importância de 150 000\$00, cada um e, como consequência alterou parcialmente o pacto social quanto ao Artigo 3.º, o qual passou a ter a seguinte nova redacção:

ARTIGO TERCEIRO:
O capital social é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, inteiramente realizado em dinheiro e, corresponde à soma de duas quotas iguais de duzentos mil escudos, cada uma, pertencendo uma a cada sócio.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL NA PARTE RESPEITANTE.

Algués, Quinze de Dezembro de mil novecentos e oitenta

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

15.45 - MATINÉE: «MEU IRRESISTÍVEL SELVAGEM»

Um filme de Jean-Paul Rappeneau, com Yves Montand, Catherine Deneuve, Luigi Vannucchi, Tony Roberts, Dana Wynter e Bobo Lewis. Trata-se da terceira longa metragem de Rappeneau e assinala o seu reencontro com Catherine Deneuve, que já dirigira em «Escândalo no Castelo». Comédia bizarra, «Meu Irresistível Selvagem» serve de exemplo de um cinema que sabe tirar partido da popularidade das suas vedetas, não abdicando de uma dimensão crítica. Deste modo, Rappeneau confirmava a coerência da sua trajectória, reafirmando-se como um cineasta capaz de produzir um humor calculadamente corrosivo, tendo por objecto principal as formas de convivência social.

17.30 - A HORA DO LECAS
18.30 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO

3º episódio

19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO

108º episódio

21.30 - LOTAÇÃO ESGOTADA

«Quatro Amigos»:

Um filme de Arthur Penn (EUA, 1981), com Craig Wasson, Jodi Thelen, Jim Metzler, Michael Huddleston, Reed Birney e James Leo Herlihy. Arthur Penn é um cineasta norte-americano surgido nos finais dos anos cinquenta intimamente ligado a essa prodigiosa escola de representação que é o Actor's Studio que trouxe para o cinema americano uma certa renovação das suas formas clássicas ao longo da década de sessenta em filmes tão ineqüívocos quanto



O jogo de futebol Anderlecht-Sampdoria para a final das Taça das Taças, no 2º Canal a partir das 18.55

marcantes desse período, como sejam «Bonnie e Clyde» ou o «Pequeno Grande Homem»

23.50 - 24 HORAS
00.20 - UM DIA...
00.25 - REMATE
00.45 - CARTAS DE HUMOR
Com Maria Adelina



No 1º Canal, às 18.30, «O Sítio do Pica-Pau Amarelo»

RTP-2

16.30 - O LICEU DEGRASSI
17.00 - UM MISTÉRIO MISTERIOSO
17.25 - A ROTA MARÍTIMA DA SEDA
18.15 - TELEMERCADO
18.30 - VIA RÁPIDA
18.55 - ESPECIAL DESPORTO
Final da Taça das Taças em futebol: directamente de Gotemburgo, imagens do jogo integrado nas competições organizadas pela UEFA. Este ano cabe ao Anderlecht, da Bélgica, e à Sampdoria, de Itália, discutirem a posse do troféu.
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
22.10 - O RISO DE CAIM
23.10 - SÉCULO XX
«Os alemães na 2ª Guerra Mundial»

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.45 - FILHOS E FILHAS
15.10 - AGORA ESCOLHA!
16.35 - OS CENTURIÕES
16.55 - NOVO ELUCIDÁRIO MADEIRENSE
17.25 - OS DESAFIOS DA LEI
18.15 - TELEMERCADO
18.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Reviver o passado em Brideshead»
20.45 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
21.50 - SINAIS DO TEMPO
22.55 - 5ª DIMENSÃO
23.15 - UNIVERSIDADE ABERTA

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



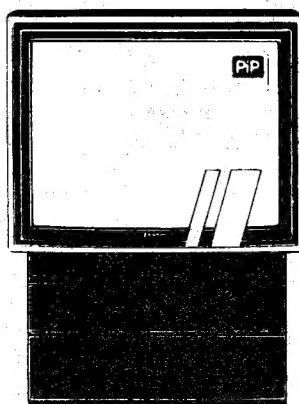
AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
1º episódio
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - UM ANJO NA TERRA
14.15 - O MUNDO ANIMAL
14.45 - PONTO POR PONTO
15.35 - MATINÉE:
«UM ESTRANHO NO PARAÍSO»
17.30 - A HORA DO LECAS
18.30 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - NOME DE CÓDIGO KYRIL
22.10 - CONVERSAS VADIAS
22.40 - MURPHY BROWN
23.10 - 24 HORAS
23.40 - UM DIA...
23.45 - REMATE
24.00 - CARTAS DE HUMOR

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença





QUARTA-FEIRA, 9 MAIO 1990

«O PSD (...) propõe que se mudem as regras do jogo, de forma a ganhar na 'secretaria' o que perderia em eleições limpas»

Editorial de «O Diário», 08.05.90

A PERGUNTA DO DIA



Francisco Pinto Balsemão, Administrador do «Expresso»

Quais poderão ser os benefícios, para a comunicação social portuguesa, da sua eleição para presidente do Instituto Europeu para os Media?

«O Instituto Europeu para os Media é um organismo privado de vocação europeia.

A sua actividade exerce-se, portanto, essencialmente, a nível da Europa, com o objectivo de debater e propor políticas em matéria de comunicação e de realizar projectos de pesquisa sobre temas concretos relacionados com o papel dos media e a sua influência. Isso não significa que, pertencendo, agora, a presidência a um português, não possa haver um esforço no sentido de, sempre numa perspectiva europeia, introduzir temas que interessem mais especificamente a Portugal, como pequeno país e como portador de uma língua e de uma cultura que transcendem as fronteiras do nosso continente.

Acima de tudo, porém, o que interessa é prosseguir a obra já valiosa do Instituto, alargando as suas actividades para a Europa de Leste, dinamizando o Fórum Europeu da Televisão e Cinema, produzindo novos estudos acerca de questões relacionadas com a implantação e evolução da Imprensa e da rádio, da televisão e dos novos meios de comunicação na Era da Informação.»

MEDIA

Passeiam-se de câmara na mão e filmam tudo o que mexe. São os novos «videastas» e as suas obras, quantas vezes tremidas e trapalhonas, estão a fazer sucesso nas televisões americanas e francesas

Os novos fazedores de imagens

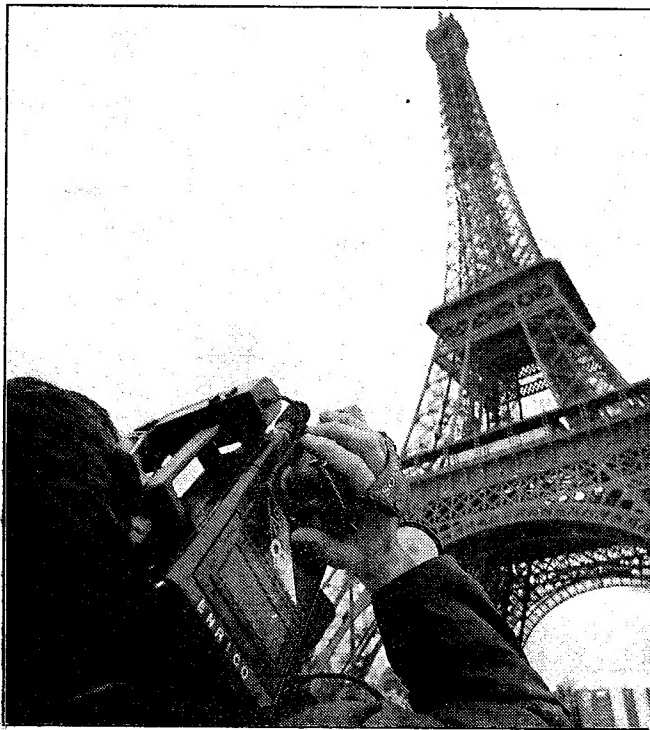
A velha cena do «olha o passarinho», do sorriso para a fotografia está a cair em desuso. Na verdade, já pouca gente se contenta em levar para casa uma foto, como recordação das férias. As pessoas querem mais: querem imagens animadas, filmes. Em França, mais de 650 mil famílias possuem já câmaras de vídeo amador, substituindo os tradicionais álbuns por videote-cas onde o casamento da filha, o aniversário da prima ou a viagem a Espanha rivalizam com os clássicos do cinema.

Estas obras, frequentemente mal feitas, tremidas, atravessadas por um passeante mais distraído que não reparou nas filmagens constituem, tal como outrora aconteceu com o Super-8, a memória animada de uma vida.

O fenómeno começou a fazer-se sentir em 1985 e, segundo um estudo de uma revista francesa da especialidade, só entre 1987 e 1988 as vendas aumentaram 72 por cento. Esta tendência, encorajada pela gradual descida de preço dos aparelhos, tem-se vindo a confirmar de então para cá. O aumento da procura provocou, naturalmente, um acréscimo e diversificação da oferta. Actualmente, existem 46 modelos diferentes, em seis formatos: 8mm, VHS, VHS-C, S-VHS, S-VHS-C e a pequena Hi-8, que oferece uma definição de imagem fora do comum. Quanto às marcas, a Sony aparece em primeiro lugar, com 32 por cento do mercado, logo seguida da JVC, da Canon, da Panasonic e da Hitachi, para citar apenas algumas.

A proliferação de câmaras para amadores aumentou, entretanto, as suas exigências de perfeição e, hoje em dia, já não é raro encontrar quem possua mesas de montagem. O seu preço, que oscila entre os 260 e os 520 contos, tem levado muitos vídeo-amadores a juntarem-se para as adquirir em conjunto.

Foi desta forma que nasceram as primeiras associações de curiosos do vídeo que, em França, existem já às dezenas. A Cyclopolis é uma dessas organizações, que se candidatou já a um canal a ser difundido pelo satélite TDF 1, estando igualmente interessada em obter uma rede de difusão por cabo na região de Paris. Paralelamente, a Cyclopolis criou uma estrutura destinada a ajudar os amadores que querem ir mais longe nas suas produções: a Vidéadoc. Ali, os possuidores de câmaras têm acesso gratuito a todo o tipo de documentação e ensinamentos práticos. Para tanto, basta que apresentem, por escrito, um projecto para um filme que os técnicos da Vidéadoc ajudam a realizar. Este processo está a



criar verdadeiros videastas que reclamam o estatuto de artistas e estão a criar um pequeno mundo da criação em vídeo.

O sucesso das filmes «caseiros» começou já a interessar as próprias cadeias de televisão. Muitas estão a abrir as suas emissões aos filmes amadores que, depois de remontados, são transmitidos em programas especialmente criados para o efeito. Um bom filão a explorar, se tivermos em conta que as estações nada pagam aos autores das obras.

Nos Estados Unidos este tipo de programas está a alcançar um êxito inesperado. «America's funniest home videos», por exemplo, é, neste momento, um dos programas favoritos dos americanos. Sem grandes estrelas, câmaras sofisticadas, técnicos especializados ou argumentos elaborados, estes filmes conseguiram, no passado mês de Março, alcançar a pontuação de 22,6 na famosa medição de audiências televisivas Nielsen.

As emissões começaram em meados de Janeiro, na cadeia ABC e, todas as semanas, chegam às suas instalações entre 700 e 1700 cassettes. Há de tudo: pequenas dramatizações, incidentes domésticos, paisagens e viagens e, sobretudo, muitas crianças. Este sucesso está, contudo, a ter também os seus lados negativos pois, para conseguir um bom «apanhado» muitos pais põe os seus filhos em situações perigosas.

O prémio para este esforço é de 10 mil dólares para o primeiro classificado e câmaras de vídeo RCA para os outros. O stock parece ser inesgotável pois, só no último ano, a venda de aparelhos duplicou e espera-se que aumente para o quintuplo dentro dos próximos três anos. Um investimento bastante rentável para as cadeias de televisão: os seus produtores estão já a tentar vender os direitos desta emissão para o estrangeiro.

«DL»/«Le Monde»

meteorologia

À procura do cachecol perdido

Gosto de cachecóis. Gravatas não são comigo. Os cachecóis sim. Os cachecóis, os cachimbos, as camisas. O resto é-me bastante indiferente. Porque assim é, não sei. Mas deve ter as suas razões... que a razão desconhece.

Gosto de cachecóis. Quanto mais velhos, mais ligados ao uso do tempo que era meu. Cada objecto, pequena epopeia: fazem parte das minhas relações. São-me essenciais? Em todo o caso fazem parte de um discurso existencial e psicológico. São objectos pessoalizados.

Quando cansado, a tendência para perdê-los aumenta. Como se, simbolicamente, fosse perdendo com eles a mim próprio; o cansaço pela fadiga geral ou pelo contrário, pela grande concentração numa única tarefa que não me dispensa para o resto. Porém, o resultado é o mesmo.

Assim, na semana passada perdi dois cachecóis, dos mais preciosos, porque mais velhos. Voaram. Um azul, desaparecido algures no jardim da Gulbenkian, entre a verdura cezanniana. Outro vermelho, simbolicamente *ma non troppo* no dia 1.º de Maio, num passeio por Linda-a-Velha. O valor deles é objectivamente mínimo. No entanto, o valor acrescentado por tudo o que expliquei, objectivamente parasitário, é outro.

Procurei-os, várias vezes detectei com a máxima fidelidade os meus passos, senti-me como no labirinto à procura de Ariana — e agora sei que nunca mais retomo a sua posse. Posso comprar objectos parecidos? Mas o parecido é o oposto deles.

Sem solução, posso apenas escrever o que escrevo. Ao escrever, consolo-me em parte. Perdendo os cachecóis, começo a compreender o sentido da escrita. É ela que preenche as perdas e danos. Sara o desconforto. Sem isso, seria apenas uma técnica, escrever.

Seja como for, se alguém souber... um era azul velho, outro de vermelho deslavado e de linhas amarelas contornado.

Jorge Listopad

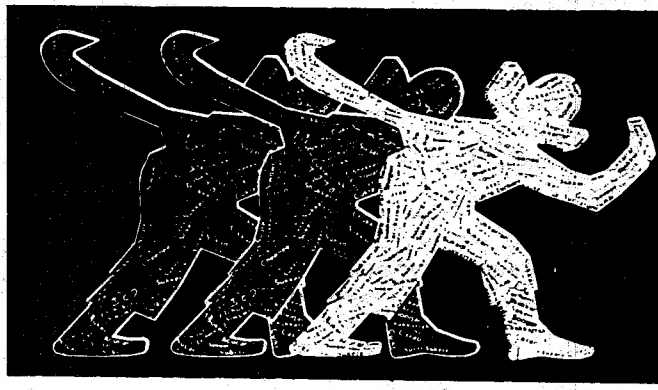
Quinta-feira no

Diário de Lisboa

«Jornal de Notícias» na Bolsa de Valores

A sentinela do desfiladeiro das águas

O pecado do tabagismo



A.M.A.

Auto Monumental do Alentejo

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75